

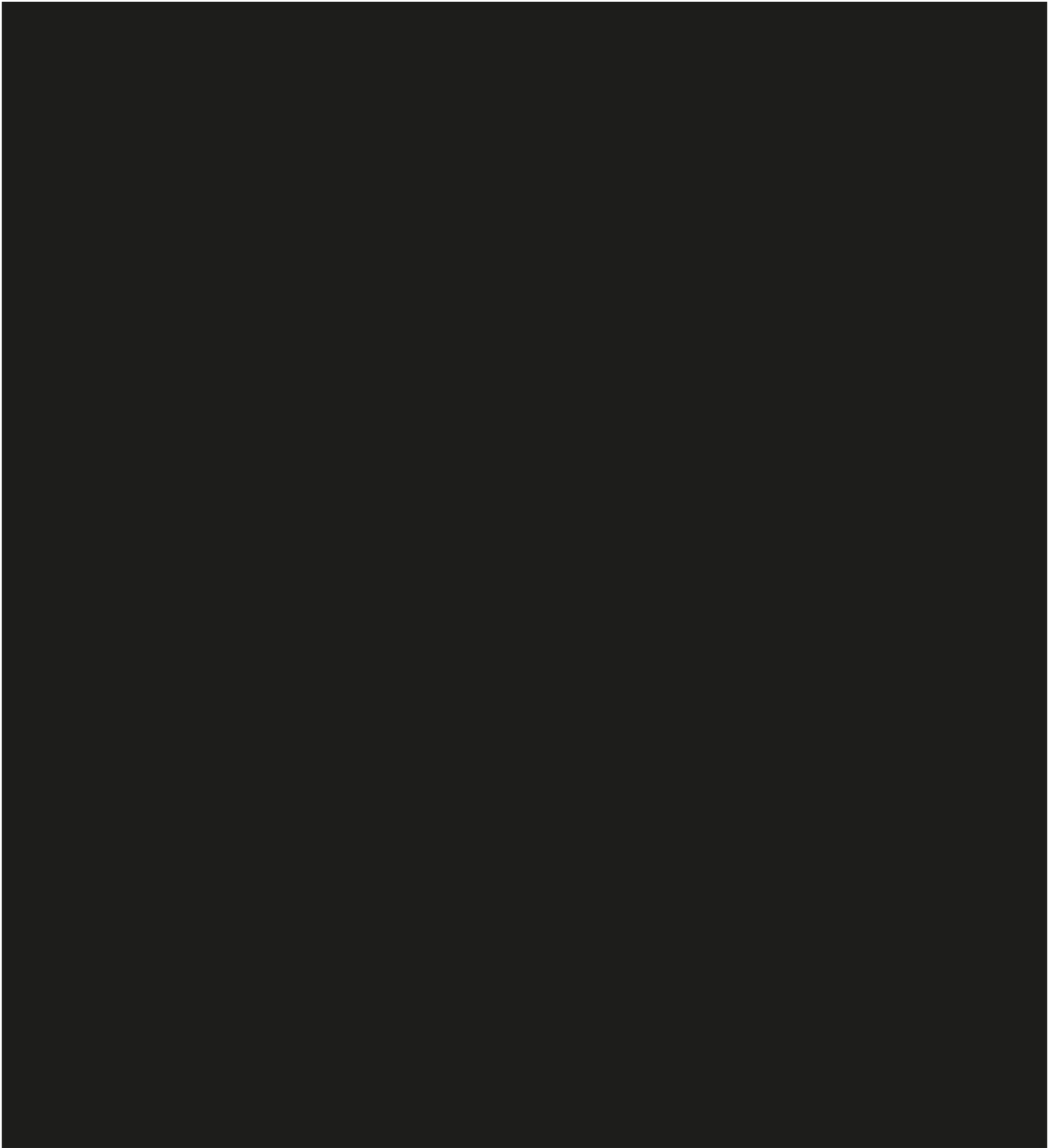
Edgar Allan
POE

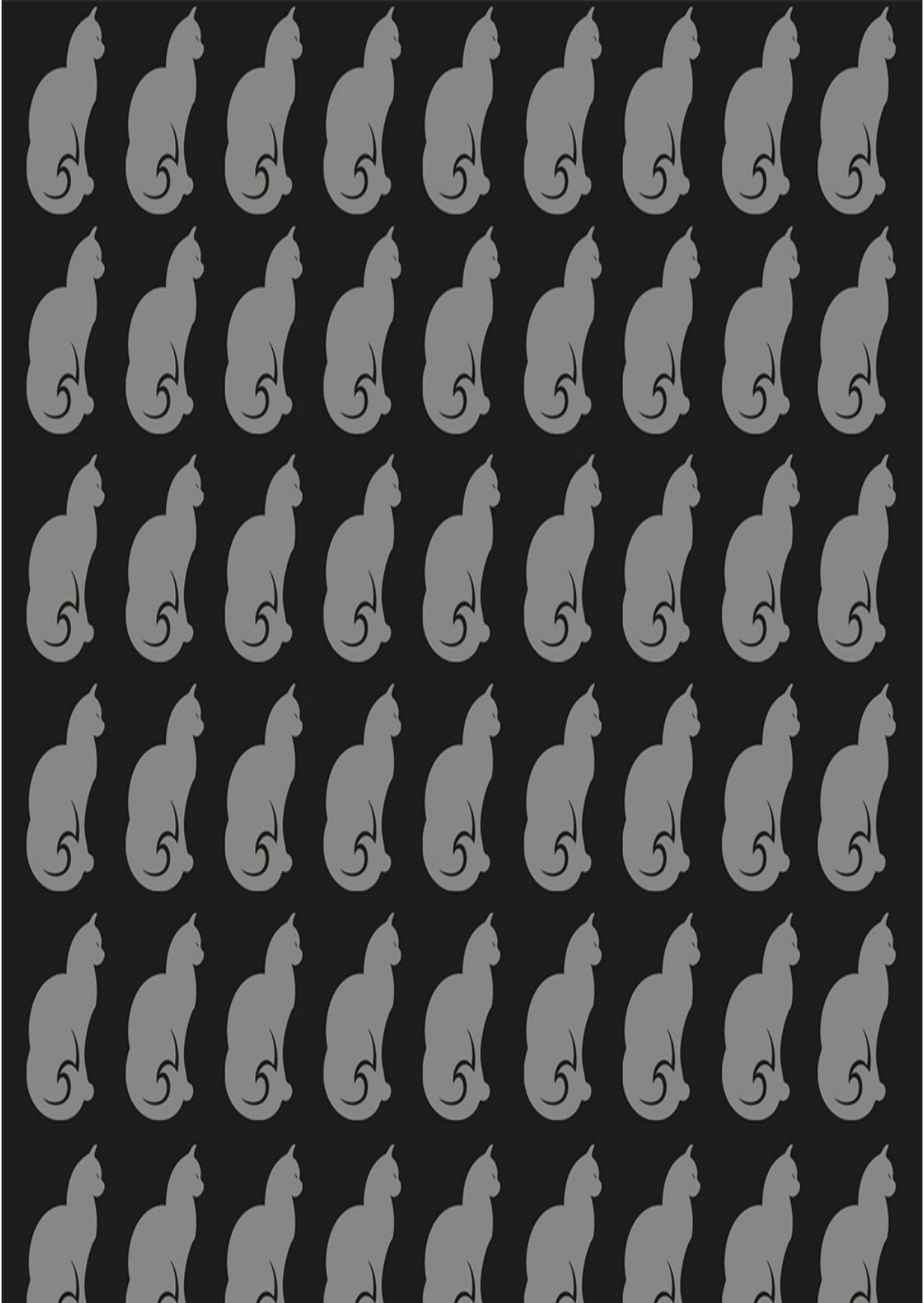


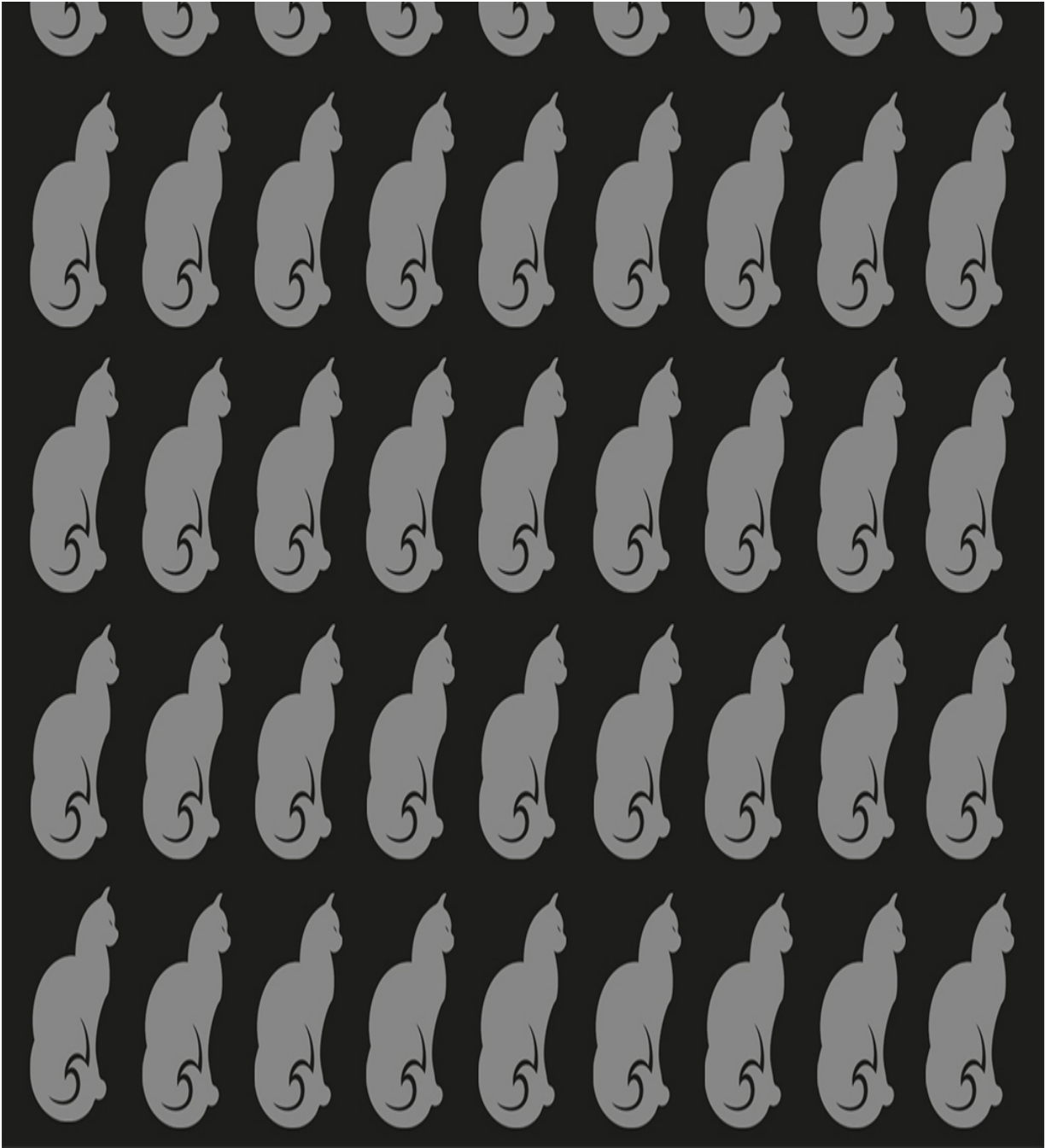
O GATO PRETO
e outras histórias













EDGAR ALLAN
POE

Onata pyeta e mitras

O que para outros
historias extraordinárias



CHRONOS

Todos os direitos reservados
Copyright © 2018 by Editora Pandorga
Título original: *The black cat*

Direção Editorial

Silvia Vasconcelos

Produção Editorial

Equipe Editorial Pandorga

Tradução

Marta Fagundes: Ligeia

Fatima Pinho: O Gato Preto, Pequena Conversa com a Múmia

Juliana Garcia: A queda da Casa de Usher

Revisão

Equipe Editora Pandorga

Capa e Projeto gráfico

Lumiar Design

Produção do arquivo ePub

fkeditorial

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Ficha elaborada por: Tereza Cristina Barros - CRB-8/7410

Poe, Edgar Allan, 1809-1849.

O gato preto e outras histórias extraordinárias / Edgar Allan Poe ;
[tradução Marta Fagundes, Fátima Pinho] -- 1.ed. -- São Paulo :
Pandorga, 2018.

112 p. ; 14 x 21 cm.

Título original: The black cat.

ISBN 978-85-8442-277-7

1. Histórias de terror americana. I. Título.

Índices para catálogo sistemático:

2018

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À

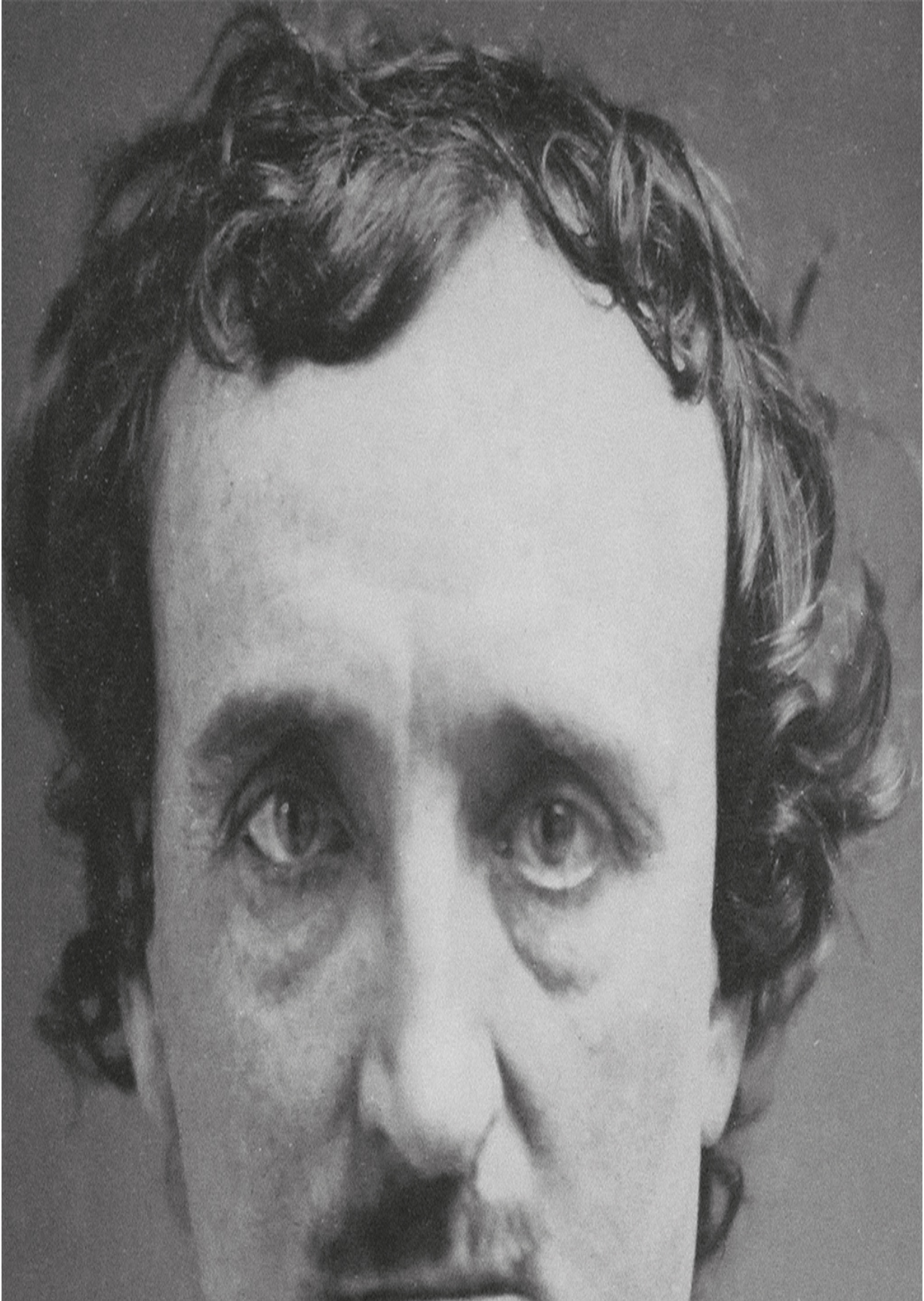
EDITORA PANDORGA

RODOVIA RAPOSO TAVARES, KM 22

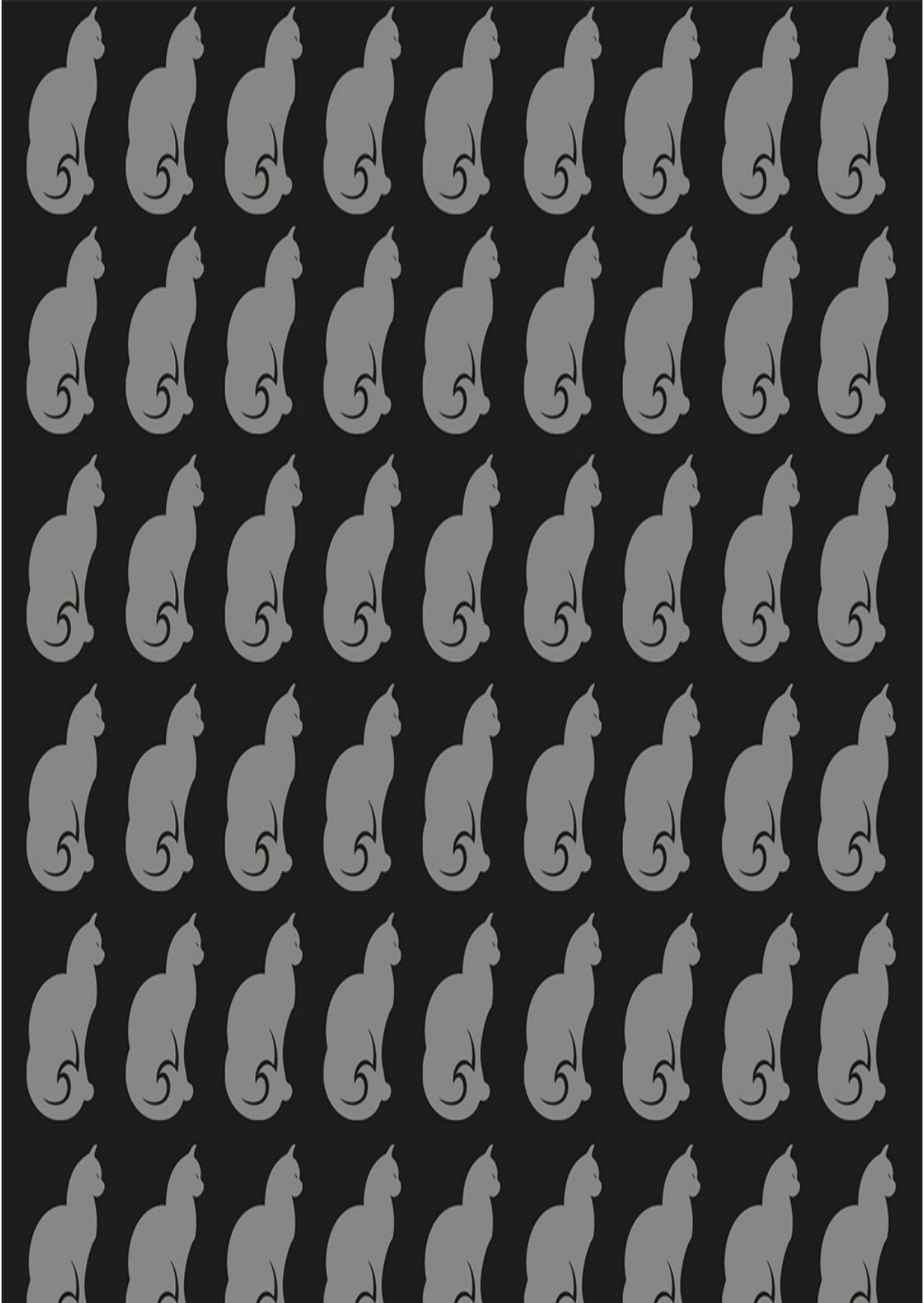
GRANJA VIANA – COTIA – SP

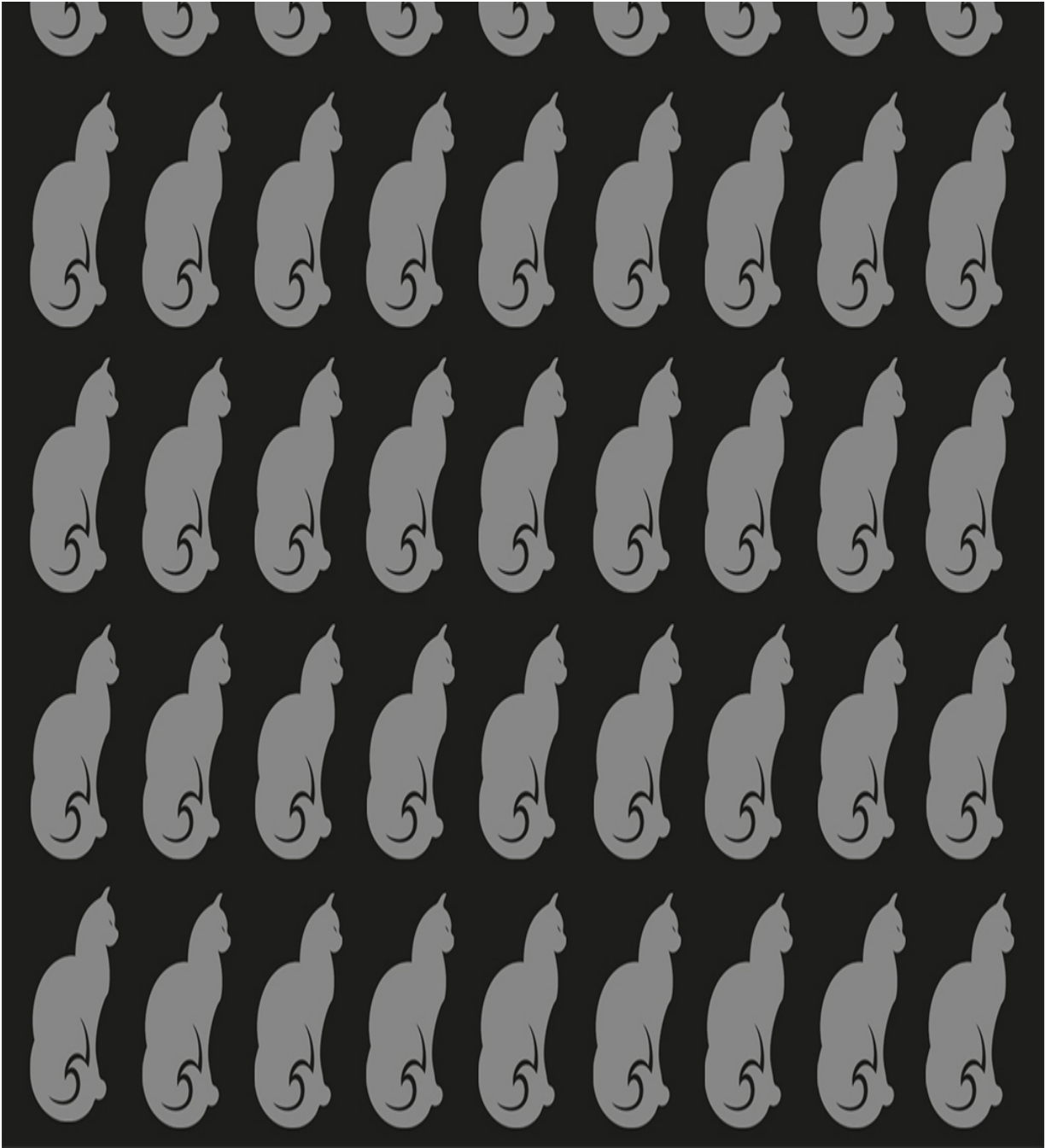
Tel. (11) 4612-6404

www.editorapandorga.com.br









o autor

EDGAR ALLAN POE nasceu em Boston, Massachusetts em 19 de Janeiro de 1809 e faleceu em Baltimore, Maryland, em 7 de Outubro em 1849. O autor, poeta, editor e crítico literário americano foi integrante ativo do movimento romântico americano, tendo sido conhecido por suas histórias que envolvem o mistério e uma espécie de humor macabro. Poe foi um dos primeiros escritores americanos de contos e, geralmente, é conhecido como o precursor e inventor do gênero de ficção policial, recebendo também o crédito pela contribuição ao emergente gênero de ficção científica. Além dessa façanha, Poe também foi conhecido como o primeiro escritor americano a tentar fazer da escrita seu único meio de ganhos, daí sua total imersão no mundo literário, o que lhe resultou vida e carreira financeiramente atribulados.

Poe teve uma história complexa e cheia de reviravoltas. Ficou órfão de mãe ainda jovem, logo após o pai abandonar a família. Foi morar com a família Allan, da Virgínia, mas nunca foi formalmente adotado. Sua juventude foi passada entre bebidas e mulheres, tendo frequentado apenas por um semestre a Universidade da Virgínia.

Sua vida familiar foi tumultuada, tendo saído para uma carreira militar por dois anos depois de uma discussão com o pai adotivo. Ao ser dispensado, deu início à carreira de maneira humilde e singela com a publicação de uma coleção anônima de poemas, chamada *Tamerlane and Other Poems* (1827).

Edgar Allan Poe acabou mudando o foco de sua escrita para a prosa e passou anos trabalhando em revistas e jornais, sendo que seu poema mais célebre, *The Raven* (O Corvo) foi escrito em 1845, tendo se tornado sucesso instantâneo. Dois anos após a publicação do poema, sua esposa, Virgínia, faleceu de tuberculose, e quatro anos

após o marco de sua carreira, com seu poema mais conhecido, Poe teve sua vida ceifada, aos 40 anos, de forma até hoje desconhecida, sendo que se especula que abuso de álcool, drogas, congestão cerebral, cólera, raiva, tuberculose, doenças cardiovasculares e suicídio possam ter sido umas das muitas atribuições ao fato.

Poe e suas obras exerceram influência na literatura nos Estados Unidos, bem como ao redor do mundo, mesmo em campos especializados, como cosmologia e criptografia. Seu trabalho magnífico aparece ao longo da cultura popular e permanece imortalizado na literatura, música, filmes e televisão. Muitas casas das quais viveu hoje são museus visitados por fãs de seu estilo.

Sumário

O Autor

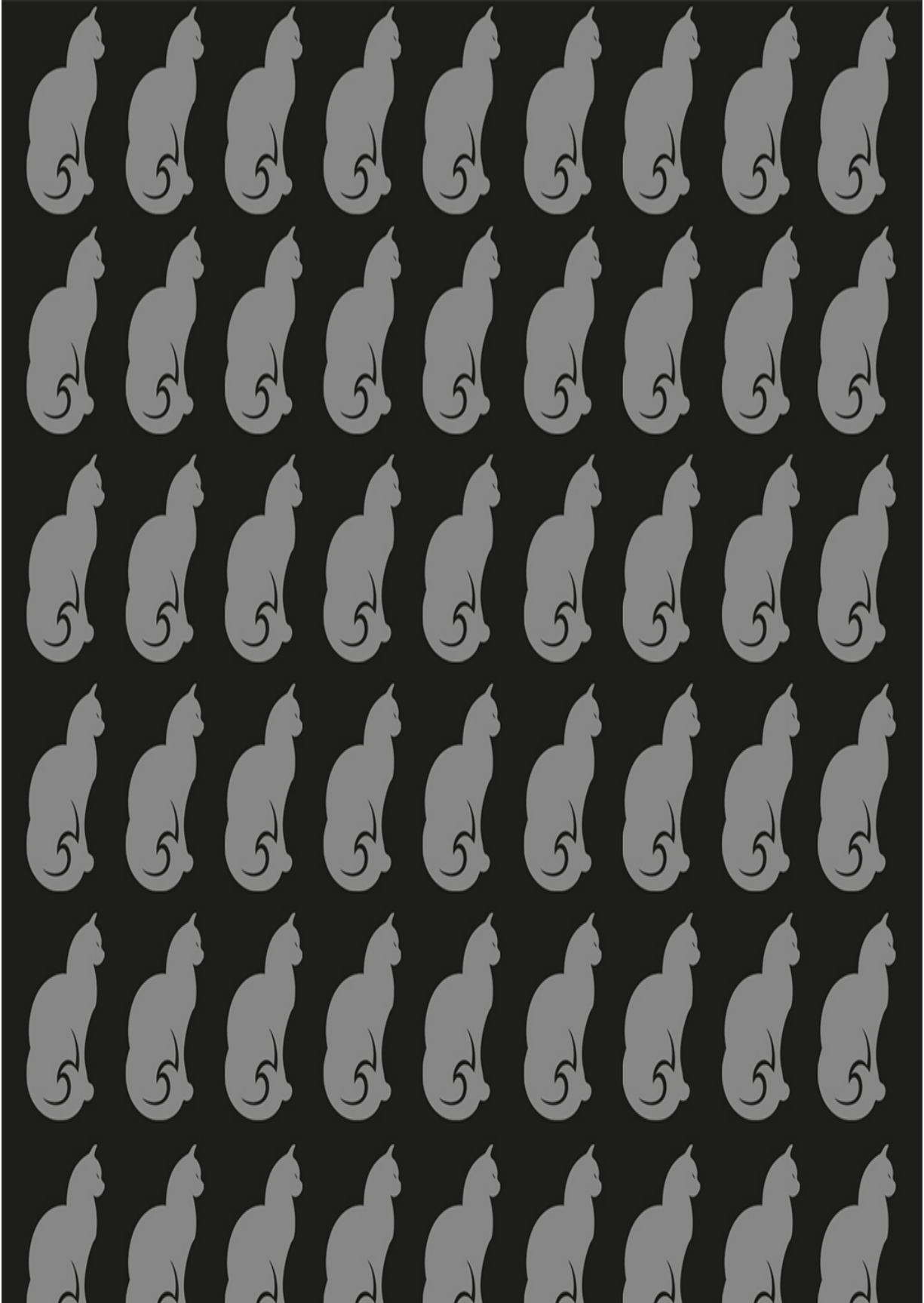
Apresentação

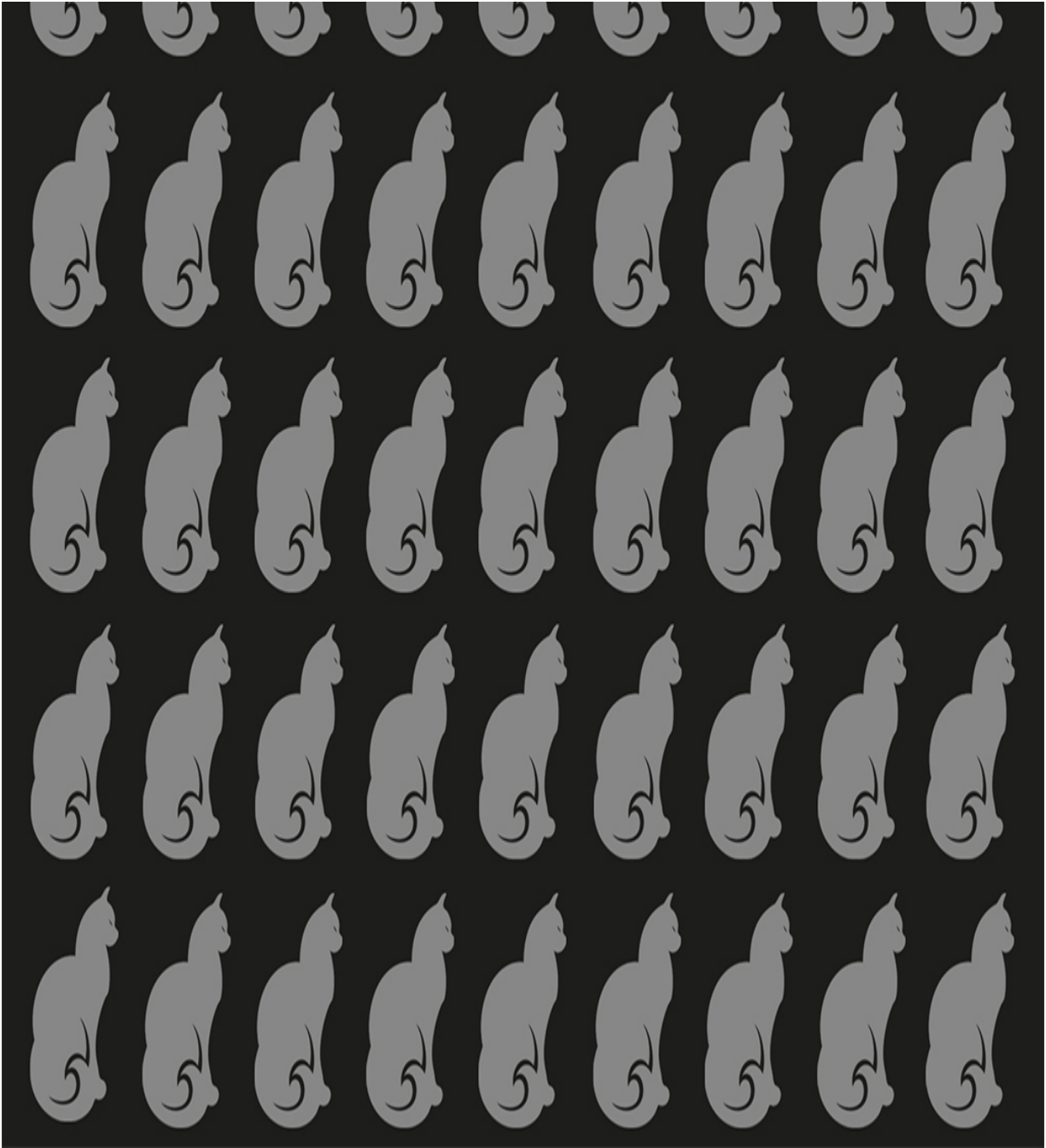
O Gato Preto (1843)

Ligeia (1838)

A Queda da Casa de Usher (1839)

Pequena Conversa com a Múmia (1839)





Apresentação

EDGAR ALLAN POE TRAZ, através do conto O gato preto, uma obra que tem por referência em sua narrativa obscura elementos profundos e arraigados em mensagens subliminares pela escolha dos elementos usados. Não foi à toa a escolha de um gato, assim como não foi à toa a escolha da cor, ou do nome do referido felino.

Os gatos pretos estão muito associados aos elementos místicos de bruxaria, o que por si só já cria todo o clima fantasioso do conto de Poe. A cor preta traz a referência óbvia ao mundo das trevas e à malignidade que o conto quer emanar através de suas palavras. O nome Plutão, para muitos que não fazem ideia, nada mais é que uma representação de Hades, já que este era o apelido que o deus dos mortos, na mitologia grega, levava.

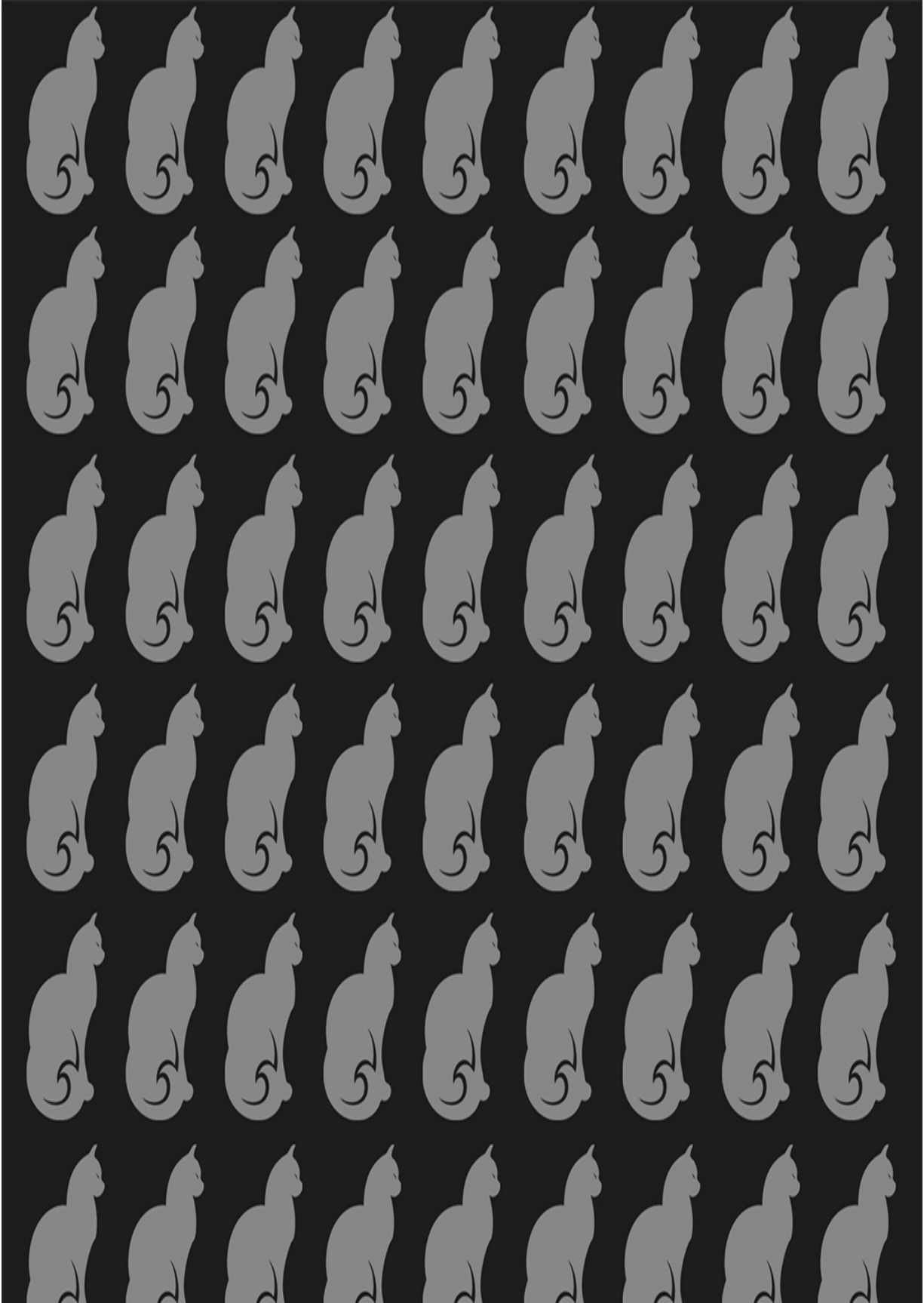
Em suma, há todo um aspecto relacionado ao casal que vivia em detrimento de seu amor aos animais, mas que por uma eventualidade, teve o personagem principal do conto, deferindo seu ódio contra o gato preto, arrancando-lhe um olho, em um rompante de ódio. A culpa pelo ato vil é o teor de toda a narrativa ao longo do texto. E por mais que esse seja o sentimento imperioso, ainda assim, o personagem continua com seus sentimentos perversos encubados em seu coração, vivendo uma dualidade com o pensamento humano, racional.

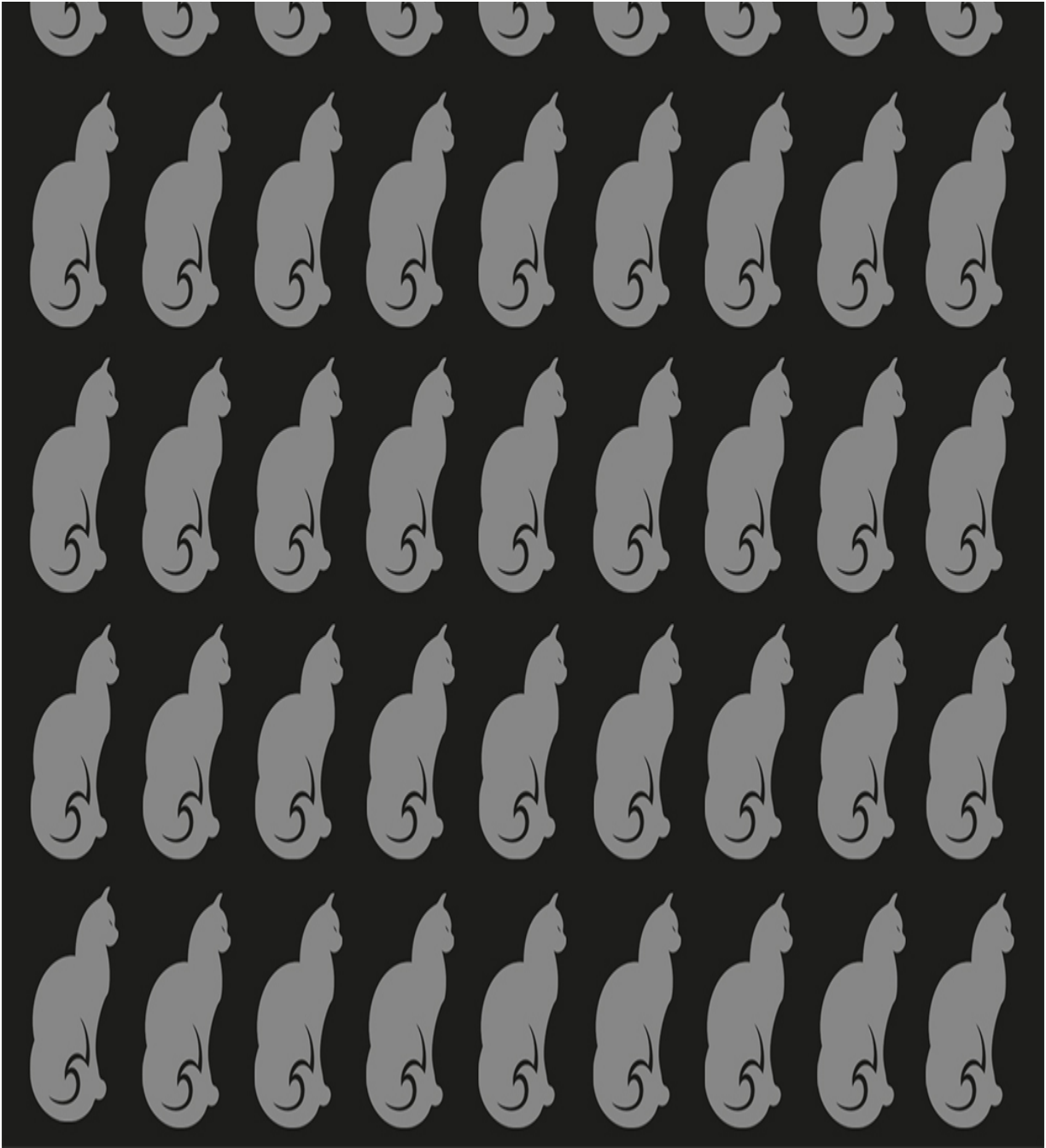
Em atos que mais condizem ao macabro, o conto termina com a incitação do personagem rendendo-se ao próprio sentimento de culpa e sendo dominado por ele. Ódio, amor, rancor, obsessão, culpa... O gato preto representa dualidades e opostos presentes em cada um de nós. Não importando a forma como lidar com eles, sempre haverá um próximo sentimento a ser enfrentado, já que o ditado mesmo indica que “o gato tem sete vidas”. Ou seja, não

adiantava o personagem tentar livrar-se do animal, para assim livrar-se da culpa que já o acometera em seu ato anterior... Novo sentimento se sobreviria, dessa vez com maior intensidade.

Edgar Allan Poe é simplesmente um gênio na arte de tecer palavras e criar um espetáculo narrativo, conduzindo o leitor a um mundo imaginário tão impressionante quanto as histórias que evoca. Há sempre um fundo de verdades em que ele se baseia para nos transmitir ideias que nem mesmo sabíamos que poderíamos ter.

o gato preto
1843





“Alguma coisa, no amor sem egoísmo e abnegado de um animal, atinge a alma dos que já experimentaram o erro, a fragilidade, a fidelidade de afeição do simples homem.”

EDGAR ALLAN POE

NÃO ESPERO NEM PEÇO que acreditem neste relato estranho, porém simples, que estou prestes a escrever. Louco seria eu se o esperasse, em um caso onde meus próprios sentidos rejeitam o que eles mesmos testemunharam. Contudo, louco não sou – e com toda certeza não estou sonhando. Mas amanhã posso morrer, e quero hoje aliviar minha alma. Meu propósito imediato é apresentar ao mundo, de maneira clara e resumida, mas sem comentários, uma série de simples eventos domésticos. As consequências desses eventos me aterrorizaram, torturaram e destruíram. No entanto, não vou tentar explicá-los. Em mim, eles representaram pouco a não ser horror. Mas, para muitos, talvez pareçam menos repugnantes e mais *barrocos*. Quem sabe um dia alguma mente racional reduza meu fantasma a um lugar comum – alguma inteligência mais serena, mais lógica, e bem menos sensível que a minha, que há de perceber nas circunstâncias que relato com pavor nada mais do que uma sucessão comum de causas e efeitos muito naturais.

Desde a infância eu era notado pela doçura e pela humanidade de meu caráter. A ternura de meu coração era evidente, a ponto de fazer de mim objeto de gracejo de meus companheiros. Tinha uma afeição especial pelos animais, e fui mimado por meus pais com uma grande variedade de bichinhos de estimação. Passava a maior parte do meu tempo com eles, e nada me deixava mais feliz do que alimentá-los e acarinhá-los. Esse traço de meu caráter foi crescendo comigo, e, na idade adulta, fiz dele uma de minhas principais fontes de prazer. Àqueles que já experimentaram a afeição por um cão fiel e sagaz, dificilmente terei dificuldades em explicar a natureza ou a

intensidade da satisfação que disso deriva. Há algo no amor abnegado e altruísta de um animal que fala diretamente ao coração daquele que tem a oportunidade frequente de provar da amizade desprezível e da frágil fidelidade do homem comum.

Casei-me cedo, e tive a sorte de encontrar em minha mulher uma disposição que não se contrapunha à minha. Ao observar minha queda por animais domésticos, não perdia a oportunidade de adquirir aqueles que mais me agradavam. Tivemos pássaros, peixinhos dourados, um cão maravilhoso, coelhos, um pequeno macaco e um gato.

Este último era um animal notadamente grande e belo, todo preto, e espantosamente esperto. Quando falávamos de sua inteligência, minha mulher, que no fundo era um tanto supersticiosa, fazia frequentes alusões à antiga crença popular segundo a qual todos os gatos pretos seriam bruxas disfarçadas. Não que alguma vez ela tenha falado sério quanto a isso – e aqui aludi ao fato apenas por ter me lembrado dele nesse momento.

Plutão – esse era o nome do gato – era meu animal de estimação favorito e meu companheiro inseparável. Só eu o alimentava, e ele me seguia por toda a casa. Era difícil até mesmo impedir que me seguisse pelas ruas.

Nossa amizade durou, dessa maneira, por vários anos, durante os quais meu temperamento e meu caráter em geral – por obra da Intemperança demoníaca – (e fico vermelho ao confessá-lo) passou por uma alteração radical para pior. Tornei-me, dia após dia, mais melancólico, mais irritável, mais indiferente aos sentimentos alheios. Permitia-me falar de forma destemperada com minha esposa. E terminei por usar até mesmo de violência física. Meus animais de estimação, é claro, sentiram a mudança em minha disposição. Não apenas não lhes dava atenção alguma, como também os maltratava. Quanto a Plutão, entretanto, eu ainda conservava suficiente estima por ele para abster-me de maltratá-lo, como fazia sem nenhum escrúpulo com os coelhos, o macaco, e até mesmo com o cão, quando, por acidente ou por afeição, cruzavam meu caminho. Mas minha doença se agravava – pois qual doença se compara ao

alcoolismo? – e, por fim, até mesmo Plutão, que agora estava ficando velho, e conseqüentemente um tanto rabugento –, até mesmo Plutão começou a sofrer os efeitos de meu temperamento perverso.

Uma noite, ao voltar para casa muito embriagado de uma de minhas andanças pela cidade, tive a impressão de que o gato evitava minha presença. Agarrei-o; foi quando, assustado com minha violência, ele me deu uma pequena mordida na mão. Uma fúria demoníaca possuiu-me no mesmo instante. Eu já não conhecia mais a mim mesmo. Meu espírito original pareceu, de repente, sair voando de meu corpo; e uma malevolência mais do que demoníaca, inflamada a gim, fez estremecer cada fibra de meu ser. Tirei do bolso do colete um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, deliberadamente, arranquei um de seus olhos da órbita! Eu coro, me consumo, estremeço enquanto relato a atrocidade abominável.

Quando a razão retornou com a manhã – quando já havia dissipado com o sono os vapores da orgia noturna –, senti um misto de horror e remorso pelo crime que havia cometido; mas foi, na melhor das hipóteses, um sentimento débil e confuso, pois minha alma permaneceu intocada. Mais uma vez mergulhei nos excessos, e logo afoguei no vinho todas as lembranças do feito.

Enquanto isso, o gato ia se recuperando pouco a pouco. A órbita do olho perdido exibia, é verdade, um aspecto assustador, mas ele não parecia mais sentir qualquer dor. Andava pela casa como de costume, mas, como era de se esperar, fugia aterrorizado quando eu me aproximava. Ainda restava muito de meu antigo coração para, de início, sentir-me magoado por essa evidente antipatia por parte do animal que um dia me amara tanto. Mas esse sentimento logo deu lugar à irritação. E então surgiu, como que para minha ruína final e irrevogável, o espírito da Perversidade. Esse espírito a filosofia não leva em consideração. Mas não estou mais certo de que minha alma vive quanto estou certo de que essa perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano – uma das faculdades, ou sentimentos, primários e indivisíveis que dão direção ao caráter do homem. Quem já não se surpreendeu, centenas de vezes, cometendo um ato vil ou tolo por nenhuma outra razão a não ser porque sabia

que não deveria cometê-lo? Não há em nós uma perpétua inclinação, que enfrenta nosso bom senso, a violar aquilo que é Lei, simplesmente porque entendemos que a estaremos violando? Esse espírito de perversidade, como já disse, veio para minha ruína final. Foi esse incomensurável anseio da alma de espezinhar a si mesma – de violentar sua própria natureza – de fazer o mal pelo único desejo de fazer o mal – que me motivou a continuar e finalmente consumir a maldade que tinha causado ao animal inofensivo. Uma manhã, a sangue frio, passei pelo pescoço do gato uma corda e o enforquei no galho de uma árvore – enforquei-o enquanto lágrimas escorriam de meus olhos, e com o remorso mais amargo em meu coração – enforquei-o porque sabia que ele tinha me amado e porque sentia que ele não tinha me dado motivo para agredi-lo – enforquei-o porque sabia que assim fazendo estava cometendo um pecado – um pecado mortal, que comprometeria então minha alma imortal e a colocaria – se tal coisa fosse possível – além do alcance da infinita misericórdia do Deus mais misericordioso e mais terrível.

Na noite do dia em que cometi essa crueldade, fui acordado por um grito de “Fogo!”. As cortinas da minha cama estavam em chamas. A casa inteira ardia. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu conseguimos escapar do incêndio. A destruição foi total. Toda a minha riqueza terrena fora consumida e, desde então, entreguei-me ao desespero.

Não sucumbirei à fraqueza de procurar estabelecer uma relação de causa e efeito entre o desastre e a atrocidade. Mas estou relatando uma cadeia de acontecimentos, e não quero deixar nem um único elo solto. No dia seguinte ao incêndio, visitei as ruínas. Todas as paredes, com exceção de uma, tinham desabado. A exceção era uma parede divisória, não muito espessa, que ficava mais ou menos no meio da casa, e contra a qual se recostava antes a cabeceira de minha cama. O reboco, em grande parte, tinha resistido à ação do fogo – fato que atribuí à aplicação recente. Em frente a essa parede, uma grande multidão estava reunida e muitas pessoas pareciam examinar uma porção dela em especial com toda minúcia e atenção. As palavras “estranho!”, “singular!” e outras expressões similares

despertaram minha curiosidade. Aproximei-me e vi, gravado em baixo-relevo na superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A impressão havia sido feita com uma precisão verdadeiramente assombrosa. Havia uma corda ao redor do pescoço do animal.

Quando contemplei pela primeira vez a aparição – pois não conseguia considerá-la como outra coisa –, minha admiração e meu terror foram extremos. Mas, com o passar do tempo, a reflexão veio em meu socorro. O gato, eu bem me lembro, tinha sido enforcado no jardim ao lado da casa. Com o alarme de incêndio, o jardim tinha sido imediatamente tomado pela multidão – e alguém ali presente deve ter retirado o animal da árvore e atirado, por uma janela aberta, para dentro de meu quarto. Isso, provavelmente, tinha sido feito com o intuito de me despertar. A queda das outras paredes deve ter comprimido a vítima de minha crueldade contra a massa do reboco recém-aplicado; a cal do reboco, juntamente com as chamas e o amoníaco da carcaça, deve ter produzido a imagem que eu acabara de ver.

Embora dessa forma tenha prontamente satisfeito à minha razão, não posso dizer o mesmo quanto à minha consciência, pois o episódio estarrecedor que acabei de detalhar não falhou em deixar uma profunda impressão em minha imaginação. Por meses seguidos, não consegui me livrar do fantasma do gato; e, durante todo esse período, voltava ao meu espírito um meio-sentimento que parecia – mas não era – remorso. Cheguei até a lamentar a perda do animal e a procurar, nos antros torpes que agora frequentava amiúde, por outro da mesma espécie e de aparência similar para substituí-lo.

Uma noite, quando estava sentado, já meio atordoado, em um antro mais do que infame, minha atenção foi repentinamente atraída para um objeto negro que repousava sobre um dos imensos barris de gim, ou de rum, que constituíam a mobília principal do ambiente. Eu vinha olhando para o alto daquele barril por alguns minutos, e o que agora me causava surpresa era o fato de não ter percebido antes o objeto que lá estava. Aproximei-me dele e o toquei com a mão. Era um gato preto – bem grande – tão grande quanto Plutão, e que se parecia muito com ele sob todos os aspectos, a não ser por um:

Plutão não tinha um único pelo branco no corpo; mas esse gato tinha uma grande mancha branca, embora indefinida, que cobria quase toda a região do peito.

Quando o toquei, ele se levantou imediatamente, ronronou alto, esfregou-se contra minha mão e pareceu satisfeito com minha atenção. Essa, então, era exatamente a criatura que eu vinha procurando. Logo me ofereci para comprá-lo do proprietário; mas ele respondeu que não era o dono – não sabia nada sobre ele – nunca o tinha visto antes.

Continuei a acariciá-lo, e quando me preparei para voltar para casa, o animal pareceu disposto a me acompanhar. Permitted que o fizesse; vez ou outra me abaixava e o afagava enquanto caminhávamos. Quando chegamos em casa, familiarizou-se logo e tornou-se imediatamente o grande favorito de minha mulher.

De minha parte, logo senti nascer dentro de mim uma antipatia por ele. Isso era exatamente o reverso do que eu esperava. Não sei como ou por que aconteceu, mas a evidente afeição do gato por mim causava-me asco e me incomodava. Pouco a pouco, esses sentimentos de asco e incômodo evoluíram, até se transformarem na amargura do ódio. Eu evitava a criatura; um certo senso de vergonha e a lembrança do meu antigo ato de crueldade impediam que o maltratasse fisicamente. Por algumas semanas, não o maltratei ou usei de qualquer tipo de violência; mas, aos poucos – bem aos poucos – passei a vê-lo com indizível aversão e a fugir em silêncio de sua presença odiosa, como se fugisse de uma peste.

O que, sem dúvida, contribuiu para o meu ódio pelo animal foi a descoberta, na manhã seguinte a tê-lo trazido para casa, que, assim como Plutão, ele também tinha sido privado de um dos olhos. Essa circunstância, contudo, apenas o tornou mais estimado por minha mulher, que, como já havia dito, possuía, em alto grau, aquela humanidade de sentimentos que uma vez foi meu traço característico e a fonte de muitos de meus prazeres mais simples e mais puros.

Contudo, a afeição do gato por mim parecia aumentar na medida de minha aversão. Ele seguia meus passos com uma

obstinação que seria difícil fazer o leitor compreender. Sempre que me sentava, ele se aninhava sob minha cadeira, ou saltava nos meus joelhos e me cobria com suas carícias repugnantes. Se me levantava para andar, ele se colocava entre meus pés e quase me derrubava, ou cravava as garras longas e afiadas em minha roupa e escalava, dessa maneira, até meu peito. Nesses momentos, embora desejasse destruí-lo com um só golpe, eu me abstinha de fazê-lo, em parte pela memória de meu crime do passado, mas principalmente – deixe-me confessá-lo de vez – por absoluto pavor do animal.

Esse pavor não era exatamente um pavor pelo mal físico – e ainda assim eu não teria palavras para defini-lo de outra maneira. Fico quase envergonhado por admitir – sim, mesmo nessa cela de prisão, fico quase envergonhado por admitir – que o terror e o horror que o animal me inspirava tinham sido intensificados por uma das quimeras mais ordinárias que se poderia conceber. Minha mulher chamou-me a atenção, mais de uma vez, para a forma da marca de pelo branco da qual lhes falei anteriormente, e que constituía a única diferença visível entre o animal forasteiro e aquele que eu tinha destruído. O leitor há de lembrar de que essa marca, embora grande, era indefinida no princípio; mas, aos poucos – em um grau quase imperceptível, e que por um bom tempo minha razão lutou para rejeitar como sendo fruto da minha imaginação –, a marca, com o passar do tempo, assumiu um contorno de rigorosa distinção. Era agora a representação de uma coisa que estremeço em nomear – e por isso, acima de tudo, eu abominava, temia e me livraria do monstro se pudesse me atrever – era agora, digo a vocês, a imagem de uma coisa horrível – de uma coisa medonha – a imagem do enforcamento! Ah, triste e terrível máquina do horror e do crime – da agonia e da morte!

E agora eu estava, de fato, miserável, para além da miserabilidade humana. E um animal, cujo semelhante eu tinha assassinado de uma forma tão desprezível, um animal causava a mim – a mim, um homem, feito à imagem e semelhança de Deus – tanto desgosto insuportável! Ai de mim! Nem de dia nem à noite eu conseguia mais a benção do repouso! Durante o dia, a criatura não

me deixava sozinho por um único momento; e à noite, eu acordava, de hora em hora, com pesadelos aterrorizantes, para sentir em meu rosto o hálito quente *da coisa* – um pesadelo encarnado que eu não tinha forças para espantar – e todo o seu peso jazendo eternamente sobre meu coração!

Sob a pressão de tormentos como esses, os restos esfarrapados do bem que havia em mim sucumbiram. Pensamentos perversos tornaram-se meus únicos amigos íntimos – os pensamentos mais sombrios e mais perversos. O mau-humor habitual de meu temperamento progrediu para o ódio. Ódio de todas as coisas e de toda a humanidade. Enquanto que minha esposa, que de nada reclamava – ah, Deus! –, tornou-se a mais habitual e mais paciente vítima das explosões repentinas, frequentes e ingovernáveis de fúria às quais eu agora me abandonara cegamente.

Certo dia, ela me acompanhava, em algumas incumbências domésticas, ao porão da casa velha em que nossa pobreza nos obrigava agora a morar. O gato me seguia escada abaixo pelos degraus íngremes e, quase me fazendo cair de cabeça, levou-me à loucura. Levantei o machado, e esquecendo, em minha fúria, do pavor infantil que até agora vinha detendo minha mão, desferi um golpe no animal que, por certo, teria sido instantâneo e fatal, se o tivesse acertado como eu desejava. Mas o golpe foi desviado pela mão de minha mulher. Incitado pela interferência a uma ira mais do que demoníaca, retirei a arma de seu alcance e enterrei o machado no cérebro dela. Ela caiu morta a meus pés, sem sequer gemer.

Levado a cabo o monstruoso assassinato, entreguei-me de imediato, e com toda determinação, à tarefa de ocultar o cadáver. Eu sabia que não poderia retirá-lo da casa, nem durante o dia nem à noite, sem correr o risco de ser observado pelos vizinhos. Vários projetos passaram pela minha mente. No primeiro momento, pensei em cortar o cadáver em pequenos pedaços e incinerá-lo. Depois, considerei cavar uma sepultura para ele no chão do porão. Em outro momento, pensei em atirá-lo no poço do jardim – ou em colocá-lo em um caixote, como se fosse uma mercadoria, tomando as medidas de costume, e então arrumar um carregador para tirá-lo da casa. Por

fim, cheguei ao que considerarei um expediente muito melhor do que todos os outros e decidi emparedá-lo no porão, assim como se dizia que os monges da Idade Média faziam com suas vítimas.

O porão era bem adaptado a um propósito como este. As paredes eram construídas com material pouco resistente e tinham sido recém-rebocadas com um reboco rústico, que a umidade da atmosfera não permitiu endurecer. Além do mais, em uma das paredes havia uma saliência de uma falsa chaminé, ou lareira, que tinha sido preenchida e modificada para acompanhar o resto do porão. Não tive dúvida de que poderia retirar os tijolos daquele ponto com facilidade, colocar lá o cadáver e refazer a parede toda como antes, de modo que nenhum olho pudesse detectar nada suspeito.

E nesses cálculos não estava enganado. Com a ajuda de um pé-de-cabra, retirei com facilidade os tijolos e, tendo colocado o corpo cuidadosamente contra a parede interna, escorei-o naquela posição, enquanto, sem muita dificuldade, recolocava toda a estrutura como antes estava disposta. Depois de procurar por argamassa, areia e crina, com toda precaução, preparei uma massa que não se podia distinguir da antiga, e com ela fiz o novo trabalho de alvenaria. Quando terminei, fiquei satisfeito por tudo estar perfeito. A parede não apresentava o menor sinal de ter sido refeita. A sujeira do chão foi retirada com cuidado minucioso. Olhei ao redor triunfante, e disse a mim mesmo: “Então, pelo menos aqui, meu trabalho não foi em vão”.

O próximo passo foi procurar a criatura que tinha sido a causa de tanta desgraça. Porque, depois de tudo, eu estava firmemente decidido a colocar fim à vida do animal. Se naquele momento o tivesse encontrado, não haveria dúvida quanto à sua sorte; mas, pelo visto, o animal ardiloso ficou alarmado com a violência de minha ira e absteve-se de se fazer presente diante de meu humor no momento. É impossível descrever ou imaginar a sensação profunda e maravilhosa de alívio que a ausência da criatura detestada causou em meu peito. Ele não apareceu naquela noite – e assim, por uma noite, pelo menos, desde que se introduziu na casa, dormi tranquilo e em

paz. Sim, dormi, mesmo com o fardo do assassinato sobre minha alma!

O segundo e o terceiro dia se passaram, e meu atormentador ainda não aparecera. Mais uma vez, respirei como um homem livre. O monstro, aterrorizado, tinha fugido de casa para sempre! Eu não teria mais que olhar para ele! Minha felicidade era suprema! A culpa por meu ato sombrio perturbava-me pouco. Fizeram algumas perguntas, mas elas tinham sido prontamente respondidas. Fizeram até mesmo uma busca – mas, é claro, nada foi descoberto. Eu considerava garantida minha felicidade futura.

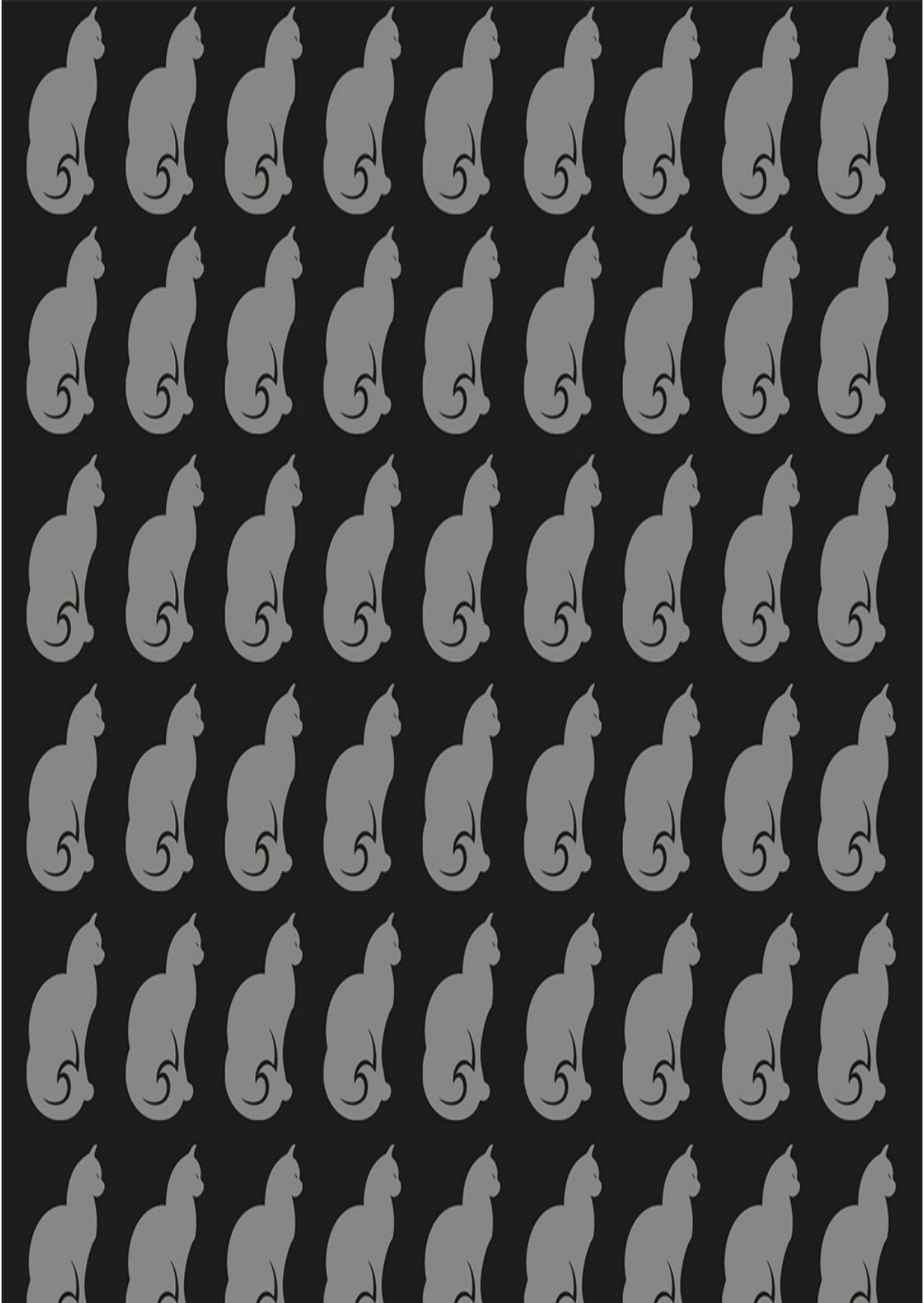
No quarto dia após o assassinato, um grupo de policiais bateu à minha porta, de forma bastante inesperada, e teve início uma nova e rigorosa investigação no local. Contudo, seguro quanto à impenetrabilidade do esconderijo, não me senti nem um pouco constrangido. Os oficiais me convidaram a acompanhá-los em sua busca. Não deixaram nenhum canto ou vão sem examinar. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram ao porão. Não tremi um só músculo. Meu coração batia calmamente como o de alguém que dorme tranquilo. Andei pelo porão de um lado até o outro. Cruzei os braços sobre o peito e perambulei calmamente para lá e para cá. Os policiais estavam satisfeitos e já se preparavam para partir. O deleite em meu coração era forte demais para ser contido. Eu ardia para dizer-lhes ao menos uma palavra, como forma de triunfo e para confirmar outra vez que tinham certeza da minha inocência.

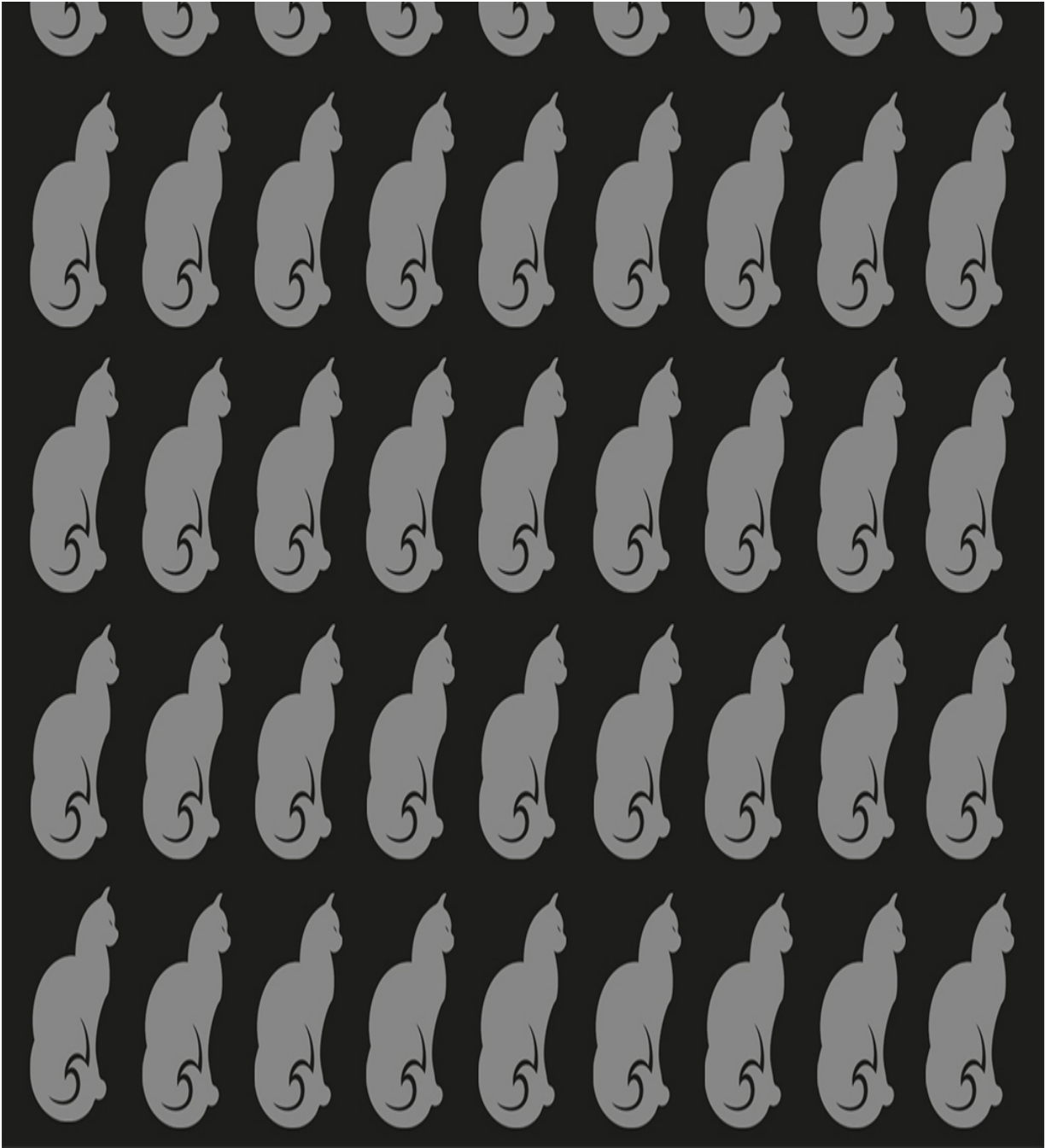
— Cavalheiros — eu disse por fim, enquanto o grupo subia os degraus —, fico feliz por haver eliminado suas suspeitas. Desejo a todos saúde e um pouco mais de cortesia. A propósito, senhores, esta é uma casa muito bem construída. (No afã de dizer alguma coisa com naturalidade, eu mal sabia o que estava dizendo). — Devo dizer, uma casa de construção excelente. Essas paredes – vocês já estão indo, senhores? – essas paredes são bem sólidas. — E então, no frenesi de minhas bravatas, dei uma batida forte com a bengala que segurava nas mãos naquela parte da alvenaria atrás da qual estava o cadáver da mulher do meu coração.

Mas que Deus me proteja e me livre das garras do demônio! O eco de minha batida nem tinha acabado de soar quando uma voz respondeu de dentro da parede! Um gemido, de início abafado e entrecortado, como o soluçar de uma criança, que depois foi crescendo rapidamente e se transformou em um grito alto, agudo e contínuo, completamente anômalo e inumano – um uivo – um guincho de lamentação, metade de horror e metade de triunfo, como se tivesse vindo do inferno, de um esforço conjunto das gargantas dos condenados em sua agonia e dos demônios que se deleitam na danação.

Falar de meus pensamentos é tolice. Desfalecendo, cambaleei até a parede do lado oposto. Por um instante, o grupo na escada ficou paralisado, em um misto de extremo terror e estarrecimento. Em seguida, uma dúzia de braços corpulentos investia contra a parede, que veio abaixo. O cadáver, já bem decomposto e coberto de sangue coagulado, surgiu ereto diante dos olhos dos espectadores. Sobre a cabeça, com a boca vermelha escancarada e o olho solitário de fogo, estava sentada a criatura hedionda cujos ardis tinham me seduzido ao assassinato, e cuja voz delatora havia me condenado à forca. Eu tinha emparedado o monstro dentro da tumba!







“E a vontade que no interior reside, que não morre.
Quem conhecerá os mistérios da vontade, com seu
vigor?
Para Deus é apenas uma grande vontade,
que impregnará todas as coisas pela natureza de suas
intenções.
O homem não entrega a si mesmo aos anjos, nem tão
somente
à morte, salvo apenas pela fraqueza de sua débil
vontade”.

JOSEPH GLANVILL

NÃO POSSO RECORDAR, juro por minha alma, como, quando ou, precisamente, onde, encontrei Lady Ligeia pela primeira vez. Muitos anos se passaram, e minha memória debilitou-se por tanto sofrer. Ou, talvez, eu não possa, *agora*, trazer estes pontos à memória, porque, em verdade, o caráter de minha amada, sua inteligência rara, sua tão singular e ainda plácida beleza, e a eloquência emocionante e cheia de paixão de sua linguagem musical suave, tenha feito caminho para meu coração de modo tão constante e sigiloso que eles foram percebidos e desconhecidos. Ainda assim, acredito que a encontrei pela primeira vez, e depois frequentemente, em alguma grande e decadente cidade às margens do Reno.

De sua família, ouvi-a falar a respeito, certamente. Que fosse de uma origem muito antiquada não há sombra de dúvida. Ligeia... Ligeia... Mergulhada em estudos, mais do que qualquer outro, de natureza tal para adaptar-se a amortecer as impressões do mundo exterior, e tão somente por aquela palavra solitária – Ligeia –, que evoco ante meus olhos a imagem daquela que já não existe. E agora, enquanto escrevo, uma recordação me mostra em *flashes* claros, que nunca soube o nome de sua família ancestral, daquela que foi minha amiga e noiva, e tornou-se parceira de meus estudos, e finalmente, a esposa da minha alma. Teria sido isso uma travessa cobrança de minha Ligeia? Ou teria sido um teste à força do meu afeto, que me

levara a nunca inquirir aquele assunto? Ou teria sido um capricho de minha parte, uma oferta descontroladamente romântica no santuário da devoção mais apaixonada?

De maneira indistinta me recordo do fato em si. Quão maravilhoso era ter esquecido as circunstâncias que originaram e ocorreram, não? E, verdadeiramente, se alguma vez o tal espírito intitulado *Romance*, se alguma vez, ela, a pálida profetisa do Egito idólatra, de asas negras tenebrosas, *Ashtophet*, preside, como diz a lenda, casamentos mal planejados, então certamente, presidiu o meu.

Há, porém, um assunto querido, cuja minha memória não falha. É a pessoa de Ligeia. Em altura ela era alta, ainda que delgada, e, em seus dias finais, bastante diminuta. Eu tentaria em vão enaltecer o porte majestoso, a quietude complacente de seu comportamento, ou a incompreensível leveza e elasticidade de seus passos. Ela chegava e partia como uma sombra. Nunca estava ciente de sua entrada em meu estúdio particular, salvo pela doce melodia de sua voz, ao pousar sua mão pálida como mármore em meu ombro. Em matéria de beleza, nenhuma donzela poderia se comparar a ela. Era o resplendor de um sonho induzido por um opiáceo, – era como uma visão etérea e espiritual, mais divinamente selvagem que as fantasias que pairavam sobre as almas adormecidas das filhas de *Delos*.

No entanto, suas feições não eram moldadas no padrão regular ao qual fomos tão falsamente ensinados a venerar nas obras clássicas do paganismo. “– Não existe beleza rara”, dizia Bacon, Lorde Verulam, quando se referia a todas as formas e gêneros de beleza, “– sem que haja algo de estranho em suas proporções”. Porém, embora eu tenha visto que as feições de Ligeia não fossem de uma beleza regular clássica, ainda assim, eu percebia que sua beleza era realmente requintada, e mesmo sentindo que havia certa “estranheza” em seus traços, ainda assim tentei, em vão, detectar o que havia de irregularidade e formar minha própria percepção de ‘estranho’.

Eu examinava o contorno de sua alta e pálida fronte – e era irrepreensível –, mas quão fria é esta palavra quando aplicada a criatura tão divina! A pele rivalizava com o mais puro marfim, a imponente fronte sobressaindo e a delicada proeminência acima de suas têmporas. E então, as brilhantes e negras madeixas, negras como as asas de um corvo, luxuriantes cachos naturais, realçando a força plena do homérico epíteto: “os cachos Hiacintinos!”.

Eu olhava para as linhas delicadas do nariz, e em lugar algum, a não ser nos graciosos medalhões hebreus, eu já tenha visto similar perfeição. Havia a mesma suavidade luxuosa da superfície, a mesma tendência perceptível para o aquilino, as mesmas curvas harmoniosas de suas narinas, que falavam de um espírito livre. Recordo-me de sua doce boca. E aqui estava o triunfo de todas as coisas celestiais – a magnífica curvatura do lábio superior –, o aspecto suave e voluptuoso do inferior. As covinhas que se exibiam, parecendo brincar, e a cor que parecia falar. Os dentes que brilhavam de maneira quase cegante – cada raio sagrado que recaía sobre eles, de forma serena e plácida, ainda que resultando no mais radiante de todos os sorrisos. Olhava com escrutínio a forma de seu queixo – e aqui, também, eu encontrei a gentileza da amplitude, a suavidade e majestade, a plenitude e espiritualidade dos Gregos – o contorno com que o deus Apolo só revelou a Cleómenes, o filho do ateniense, em sonho. Então... eu contemplava os grandes olhos de Ligeia.

Para os olhos não há modelos na mais remota antiguidade. Pode ser, também, que naqueles olhos de minha amada repousasse o segredo ao qual Lorde Verulam aludia. Eram, devo crer, olhos bem maiores que os comuns à nossa própria raça. Eram mesmo mais profundos que os olhos das gazelas da tribo do Vale de *Nourjahad*. No entanto, isso se dava somente em intervalos, em momentos de intensa excitação, que esta peculiaridade se mostrava visivelmente notável em Ligeia.

E em tais momentos, era sua beleza – em minha imaginação aquecida, aparentemente, talvez –, o tipo de beleza dos seres acima e de fora da Terra – a beleza da fabulosa *Houri* dos Turcos. As pupilas eram do negro mais brilhante, e, logo acima, penduravam-se cílios de

longuíssimo comprimento. As sobrancelhas, de desenho levemente irregular, tinham a mesma tonalidade. A “estranheza”, todavia, que eu encontrava nos olhos, era de natureza distinta da forma, ou cor, ou do brilho de suas características, e nada mais além do que sua própria *expressão*. Ah, palavra sem qualquer significado! Por trás de vasta latitude ou mero som pelo qual entrincheiramos nossa ignorância daquilo que é espiritual. A expressão dos olhos de Ligeia! Por quantas horas eu poderia refletir sobre ela... Como eu, durante uma noite inteira de verão, duelei com esse entendimento! O que era aquilo... aquilo mais profundo que o poço de Demócrito – que jazia nas profundezas das pupilas de minha amada? O que era aquilo? Estava eu possuído por uma paixão em descobrir... Aqueles olhos... Aqueles grandes olhos brilhantes! Aquelas divinas pupilas que se tornaram para mim, estrelas gêmeas de Leda, e, eu para elas, o mais devotado dos astrólogos.

Não há nenhum ponto, dentre as muitas e incompreensíveis anomalias da ciência da mente, mais emocionante ou excitante que o fato – nunca, creio eu, observado nas escolas –, que, nos esforços em recobrar a memória de algo há muito esquecido, muitas vezes nos vemos *à beira da lembrança*, sem, contudo, ao final, nos lembrar.

E com que frequência, em meu intenso escrutínio dos olhos de Ligeia, tive eu a sensação de ter me aproximado do total conhecimento de sua expressão –aproximando-me –, ainda que não fosse meu domínio –, e, por fim, partia inteiramente! Encontrei, nos objetos mais comuns do universo, um círculo de analogias com tal expressão. E isso, digo eu, logo após o período em que a beleza de Ligeia passou para o meu espírito, habitando agora em um santuário, derivava, das muitas existências do mundo material, um sentimento ao redor permeado de excitação, sempre que eu fitava aqueles largos e luminosos olhos. No entanto, eu não poderia definir tal sentimento, ou analisá-lo, ou até mesmo vê-lo. Reconheci-o, permitam-me repetir, em alguns momentos enquanto pesquisava o crescimento acelerado de uma videira, ou na contemplação de uma mariposa, uma borboleta, uma crisálida, no fluxo da água corrente. Eu senti isso no oceano; na queda de um meteoro. Senti isso nos olhares de

pessoas mais velhas e incomuns. E há uma ou duas estrelas no céu – uma, especificamente, de sexta grandeza dupla e mutável, que se encontra próximo à estrela de Lira –, que vistas criteriosamente através de um telescópio, são capazes de me dar essa sensação. Fui invadido por certas notas musicais de instrumentos de cordas, e não poucas vezes, ao ler passagens de livros. Entre numerosos exemplos, lembro-me bem de um trecho em um volume de Joseph Glanvill, que (talvez por conta de sua singularidade – quem poderá dizer?) nunca falhou em inspirar em mim tal sentimento:

“E a vontade que no interior reside, que não morre. Quem conhecerá os mistérios da vontade, com seu vigor? Para Deus é apenas uma grande vontade, que impregnará todas as coisas pela natureza de suas intenções. O homem não entrega a si mesmo aos anjos, nem tão somente à morte, salvo apenas pela fraqueza de sua débil vontade”.

Com o passar dos anos, e posteriores reflexões, tive a habilidade em descobrir, verdadeiramente, uma remota conexão entre esta passagem do moralista inglês e parte do caráter de Ligeia. Uma intensidade de pensamentos, ações, palavras, era possivelmente, nela, resultado, ou ao menos um indicativo dessa intensa vontade que, durante nossas longas relações, falhou em dar sinais imediatos de sua evidente existência. De todas as mulheres que conheci, era ela, a aparentemente calma, sempre plácida e tranquila Ligeia, a que fora a vítima mais violenta das paixões carnis desenfreadas.

E tal paixão eu só podia estimar, através da miraculosa expansão daqueles olhos que, simultaneamente me deleitavam e atemorizavam, pela quase mágica melodia, modulação, distinção e placidez de sua voz muito baixa – e pela energia feroz, tornada duplamente eficaz pelo contraste com sua forma de expressar-se, bem como das palavras selvagens que habitualmente pronunciou.

Falei da inteligência de Ligeia... era imensa – como jamais havia encontrado em mulher alguma. Era bastante proficiente em diversos idiomas clássicos, e tão longe quanto meus modernos conhecimentos dos dialetos europeus se estendiam, nunca a vi falhar

em algum. Na verdade, sobre qualquer tema dos mais admirados, mesmo daqueles de mais difícil compreensão que qualquer erudito acadêmico gostaria de vangloriar-se, cheguei eu a encontrar Ligeia em falta? Quão singularmente, quão intrigante, este ponto da natureza de minha mulher se forçou, a esta altura tardia, até conquistar minha atenção!

Eu disse que seu conhecimento era tal como jamais conhecera em outra mulher, mas onde respira o homem que atravessou, de maneira bem sucedida, todas as amplas áreas de ciência moral, física e matemática? Não vi, então, o que agora percebo, de maneira clara, que os conhecimentos de Ligeia eram gigantescos, espantosos. Entretanto, estava suficientemente informado de sua supremacia, para me resignar, com uma confiança semelhante à de uma criança, a ser guiado por ela, em um mundo caótico de investigação metafísica em que me achava ocupado durante nossos primeiros anos de casamento.

Com quão vasto triunfo... quão vívido deleite... com que tamanha esperança etérea... sentia, quando ela se curvava sobre mim durante os estudos pouco investigados – mas não menos conhecidos –, até aquela vista deliciosa onde degraus expandiam-se, devagar, ante mim, por um caminho não pavimentado, lindo, sem trânsito, mas por onde eu poderia passar até chegar ao alvo e alcançar a sabedoria, preciosa por demais para não ser proibida!

Quão pungente, então, deve ter sido o sofrimento com o qual, anos mais tarde, vi minhas expectativas levantando suas próprias asas e voando para longe! Sem Ligeia eu era apenas como uma criança birrenta.

Sua presença, suas leituras solitárias, tornaram vividamente luminosos os muitos mistérios do transcendentalismo em que estávamos imersos. Desejando o brilho radiante de seus olhos, as letras, cintilantes e douradas, tornavam-se mais embaçadas que o metal. E agora aqueles olhos brilhavam cada vez menos frequentemente sobre as páginas nas quais eu meditava. Ligeia adoeceu. Os olhos selvagens brilhavam com um esplendor glorioso; os dedos pálidos tornaram-se tão transparentes quanto a cera da

sepultura; e as veias azuis sobre a fronte, intumesciam-se e palpitavam, impetuosamente, ao sinal da mais gentil emoção. Vi que ela ia morrer – e travei desesperadamente um duelo em espírito com o impiedoso *Azrael*. E as batalhas da esposa apaixonada eram, para meu assombro, mais enérgicas que as minhas próprias.

Havia muito em sua natureza severa para me impressionar com a crença de que, para ela, a morte chegaria sem seus terrores – mas assim não foi. Palavras são impotentes para transmitir qualquer ideia da ferocidade ou resistência com que ela lutou contra “A Sombra”. Eu gemia em angústia com tal espetáculo lamentável. Teria querido acalmá-la, argumentar, mas na intensidade de seu desejo selvagem de viver – desejo pela vida –, consolo e razão eram semelhantes ao extremo da loucura. Ainda assim, até o último instante, entre os contornos mais convulsivos de seu espírito feroz, nem assim foi abalada sua placidez externa característica. Sua voz passou a ser mais suave, muito mais grave, mas eu não queria me ater ao significado estranho daquelas palavras pronunciadas de maneira tão silenciosa. Meu cérebro cambaleava enquanto eu escutava, extasiado, tal melodia mais do que mortal – para suposições e aspirações nunca antes conhecidas.

Que ela me amava, disso eu não tinha dúvidas, e eu deveria estar ciente que, em um peito como o seu, o amor nunca reinaria como uma paixão tão comum. Mas somente na morte é que fui capaz de compreender toda a força de seu afeto. Por longas horas, enquanto retinha minha mão, ela derramaria ante mim o que um coração transbordante poderia demonstrar numa apaixonada devoção equivalente à idolatria. Como merecia eu ter sido tão abençoado por tais confissões? Como merecia eu ser tão amaldiçoado de que minha amada me fosse tirada na hora em que mais me fazia falta? Mas sobre este assunto não posso suportar me estender. Deixe-me dizer, apenas, que no abandono feminino de Ligeia, ai de mim! Tão imerecido, tão indignamente concedido, reconheci o princípio de sua saudade, com um desejo tão avidamente selvagem pela vida, vida esta que agora lhe fugia rapidamente. É esta saudade selvagem, este desejo veemente do desejo de viver – pela

vida –, que não tenho poder de retratar, ou capacidade de expressar em palavras.

Exatamente na noite em que partiu, acenando para mim, de forma autoritária, que chegasse até seu lado, me pediu que repetisse certos versos que compôs não muitos dias antes. Eu a obedeci. Estes eram os versos:

Vede! É noite de gala
Dentro dos últimos anos solitários!
Um anjo preso, mal-humorado, a dormir
Em véus e afogada em lágrimas,
Sente-se em um teatro, para assistir,
Um jogo de esperanças e medos,
Enquanto a orquestra entoa e respira
A música celeste das esferas.

Mímica, na forma do Deus Altíssimo,
Murmúrios e balbucios baixos,
E aqui voa e voa
Pequenas marionetes, que vem e vem...
À procura de vastas coisas sem forma embaixo
Que mudam a paisagem para lá e para cá,
Agitando suas asas de Condor
E assim Invisível está!

Esse drama heterogêneo!
Oh, tenha certeza... Não deve ser esquecido!
Com o fantasma para sempre mais perseguido,
Por uma multidão que não aproveita,
Através de um círculo que retorna para o mesmo ponto,
E muito da loucura e mais do pecado
E Terror a alma do enredo pronto.

Mas veja, no meio da rotura mímica,

Uma intrusão de forma rastejante!
Uma coisa sangrenta que se exala de fora
A solidão cênica! Não se evapora...
Se contorce! Se contorce! Com dores mortais...
Os mímicos tornam-se suas comidas,
E os serafins soluçam as presas...
Em humanos, assim, imbuídas.

Fora... Fora estão as luzes – fora tudo!
E sobre cada forma trêmula,
A cortina, uma fúria,
Vem com a pressa de uma tempestade impura,
E os anjos, todos pálidos e magros,
Insurreição, revelação, afirmação
Que a peça é a tragédia, “Homem” em dor...
E seu herói o verme conquistador.

— Oh, Deus! — quase gritou Ligeia, erguendo-se imediatamente e estendendo os braços à frente em movimentos espasmódicos, no momento em que encerrei estes versos.

— Oh, Deus! Oh, Divino Pai... deverão ser estas coisas assim tão inflexíveis? Não será uma só vez, conquistado, este conquistador? Não somos nós parte integrante Contigo? Quem... quem conhece os mistérios da vontade com seu vigor? O homem não entrega a si mesmo aos anjos, nem tão somente à morte, salvo apenas pela fraqueza de sua débil vontade.

E então, como se estivesse exausta pela emoção, ela abaixou seus pálidos braços e retornou solenemente até seu leito de morte. E enquanto exalava seus últimos suspiros, junto a eles veio junto um murmúrio baixo de seus lábios. Inclinei-lhe os meus ouvidos e ouvi distintamente, novamente, as palavras finais do trecho de Glanvill:

— *“O homem não entrega a si mesmo aos anjos, nem tão somente à morte, salvo apenas pela fraqueza de sua débil vontade”.*

Ela morreu. E eu, aniquilado, pulverizado em pesar, não podia mais suportar a desolação solitária da minha morada na decadente cidade às margens do Reno. Não me faltava o que o mundo chama de riqueza. Ligeia trouxe-me muito mais, porém, muito mais que o que cabe à sorte dos pobres mortais. Depois de alguns meses, portanto, de vagarear sem rumo, comprei e reformei uma abadia, que não devo nomear, em um dos recantos mais selvagens e remotos da boa Inglaterra.

A grandeza sombria e triste do edifício, o aspecto quase selvagem do terreno, as muitas memórias melancólicas e honradas conectadas a ambos, tinham muito em uníssono com os sentimentos de abandono que me levaram àquela remota e distante região rural do país. No entanto, embora o exterior da abadia, com seu verde decadente pendurando em volta, sofresse pouca alteração, entreguei-me, com uma perversidade infantil, e, possivelmente, com uma fraca esperança de aliviar minhas dores, a dar-lhe um ar de magnificência régia em seu interior. Para tais tolices, mesmo na infância, eu havia tomado gosto, e agora estas fantasias me voltavam como se banhadas em pesar. Ah, eu podia sentir o quanto de incipiente loucura poderia ter sido descoberta nas fantásticas e maravilhosas cortinas, nas esculturas solenes do Egito, nas cornijas e móveis antigos, nos carpetes adornados a ouro, em um padrão *Bedlam*.

Tornei-me escravo cativo às tramas do ópio, e meus trabalhos e decisões assumiram as cores dos meus sonhos. Mas a estes absurdos não devo me deter em detalhar. Permita-me falar apenas daquele aposento... amaldiçoado eternamente, que, em um momento de alienação mental, conduzi como minha noiva – como sucessora da inesquecível Ligeia –, a loira de olhos azuis, Lady Rowena Trevanion, de Tremaine.

Não há um só detalhe arquitetônico ou decorativo daquela câmara nupcial que agora não esteja visivelmente diante dos meus olhos. Onde estavam as almas da altiva família da noiva, quando, em sua sede por riqueza, permitiram que passasse pelo umbral de um aposento tão ornamentado, tal donzela e filha amada?

Eu disse que me recordo perfeitamente de cada detalhe daquele aposento – embora minha memória tristemente se esqueça de momentos mais profundos –, e não havia um meio sistemático, para manter, em uma exibição fantástica, a manutenção daquela memória.

O aposento se encontrava em uma ala da torre acastelada da abadia, tinha uma forma de pentágono, e era grande em tamanho. Ocupando todo o lado sul do pentágono, havia uma única janela – uma imensa folha de vidro inteiriço de Veneza –, um painel único e de cor chumbo, de forma que os raios solares, ou da lua, quando passavam por ele, deixavam um brilho sinistro sobre os objetos no interior. Acima dessa porção superior da imensa janela estendia-se uma treliça de uma antiga videira que se derramava e subia pelas paredes maciças da torre. O teto, de carvalho quase negro, era excessivamente alto e em formato de abóbada, ornado de forma primorosa com os mais estranhos e grotescos espécimes de estilo semigótico e semidruída. Da parte central desta melancólica abóbada, descidia, pendente por uma única corrente de ouro interligada com elos compridos e de padrão saracênico, um incensário de mesmo metal, ouro, e com tantas perfurações forjadas que se retorciam dentro e fora, como se fossem serpentes vivas, em uma contínua sucessão de luzes multicoloridas.

Alguns poucos candelabros de ouro, bem como otomanas, de formato oriental, situavam-se em vários locais, e logo ali, estava o leito. O leito nupcial. De modelo indiano, baixo, esculpido em ébano maciço, com um dossel que se assemelhava a um pano mortuário logo acima. Em cada um dos cantos angulados do aposento se erguia um gigantesco sarcófago de granito negro, das tumbas dos reis contra Luxor, com suas tampas esculpidas em imagens memoriais. Mas na cobertura principal do aposento repousava... Ai, de mim! A principal fantasia de todos...

As paredes altas, gigantes em altura – até mesmo desproporcionais –, estavam cobertas de cima a baixo, em grandes dobras, com o que se parecia a uma enorme tapeçaria de aparência maciça. Tapeçaria de material similar ao que recobria as otomanas e

o leito de ébano, bem como o carpete, e o dossel da cama, até as cortinas que cobriam parcialmente as janelas. O material era um tecido do ouro mais puro. Salpicado, em intervalos irregulares, com figuras em arabesco, com mais de 30 centímetros de diâmetro e forjada sobre o pano em padrões do mais negro azeviche. Mas essas figuras somente compartilhavam o mesmo caráter do arabesco quando observadas de um único ponto de vista. Através de uma invenção hoje comum, na verdade rastreável até um período remoto de antigamente, eles foram feitos de forma mutável. Para aqueles que entrassem no aposento, tinham a aparência de simples monstruosidades, mas à medida que se adentrava no quarto, esta aparência gradualmente desaparecia; passo a passo, à medida que o visitante se movimentasse no aposento, trocando sua posição, ele se via rodeado de uma sucessão infinita de formas sinistras pertencentes às superstições normandas, ou que surgem nos sonhos pecaminosos dos monges. O efeito fantasmagórico era amplamente realçado pela introdução artificial de uma corrente de ar que fluía por trás das cortinas, criando uma animação horrível e desagradável ao todo.

Em aposentos como estes – em um leito nupcial como este –, passava eu, as horas profanas do primeiro mês de nosso casamento, sendo que as passava com um pouco de inquietação. Que minha esposa temia o violento mau-humor do meu temperamento, que me evitasse e amasse, mesmo que um pouco, eu não podia deixar de perceber. Mas aquilo me dava mais prazer do que o contrário. Eu a detestava com um ódio que mais pertencia a um demônio que um homem. Minha memória retornava – Oh, com que intensidade de arrependimento! – para minha Ligeia, minha amada, digna, bela, sepultada. Eu me deleitava nas lembranças de sua pureza, sabedoria, imponência, sua natureza etérea, apaixonada, seu amor idólatra. Agora, então, meu espírito se enchia e ardia livremente com as chamas de outrora. Na excitação de meus sonhos opiáceos – ao qual estava acorrentado pelos grilhões da droga –, eu gritava seu nome, durante o silêncio da noite, ou entre os recessos protegidos do dia, como se, através da ansiedade selvagem, da paixão solene, o ardor

que consumia pela partida daqueles que deixavam saudade, eu pudesse trazê-la de volta, às veredas que ela abandonara – ah, seria possível para sempre? – nesta terra.

Aproximadamente no início do segundo mês de casamento, Lady Rowena foi acometida de uma súbita doença, cuja recuperação foi lenta. A febre que a consumia tornava suas noites inquietas, e em seu estado torporoso e semiadormecido, ela falava de sons, movimentos, que iam e vinham do aposento da torre, mas concluí que não tinham qualquer fundamento, salvo destempero de sua imaginação, ou talvez, a influência fantasmagórica do próprio quarto em si. Ela convalesceu, afinal, até se reestabelecer. No entanto, um breve período transcorreu, até que um segundo e mais violento acesso a acometeu, colocando-a de volta à cama em sofrimento. E deste ataque à sua saúde, seu corpo já frágil, jamais se recuperou totalmente.

Suas doenças foram, depois dessa época, de caráter mais alarmante, e muito mais recorrentes, desafiando tanto o conhecimento, quanto os grandes esforços de seus médicos. Com o progresso de sua doença crônica, que, ao que parecia, havia assumido sua constituição sendo incapaz de ser erradicada por meios humanos, não pude deixar de observar aumento similar em sua irritação nervosa, em seu temperamento, bem como sua excitabilidade sobre causas triviais do medo. Ela falava novamente, e agora com mais frequência e pertinácia, sobre os sons – os sons leves –, e sobre os movimentos inusitados entre as tapeçarias, ao qual ela já havia aludido.

Certa noite, já no final de Setembro, pressionou-me sobre o assunto, com maior ênfase do que o habitual, requerendo minha atenção. Ela havia acabado de acordar de um sono inquieto, e eu estivera observando, com sentimentos mistos de ansiedade e terror, o aspecto de sua fisionomia emagrecida. Sentei-me ao lado de sua cama de ébano, em uma otomana da Índia. Ela se levantou e falou, em um sussurro baixo e fervoroso, de sons que estivera ouvindo, mas cujos quais não pude ouvir; de movimentos que estivera vendo, mas cujos quais não pude perceber. O vento soprava apressadamente

atrás das tapeçarias, e eu desejava lhe mostrar (o que, devo confessar, eu não podia crer de todo), que todos aqueles sussurros e respirações inarticuladas, e aquelas variações tão delicadas das figuras nas paredes, não eram nada mais que os efeitos naturais do vento corrente. Mas a palidez mortal, espalhando-se pelo rosto, provava a mim que, meus esforços em tranquilizá-la, seriam infrutíferos. Ela parecia estar desmaiando e nenhum criado ouviria aos meus chamados.

Lembrei-me de onde havia guardado o decantador de vinho suave receitado pelos médicos, e percorri o aposento à sua busca. Mas, ao passar sob a luz do incensário pendente, duas circunstâncias de natureza impressionante atraíram minha atenção. Senti que algo palpável, embora invisível, passara de leve junto a mim; e vi que ali estava, sobre o tapete dourado, logo abaixo do incensário, uma sombra – uma sombra fraca e indefinida de aspecto angelical –, tal o que se pode esperar do aspecto de uma sombra. Mas eu estava alucinado de excitação por uma dose imoderada de ópio, e considerei tais coisas como nada, nem mesmo as mencionei a Rowena. Tendo encontrado o vinho, cruzei de volta os aposentos e enchi uma taça, segurando-a junto aos lábios da desmaiada senhora. Parcialmente recuperada, assumiu o cálice por si só, enquanto eu me sentei próximo a ela, com meus olhos fixos em sua pessoa.

Foi então que percebi distintamente passos leves sobre o carpete e próximo ao leito e, um segundo depois, quando Rowena estava no ato de erguer o cálice aos lábios, eu vi, ou talvez tenha sonhado que vi, caindo dentro da taça, de uma fonte invisível na atmosfera do quarto, três ou quatro grandes gotas de um brilhante líquido, cor de rubi. Se eu o vi, não o viu Rowena. Ela bebeu o vinho sem hesitar, e eu me esqueci de mencionar a circunstância, depois de tudo, pois considerei que tenha sido induzido pela sugestão de minha vívida imaginação, acrescido do terror da senhora, pelo ópio e pelo adiantado da hora.

No entanto, não posso deixar escapar de minha percepção que, imediatamente após a queda das gotas de rubi, uma mudança súbita para pior se abateu sobre o estado de saúde de minha esposa;

Então assim, na terceira noite subsequente, as mãos dos criados prepararam seu corpo para o túmulo, e ao quarto dia, sentei-me sozinho, com seu corpo envolto, naquele fantástico aposento em que a recebi como minha esposa.

Visões selvagens, induzidas pelo ópio, flutuavam como sombra ante mim. Meu olhar pousou inquieto sobre os sarcófagos em cada canto do aposento, sobre as figuras ondulantes na tapeçaria, e sobre as chamas multicoloridas que se entrelaçavam do incensário acima da minha cabeça. Meus olhos então caíram, no que me recordo como das circunstâncias de outra noite, sobre um ponto abaixo do clarão do incensário, aonde antes cheguei a vislumbrar os traços translúcidos de uma sombra. O que antes ali estava, no entanto, agora já havia partido, e respirando com maior liberdade, tornei a olhar para a pálida e rígida figura que jazia sobre o leito. Então percorreram minha mente, milhares de memórias de Ligeia – e achegou-se ao meu coração, com a violência turbulenta de uma torrente, a totalidade do indizível sentimento de infortúnio com que eu a contemplara, a ela, daquela forma envolta em uma mortalha. A noite avançava e ainda assim, com meu peito cheio de pensamentos amargos a respeito da única e supremamente amada, permaneci contemplando o corpo de Rowena.

Devia ser meia-noite, ou talvez mais cedo, ou mais tarde, já que eu havia perdido a noção do tempo, quando um soluço, baixo, suave, mas muito distinto, surpreendeu-me em meu sono. Senti que vinha da cama de ébano – a cama da morte. Eu o ouvi em uma agonia de terror supersticioso, mas não houve repetição do som. Agucei o olhar para detectar qualquer movimento no cadáver, mas não havia o mínimo perceptível. No entanto, eu não poderia estar enganado. Eu escutara um ruído, ainda que fraco, e minha alma despertara dentro de mim. Mantive, de maneira resoluta e perseverante, minha atenção ao corpo. Muitos minutos se passaram antes que qualquer circunstância ocorresse de modo a lançar uma luz sobre o mistério. Finalmente, tornou-se evidente que um leve, muito fraco, quase imperceptível rubor assumiu suas faces e sobre as pequenas veias de suas pálpebras. Através de uma espécie de horror

e espanto indizíveis, para os quais não há palavras suficientes para expressar na língua mortal, senti meu coração parar uma batida, meus membros rígidos de horas na mesma posição em que sentado estava.

Contudo, o senso de dever finalmente pareceu atuar para que eu recobrasse meu domínio próprio. Eu não podia mais duvidar de que havíamos nos precipitado em nossos preparativos fúnebres – que Rowena estava viva. Era necessário agir imediatamente. Entretanto, a torre estava separada do restante da abadia onde residiam os criados, e não havia um sequer para ser chamado. Eu não tinha meios de ordenar-lhes que viessem em meu auxílio, sem que tivesse que deixar o quarto por alguns minutos, e aquilo eu não poderia me aventurar a fazer.

Eu, portanto, lutei sozinho em meus esforços para chamar o espírito que pairava sobre o corpo. Em um curto período, era certo, houve, porém, uma recaída. A cor desapareceu de suas pálpebras e faces, deixando uma palidez ainda maior do que o mármore. Os lábios tornaram-se duplamente, contorcidos e retraídos, na expressão sinistra da morte. Uma repulsiva viscosidade e frigidez se espalharam rapidamente pela superfície do corpo. Caí, trêmulo, no sofá de onde me erguera quando fui despertado tão surpreendentemente e me entreguei outra vez, às apaixonadas lembranças de Ligeia.

Uma hora assim decorreu quando (poderia ser possível?), tomei, novamente ciência de um som impreciso oriundo da região do leito. Ouvi atentamente, na extremidade do horror. O som veio novamente – era um suspiro. Correndo para o cadáver, eu vi, distintamente vi, um leve tremor em seus lábios. Em um minuto, eles se abriram, deixando à vista uma fileira de dentes perolados. O espanto agora duelava em meu peito, com a profunda admiração que até então dominara sozinha.

Senti que minha visão ficou turva, que minha razão divagou. E foi somente com um esforço violento que consegui, afinal, dominar os nervos e me propor a executar a tarefa mais uma vez apontada. Havia agora um brilho parcial na frente e em suas bochechas e

garganta; um calor perceptível impregnou toda a sua forma. Havia até mesmo uma leve pulsação de seu coração. A mulher estava viva e, com redobrado ardor, pus-me à tarefa de reanimá-la. Friccionei e banhei-lhe as têmporas e mãos, e usei de toda experiência, e quase nenhuma literatura médica poderia sugerir. Em vão. De repente, a cor sumiu, a pulsação cessou e os lábios assumiram a expressão resoluta da morte, e, um instante depois, todo o corpo se tornou frio como o gelo, com a coloração lívida, de intensa rigidez, os contornos cavados, e todas as peculiaridades repugnantes de alguém que, por muitos dias, foi um inquilino do túmulo.

E novamente afundei-me nas recordações de Ligeia – mais uma vez, (Que maravilha que estremeço enquanto escrevo...), de novo chega até meus ouvidos um soluço baixo do leito de ébano. Mas por que detalharei minuciosamente os horrores indescritíveis daquela noite? Por que demorarei a relatar como, de tempo em tempo, até a hora do acinzentado amanhecer, repetiu-se este drama horrendo de revivificação? Como cada recaída terrível era apenas uma morte mais severa e aparentemente mais irrepreensível... Como cada agonia usava o aspecto de uma luta com algum inimigo invisível... E como a cada luta que se sucedia, por eu não saber o que havia de mudança no cadáver? Permita-me apressar a conclusão...

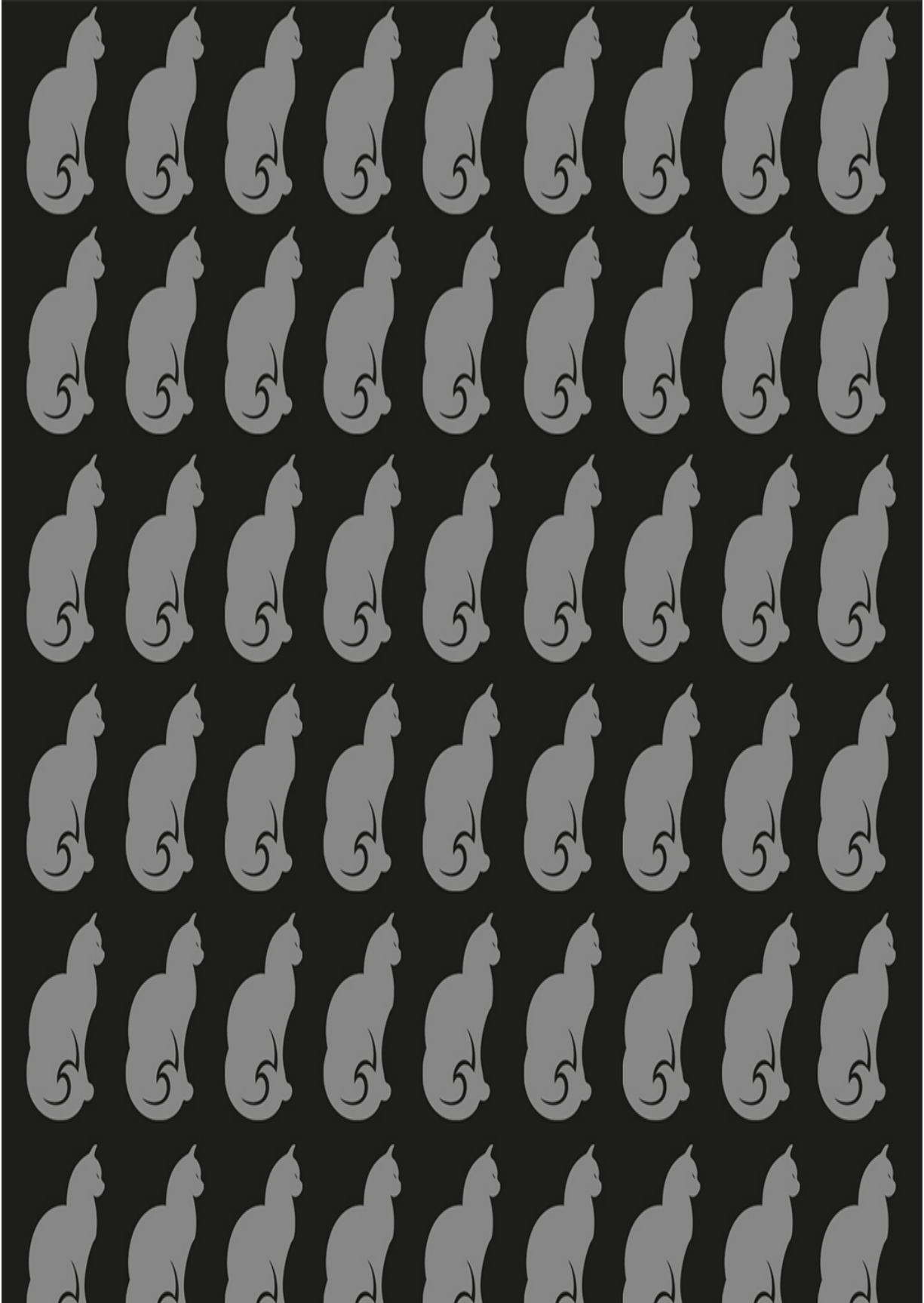
A grande parte daquela terrível noite se fora, e aquela que havia sido dada como morta, mais uma vez se movera – agora mais vigorosamente do que até então, embora despertando de uma dissolução mais espantosa em sua total desesperança, do que qualquer outra. Há muito eu já cessara de lutar ou me mover, permanecendo sentado rigidamente sobre a poltrona, uma presa indefesa de um turbilhão de violentas emoções, cujo assombro extremo era, talvez, o menos terrível, o menos consumidor. O cadáver, torno a repetir, moveu-se, e agora mais vigorosamente que antes. Os matizes da vida irrompendo, com indomável energia, em seu rosto – seus membros relaxados – e, a não ser pelas pálpebras ainda firmemente cerradas, e os panos e ataduras que a recobriam conferindo um aspecto sepulcral à imagem, eu poderia ter sonhado

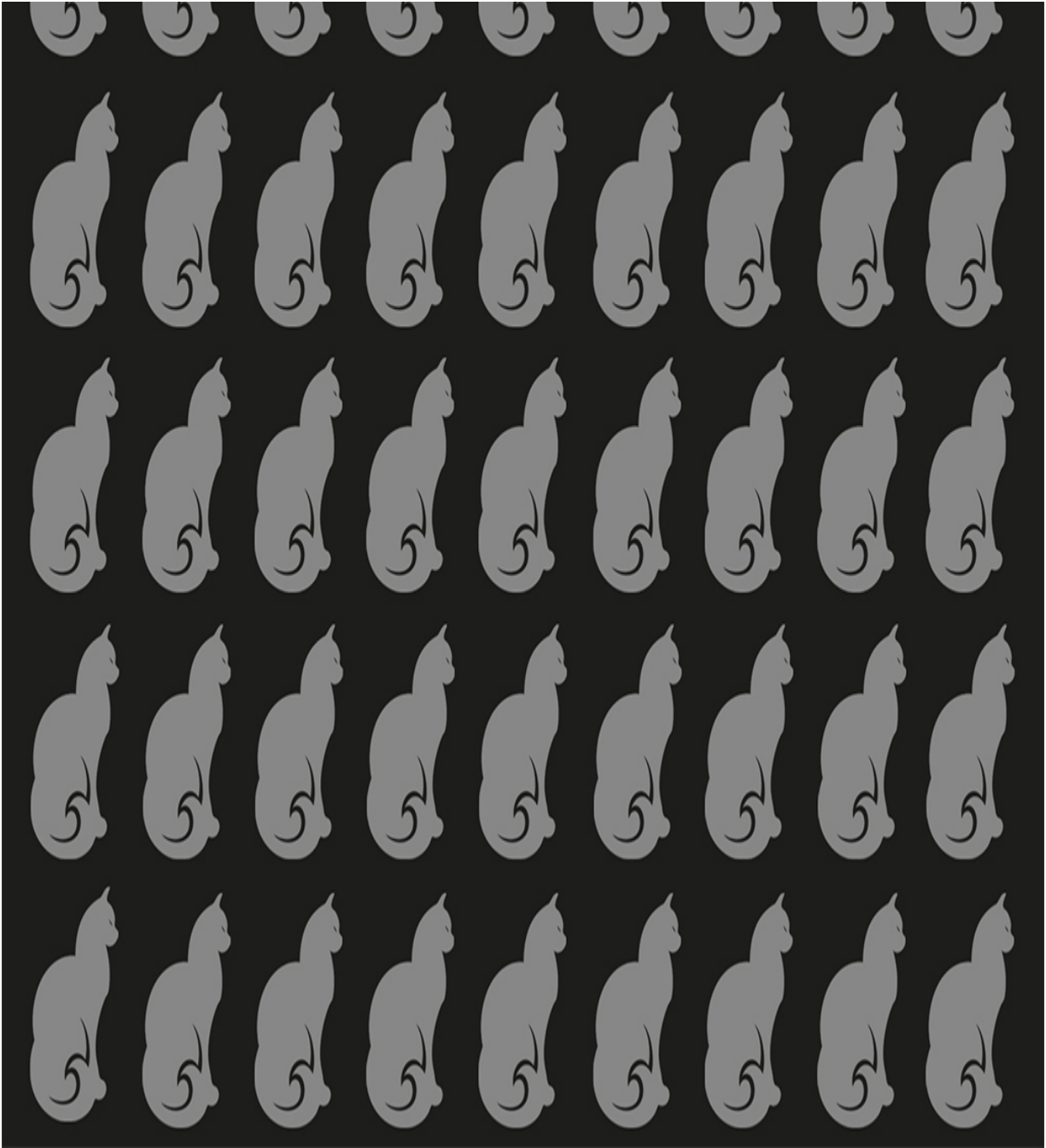
que Rowena, na verdade, tinha afastado completamente os grilhões da morte.

Mas se esta ideia não foi, até então, inteiramente aceita, eu poderia, no mínimo, não mais duvidar, quando, erguendo-se da cama, cambaleando, com passos vacilantes, com olhos fechados, e agindo como alguém perdido em um sonho, a coisa amortalhada avançou audaciosamente de maneira bem corpórea e palpável, para o meio do aposento.

Não tremi – não me movi –, pois um milhão de fantasias inenarráveis, ligadas à aparência, estatura, comportamento da figura, correram apressadamente através do meu cérebro, me deixando paralisado, congelado como uma pedra. Não me movi, mas contemplei a aparição. Havia uma desordem louca em meus pensamentos, um tumulto inacessível. Poderia, verdadeiramente, ser Rowena *viva* aquela quem me confrontava? Poderia, de fato, ser verdadeiramente Rowena, a loira de olhos azuis, Lady Rowena Trevanion, de Tremaine? Por que, *por que*, eu ainda duvidava? A bandagem permanecia firmemente fixa ao redor da boca – mas então poderia não ser a boca respirante de Lady Tremaine? E as bochechas – havia aquele rosado em seu esplendor de vida –, sim, poderia ser a bela face da viva Lady Tremaine. E o queixo, com as covinhas, como antes de sua doença, poderia não ser o dela? Mas então... *ela crescera em estatura desde seu padecimento?* Que loucura inexplicável me apanhou com aquele pensamento? Em um salto cheguei aos seus pés. Estremecendo ao meu toque, ela reclinou a cabeça, deixando cair, assim, os fúnebres tecidos sinistros que a confinavam, e ali fluíram, na atmosfera agitada do aposento, enormes massas de cabelos longos e desgrenhados. *Eram mais negros que as asas de um corvo da meia-noite!* E agora, vagorosamente abriu os olhos, o vulto que estava à minha frente. “Aqui estão, afinal,” disse eu em voz alta, “eu nunca, nunca poderia enganar-me... Estes são os grandes, negros e selvagens olhos do meu perdido amor – de minha Lady... LADY LIGEIA.”







“Son coeur est un luth suspendu; Sitôt qu’on le touche il résonne.*”

DE BÉRANGER

DURANTE TODO UM DIA enfadonho, escuro e silencioso de outono, quando as nuvens pendiam opressivas e baixas no firmamento, percorri sozinho, a cavalo, um trecho singularmente lúgubre no campo. Por fim, quando as sombras da noite já se aproximavam, encontrei-me à vista da melancólica Casa de Usher. Não sei como foi – mas, ao primeiro olhar que lancei à casa, uma sensação de insuportável melancolia invadiu o meu espírito. Digo insuportável, pois tal sensação não era aliviada por nenhum daqueles sentimentos meio prazerosos, porque poéticos, com os quais o espírito geralmente absorve mesmo as imagens naturais mais austeras do desolamento e do terrível. Contemplei a cena que se abria diante de meus olhos – a casa simples; os traços simples da paisagem; as paredes nuas; as janelas que mais pareciam olhos vazios; algumas fileiras de juncos sinistros e alguns troncos brancos de árvores mortas – com uma depressão que consumia minha alma, que eu não poderia comparar a nenhuma sensação terrena com mais propriedade do que a do despertar do delírio do ópio – o lapso amargo na vida cotidiana – a horrível queda do véu.

O coração congelava, afundava, adoecia – uma irremediável tristeza por pensar que nem a mais aguçada imaginação seria capaz de extrair qualquer coisa do sublime.

O que era aquilo? – parei para pensar – o que era aquilo que me desconcertava tanto ao contemplar a Casa de Usher? Era um mistério totalmente insolúvel. Sequer conseguia lutar contra as quimeras macabras que se abatiam sobre mim enquanto ponderava. Tive de me contentar com a conclusão insatisfatória de que, embora, sem dúvida, existam combinações de objetos naturais muito simples, que têm o poder de nos afetar desse modo, a análise desse poder

reside em considerações além da nossa compreensão. Refleti que era possível que a mera organização diferente das particularidades da cena, dos detalhes do quadro, já seria suficiente para modificar ou, quem sabe, até aniquilar a capacidade que eles têm de nos trazer impressões pesarosas. Com isso em mente, guiei meu cavalo até a borda íngreme de um lago negro e lúgubre que brilhava imperturbável perto da casa e olhei para baixo; mas me arrepiei mais do que antes vendo a imagem invertida dos juncos cinza, dos troncos fantasmagóricos das árvores e das janelas que pareciam olhos vazios.

Mesmo assim, me propus a ficar naquela mansão melancólica por algumas semanas. O proprietário, Roderick Usher, tinha sido um de meus companheiros abençoados quando éramos jovens, mas muitos anos haviam se passado desde nosso último encontro. Entretanto, havia chegado a mim uma carta, em uma parte distante do país – uma carta dele –, que pela natureza urgente, não admitia outra resposta senão uma dada pessoalmente. Meu amigo parecia estar extremamente agitado e nervoso. Ele falou sobre dores agudas no corpo, de um distúrbio mental que o vinha afligindo e de um desejo sincero de me ver, como seu melhor e, na verdade, único amigo, na tentativa de melhorar de sua doença com a alegria de minha presença. Foi a forma como tudo isso – e muito mais – foi dito, a forma como o pedido parecia ter sido feito de coração, que não me deixou espaço para hesitação; e obedeci fielmente a essa súplica de visita que ainda considero muito singular.

Embora tivéssemos sido muito próximos quando meninos, eu sabia muito pouco do meu amigo. Ele sempre havia se mostrado excessivamente reservado. Eu sabia, contudo, que sua família, muito antiga, era conhecida, desde tempos imemoriais, por ter uma sensibilidade peculiar de temperamento, revelando-a, por muito tempo, em muitas obras de exaltada arte e, posteriormente, em repetidos atos de caridade, generosos, porém discretos. Também eram devotos das complexidades, talvez até mais do que das belezas ortodoxas e facilmente reconhecíveis da ciência musical. Eu sabia, também, do fato digno de nota de que a estirpe da família Usher, honrada como era, não havia tido nenhuma ramificação duradoura.

Em outras palavras, que toda a família se limitava a uma linha de descendência direta, e sempre assim fora, com exceção de variações insignificantes e transitórias. Essa deficiência – eu pensava, enquanto percorria em pensamentos a perfeita harmonia do aspecto da propriedade com o reconhecido caráter das pessoas, e especulava sobre a possível influência que um possa ter exercido sobre o outro ao longo dos séculos. Era esse fato, talvez, e a conseqüente transmissão, de pai para filho, do patrimônio e do nome, que haviam feito a família e a casa se juntarem no nome exótico e ambíguo de “Casa de Usher”. Esse nome parecia aludir, na cabeça dos camponeses que lá trabalhavam, tanto à família quanto à mansão.

Eu disse que o único efeito de meu experimento infantil – o de olhar para baixo na lagoa – havia aprofundado a minha primeira e singular impressão do lugar. Sem dúvida, o fato de eu perceber que minha superstição aumentava – por que não deveria expressá-lo? – fez com que ela aumentasse cada vez mais. Sei há muito tempo que é assim que funciona a lei paradoxal de todos os sentimentos derivados do terror. Talvez tenha sido apenas por essa razão que, quando levantei os olhos novamente para a casa depois de ter visto seu reflexo na água, cresceram em minha mente ideias estranhas – aliás, ideias tão ridículas, que só menciono para mostrar a força intensa das sensações que me oprimiam. Eu havia forçado tanto a imaginação que ela me fez realmente acreditar que sobre toda a mansão e a propriedade pairava uma atmosfera muito peculiar a elas próprias e à vizinhança – uma atmosfera nada parecida com os ares do céu, mas sim algo que emanava das árvores mortas, das paredes cinzentas, do lago silencioso – um vapor pestilento e místico, pesado, inerte, mal perceptível e cor de chumbo.

Espantando de meu espírito o que devia ser um sonho, observei com mais atenção o aspecto real daquela construção. Sua característica principal era parecer excessivamente antiga. A perda das cores através dos anos havia sido grande. Fungos minúsculos haviam tomado conta de todo o exterior da casa, enroscando-se nas calhas em uma teia finamente tecida. Todavia, não havia estragos mais acentuados. Nenhuma parte da alvenaria ruíra, e parecia haver

uma inconsistência extravagante entre o conjunto ainda perfeito das partes da construção e a condição precária de cada pedra. Isso me fazia pensar na integridade aparente de uma velha peça de madeira apodrecendo há muitos anos em alguma caverna abandonada, sem contato com o ar exterior. Apesar desse forte indício de decadência, a construção dava poucos sinais de instabilidade. Talvez os olhos de um observador atento tivessem descoberto alguma rachadura imperceptível que, estendendo-se do teto da frente da casa, descesse pelas paredes em ziguezague até se perder nas águas sombrias do charco.

Observando essas coisas, transpus o curto caminho que conduzia à casa. Um criado tomou meu cavalo e então passei pelos arcos góticos do vestibulo. Outro criado me conduziu, em silêncio e a passos furtivos, pelos vários corredores escuros e intrincados, a caminho do gabinete de seu amo. Muito do que encontrei pelo caminho contribuiu para potencializar todos os sentimentos vagos que já descrevi, de uma forma que não sei explicar.

Embora os objetos ao meu redor – mesmo as pinturas no teto, as tapeçarias sombrias nas paredes, o chão preto como o ébano, ou mesmo os troféus heráldicos fantasmagóricos que retiniam enquanto eu passava – fossem coisas com as quais eu me acostumara na infância, e mesmo não hesitando em reconhecer o quanto tudo aquilo era familiar para mim, eu ainda me admirava por perceber o quanto as impressões que as imagens comuns me causavam eram estranhas. Em uma das escadarias, encontrei o médico da família. Seu semblante, pensei, parecia encerrar uma mistura de baixa astúcia e embaraço. Ele me cumprimentou com um leve tremor e continuou andando. O criado então abriu a porta e me guiou à presença de seu senhor.

Era uma sala grande e imponente. As janelas eram longas, estreitas e pontudas e estavam colocadas a uma distância tão grande do chão de carvalho que era quase impossível alcançá-las. O brilho fraco de luzes avermelhadas abria caminho pelas vidraças de treliças e serviam para tornar suficientemente reconhecíveis os principais objetos de lá. Meus olhos, contudo, tentavam em vão alcançar os

cantos mais remotos do cômodo ou os recuos do teto abobadado e cheio de ornamentos. Havia tapeçarias escuras pendendo das paredes. A mobília era farta, mas desconfortável, antiquada e encontrava-se em estado precário. Havia vários livros e instrumentos musicais espalhados pelos cantos, mas nem eles conseguiam dar nenhuma sensação de vitalidade ao lugar. Senti que respirava uma atmosfera de angústia. Uma atmosfera de profunda, penetrante e irremediável melancolia pairava no ar e tomava conta de tudo.

Quando entrei, Usher levantou-se do sofá onde estava deitado e me cumprimentou tão calorosamente que, a princípio, considerei uma cordialidade exagerada, um esforço constrangido de um homem cansado do mundo. Entretanto, ao olhar para seu semblante, convenci-me de sua perfeita sinceridade. Sentamo-nos e, por alguns momentos, enquanto ele não falava, contemplei-o com um sentimento onde se misturavam piedade e admiração. Nenhum homem havia mudado tanto, em um período de tempo tão curto, como Roderick Usher!

Foi difícil admitir que o homem pálido que estava ali, diante de mim, era o meu companheiro da infância e da adolescência. Os traços de seu rosto sempre tinham sido notáveis: a complexão cadavérica, olhos grandes, líquidos e mais brilhantes do que os de qualquer um; lábios estreitos e muito pálidos, porém com uma curvatura de notável beleza; o nariz de uma feição hebreia delicada, mas com uma largura incomum para narinas de semelhante tipo; o queixo, finamente modelado, que falava, pela falta de proeminência, de uma falta de energia do espírito; os cabelos, mais macios e finos que uma teia de aranha. Todos esses traços, que se expandiam excessivamente sobre a região das têmporas, faziam com que aquele semblante não pudesse ser esquecido facilmente. Mas agora, no exagero do caráter predominante desses traços e da expressão que eles costumavam transmitir, havia tanta mudança que comecei a duvidar daquele com quem falava. A palidez fantasmagórica da pele e o brilho miraculoso que agora havia em seus olhos, acima de tudo, me surpreenderam e me deixaram impressionado. O cabelo sedoso, também, havia crescido de uma maneira descuidada, e era como se,

em sua textura selvagem de teia de aranha, mais flutuasse do que caísse sobre seu rosto. Eu não conseguia, mesmo me esforçando para isso, relacionar sua aparência emaranhada com qualquer ideia de simples humanidade.

Fiquei surpreso, de início, ao encontrar uma incoerência – uma inconsistência – no comportamento do meu amigo, e logo descobri que elas eram motivadas por uma série de tentativas frágeis e inúteis de superar um embaraço habitual, uma agitação nervosa excessiva. Eu, certamente, estava preparado para algo dessa natureza, tanto pela carta, como também pela lembrança de certos traços da juventude e por conclusões a que cheguei a partir de sua conformação física peculiar e de seu temperamento. Ele alternava a forma como agia, às vezes era alegre, às vezes carrancudo. A voz variava rapidamente de uma indecisão trêmula (quando a vitalidade parecia estar em completa latência) a essa espécie de concisão energética – aquela maneira de falar abrupta, pesada, lenta e oca – a essa voz gutural, densa, equilibrada e perfeitamente modulada, que pode ser observada em um bêbado perdido ou no viciado em ópio durante o período de maior exaltação.

Foi dessa forma que ele falou sobre o objetivo de minha visita, de seu desejo sincero de me ver, e do consolo que ele esperava que minha presença lhe trouxesse. Abordou, com certa profundidade, o que julgava ser a causa de sua doença. Disse que era um mal constitucional e familiar – para o qual ele já não tinha esperança de encontrar uma cura – uma simples afecção nervosa – acrescentou imediatamente –, que sem dúvidas passaria logo.

A doença se manifestava através de uma multidão de sensações alternáveis. Enquanto ele as detalhava, algumas delas me interessaram e me deixaram perplexo, embora talvez os termos e a forma geral como ele as narrou tenham tido seu peso. Ele sofria de um aguçamento mórbido dos sentidos: só suportava as comidas mais insípidas, só podia usar vestes de certa textura, o cheiro de todas as flores o oprimia, uma mera luz fraca torturava seus olhos, e somente alguns sons – todos eles de instrumentos de corda – não lhe

inspiravam horror. Compreendi que ele estava amarrado a uma estranha espécie de terror.

— Vou morrer — disse-me ele —, vou morrer por causa dessa deplorável loucura. Assim; assim, e não de outra forma, hei de perecer. Temo o que acontecerá no futuro — não os eventos em si, mas suas consequências. Estremeço ao pensar em qualquer incidente, até mesmo no mais trivial, que possa ter efeito sobre essa agitação intolerável da alma. De fato, não tenho nenhuma aversão ao perigo, exceto em seu efeito absoluto — no terror. Nesta condição debilitada — e digna de pena —, sinto que, mais cedo ou mais tarde, chegará a hora em que terei de abandonar a vida e a razão ao mesmo tempo, em alguma luta contra o fantasma sombrio do MEDO.

Percebi, além disso, pouco a pouco, e por meio de alusões entrecortadas e ambíguas, outro traço singular de sua condição mental. Ele estava dominado por certas impressões supersticiosas com relação ao imóvel onde vivia e de onde, por muitos anos, nunca havia se aventurado a sair — superstições acerca de uma influência cuja força hipotética foi descrita em termos muito obscuros para ser relatada aqui. A influência que algumas peculiaridades na simples forma e material da mansão da família haviam exercido sobre de seu espírito, graças a um longo sofrimento, ele disse — um efeito que a aparência das paredes cinzentas, das torres e do lago sombrio no qual tudo se refletia, tinha, com o tempo, produzido sobre o estado de ânimo de sua existência. Contudo, ele admitia, mesmo com hesitação, que muito da morbidez peculiar que o afligia podia ser atribuída a uma origem mais natural e palpável — à doença severa e contínua — na verdade, à aproximação evidente e iminente da morte de sua querida e amada irmã, a única companhia que vinha tendo há anos, seu último e único parente na Terra.

— A morte dela — ele disse, com uma amargura que nunca conseguirei esquecer — faria dele (ele, o desesperançado e frágil) o último da antiga linhagem dos Usher.

Enquanto ele falava, lady Madeline (ou pelo menos era como a chamavam), passou devagar por uma parte remota da sala e, sem notar minha presença, desapareceu. Eu a olhei com uma mistura de

espanto absoluto e medo, mas não conseguia explicar a que se deviam aqueles sentimentos. Uma sensação de estupor me oprimia enquanto meu olhar seguia seus passos. Quando, por fim, a porta se fechou atrás dela, meu olhar procurou instintivamente, e com ansiedade, pelo semblante do irmão, mas ele havia escondido o rosto entre as mãos, e só pude notar que uma palidez fora do comum havia tomado conta dos dedos finos, pelos quais escorriam muitas lágrimas apaixonadas.

A doença de lady Madeline vinha, há muito, desafiando as habilidades dos médicos. Uma apatia fixa, uma devastação física lenta e gradual, e frequentes – embora breves – afecções de um caráter parcialmente cataléptico, eram os diagnósticos incomuns. Até então, ela lutara com firmeza contra a doença e não se entregara à cama; mas, ao final da noite em que cheguei à casa, ela sucumbiu (como o irmão me contou no meio da noite, com uma agitação inexprimível) ao poder de prostração da enfermidade, e percebi que o breve vislumbre que tive se sua pessoa seria, provavelmente, o último – percebi que não veria mais aquela dama, pelo menos enquanto vivesse.

Por vários dias, seu nome não foi mencionado nem por Usher nem por mim. Durante esse período, ocupei-me dos esforços mais sinceros para aliviar a melancolia de meu amigo. Pintávamos e líamos juntos; ou escutava, como em um sonho, as improvisações extravagantes de seu eloquente violão. E assim, à medida que crescia nossa intimidade, conseguia adentrar com menos reservas em seu espírito, e com mais amargura percebia a inutilidade de todas as tentativas de alegrar uma mente cuja escuridão, como se fosse uma qualidade positiva inerente, se derramava sobre todos os assuntos do universo moral e físico em uma incessante irradiação de melancolia.

Sempre levarei comigo as lembranças das várias horas solenes que passei a sós com o dono da Casa de Usher. Contudo, não conseguiria transmitir a ideia do exato caráter dos estudos, ou das ocupações, nas quais ele me envolveu, ou por cujos caminhos me conduziu. Uma idealização exaltada e altamente inquietante, que lançava um brilho cintilante sobre tudo. Suas canções fúnebres

improvisadas ecoarão para sempre em meus ouvidos. Entre outras coisas, guardo dolorosamente na memória a recordação de certa perversão singular e amplificação extravagante da ária da última valsa de Von Weber. Das pinturas sobre as quais sua complicada imaginação se debruçava, e que cresciam, pincelada a pincelada, para uma indefinição diante da qual eu estremecia (um tremor que era ainda mais perturbante porque não conhecia sua causa) – dessas pinturas (vívidas como suas imagens estão agora em minha mente), eu me esforçaria em vão para reproduzir mais do que uma pequena parte, que ficaria restrita às fronteiras das reles palavras escritas.

Pela total simplicidade, pela pureza de seus desenhos, ele prendia e aterrava a atenção. Se algum mortal já conseguiu pintar uma ideia, esse mortal foi Roderick Usher. Para mim, pelo menos, dadas as circunstâncias que me rodeavam, elas surgiam de puras abstrações que o hipocondríaco intentava lançar na tela, uma sensação de intolerável espanto cuja sombra nunca havia sentido, nem mesmo na contemplação das fantasias resplandecentes, certamente, porém concretas demais, de Fuseli^{**}.

Uma das concepções fantasmagóricas do meu amigo, embora não tão rígida com quanto ao espírito da abstração, pode ser melhor delineada em palavras, ainda que com certa superficialidade.

Um pequeno quadro representava o interior de uma cripta ou um túnel bastante longo e retangular, com paredes baixas, suaves, brancas e sem interrupções ou ornamentos. Alguns pontos acessórios da composição serviam bem para transmitir a ideia de que essa escavação estava a uma grande profundidade abaixo da superfície da terra. Não havia nenhuma saída em nenhuma parte daquela amplidão, e não havia nenhuma tocha ou outra fonte artificial de luz; contudo, uma avalanche de raios intensos se espalhava por tudo e banhava a cena toda com um esplendor sinistro e incongruente.

Acabei de me referir à condição mórbida do nervo auditivo que tornava qualquer música intolerável ao enfermo, com exceção de alguns efeitos de instrumentos de corda. Foram talvez os limites

estreitos pelos quais ele assim se confinou ao violão que deram origem, em grande medida, ao caráter fantástico de suas apresentações. Mas a facilidade ardorosa com que improvisava não podia ser explicada da mesma forma. Elas deviam ser, e eram, nas notas, assim como nas palavras de suas fantasias mais estranhas (já que ele frequentemente acompanhava as notas com rimas improvisadas) –, deviam ser resultado daquele intenso recolhimento e concentração mental a qual já me referi como sendo observável apenas em momentos particulares da mais alta excitação artificial.

Lembro-me facilmente das palavras de uma dessas rapsódias. Talvez tenha ficado mais impressionado com elas quando ele a apresentou, porque, na maré mística de seu significado, imaginei perceber, e pela primeira vez, a plena consciência, da parte de Usher, de que sua razão altiva cambaleava com o poder dela. Os versos, que eram intitulados de O Palácio Assombrado eram mais ou menos assim:

I.

No mais verde de nossos vales,
Por anjos misericordiosos habitado,
Um palácio outrora majestoso
Um palácio imponente - foi erguido
Nos domínios do Rei Pensamento - e lá
Ele ficava!
E nunca um serafim suas asas
sobre coisa tão bela havia batido.

II.

Bandeiras amarelas, gloriosas, douradas
Em seu telhado esvoaçavam-se
(Isso - tudo isso - nos
Velhos tempos)
E com cada brisa que batia,
naquele doce dia,

Pelas ameias, emplumadas e pálidas,
Uma fragrância leve se expandia.

III.

E os que passavam pelo vale
Pelas duas janelas luminosas viam
Espíritos dançando musicalmente
Ao som do alaúde,
Em torno de um trono onde
(porfirogênio! ***)
Envolto em glória,
O senhor do reino era visto.

IV.

E com o brilho das pérolas e do rubi
Era decorada a bela porta do palácio
Por onde entraram, como um rio fluindo e cintilando
Os ecos, cuja tarefa doce
Era cantar
Com vozes de beleza magnificente
A inteligência e a sabedoria do rei.

V.

Mas vultos maus, em túnicas de mágoa,
Atacaram o território do Rei (Ah,
Deixe-nos lamentar, porque o amanhã
Nunca há de amanhecer sobre ele, o desolado!
E, perto de seu lar, a glória
Que uma vez corou e floresceu
É apenas uma história mal lembrada
Sobre os velhos tempos que passaram.

VI.

E os viajantes agora dentro do vale,

Através das janelas de luzes avermelhadas, veem
Formas vastas que se movem fantásticamente
Ao som de uma melodia dissonante;
Enquanto, como um rio ligeiro lírido,
Através da pálida porta,
Uma multidão medonha passa para sempre,
E riem - mas não sorriem mais.

Lembro-me bem que algumas sugestões que nasceram dessa balada nos colocaram em um trem de pensamentos onde manifestou-se uma opinião de Usher que menciono não por seu caráter inovador (outros homens já pensaram assim), mas pela pertinência com a qual ele as sustentava. Essa opinião, em linhas gerais, defendia a existência de sensibilidade em todos os seres vegetais. Mas em sua imaginação confusa, a ideia havia assumido um caráter mais audaz e invadia, sob certas condições, o reino inorgânico. Faltam-me palavras para expressar todo o alcance ou a sincera desenvoltura de sua convicção. A crença, contudo, estava relacionada (como já insinuei anteriormente) às pedras cinzentas da casa de seus antepassados. As condições da sensibilidade, ele imaginava, tinham sido verificadas pela forma como as pedras tinham sido colocadas – pela ordem como tinham sido dispostas, assim como pelo grande número de fungos que as cobria e pelas árvores mortas que ficavam à sua volta – acima de tudo, por como essa ordem mantinha-se imperturbável há tanto tempo, e por como o cenário era reduplicado nas águas estagnadas do lago. A prova disso – a prova da sensibilidade – podia ser vista, disse ele (e ao ouvi-lo, estremeci) na gradual, mas inevitável condensação de uma atmosfera própria em torno nas águas e das paredes. O resultado era perceptível, ele acrescentou, nessa influência silenciosa, porém insistente e terrível, que durante séculos havia moldado os destinos da família, e o transformado no que eu agora via – naquilo que ele era. Tais opiniões não requerem comentários, e não farei nenhum.

Nossos livros – livros que, por anos, construíram boa parte da existência mental do enfermo –, estavam, como era de se esperar, em

rigorosa conformidade com essa natureza fantasmagórica. Debruçávamos juntos sobre obras como *Ververt et Chartreuse*, de Gresset; o *Belfegor*, de Maquiavel; *Céu e Inferno*, de Swedenborg; *Viagem aos Subterrâneos* de Nicholas Klimm, de Holberg; *Quiromancia*, de Robert Flud, Jean D'Indaginé e *De la Chambre*; *Jornada pela Imensidão Azul*, de Tieck e *A cidade do Sol*, de Campanella. Um dos volumes favoritos era uma edição in-octavo do *Manual do Inquisidor*, do dominicano Eymeric de Cironne. Havia também passagens em Pomponius Mela sobre os velhos Sátiros e Egipãs africanos****, sobre as quais Usher poderia sentar e sonhar por horas. Seu maior prazer, contudo, se encontrava na leitura cuidadosa de um livro extremamente raro e curioso em gótico in-quarto: o manual de uma igreja esquecida – *Vigiliæ Mortuorum secundum Chorum Ecclesiæ Maguntinæ*.

Não pude deixar de pensar no ritual frenético dessa obra e na provável influência que exerceu sobre o hipocondríaco, quando, uma noite, depois de me informar que lady Madeline havia falecido, declarou que tinha a intenção de preservar o corpo da irmã por quinze dias (antes de finalmente sepultá-la), em uma das várias câmaras que existiam dentro dos muros principais da casa. Todavia, a razão terrena para esse procedimento tão singular era de uma tal natureza que não pude contestar. O irmão havia sido levado a essa decisão, assim me disse, considerando o caráter insólito da enfermidade da falecida, das inevitáveis perguntas inoportunas e impulsivas por parte dos médicos, e da localização remota e exposta do cemitério da família. Não hei de negar que, ao lembrar-me do semblante sinistro da pessoa com quem havia cruzado nas escadarias, no dia em que cheguei àquela casa, não senti nenhum desejo de me opor ao que considerei, na melhor das hipóteses, uma precaução inofensiva e bastante natural.

Diante do pedido de Usher, ajudei-o pessoalmente nos preparativos do sepultamento temporário. Já tendo o corpo sido colocado no caixão, nós dois sozinhos levamos o corpo a seu lugar de descanso. A câmara onde o depositamos (e que estivera fechada por tanto tempo que nossas tochas, quase sufocadas naquela atmosfera

opressiva, quase não nos permitiam investigá-la) era pequena, úmida e sem nenhuma forma de entrada de luz. Ficava a uma grande profundidade, exatamente abaixo da parte da casa onde ficava meu quarto. Aparentemente, aquele lugar já havia sido usado, na remota época feudal, com o sinistro propósito de servir como uma masmorra e, atualmente, era provavelmente um depósito de pólvora ou qualquer outra substância altamente inflamável, visto que uma parte do piso e todo o interior do corredor abobadado que nos levara até ali foram cuidadosamente revestidos com cobre. A porta, de ferro maciço, tinha uma proteção semelhante. Seu imenso peso, ao mover-se sobre as dobradiças, produzia um chiado agudo e insólito.

Uma vez depositado o triste fardo sobre cavaletes, nesse lugar de horror, abrimos parcialmente a parte ainda não soldada do caixão e contemplamos o rosto da ocupante. Uma semelhança impressionante entre o irmão e a irmã atraiu minha atenção pela primeira vez, e Usher, talvez adivinhando meus pensamentos, murmurou algumas palavras que me fizeram entender que a morta e ele eram gêmeos e que sempre tinha existido entre os dois uma empatia quase incompreensível. Nossos olhares, contudo, não se demoraram muito tempo sobre o cadáver, porque não conseguíamos olhá-la sem espanto. A doença que havia tirado a vida daquela moça em plena juventude, como é normal em doenças de caráter estritamente cataléptico, deixara a ironia de um leve rubor sobre seu peito e seu rosto e aquele sorriso suspeito que permanecia em seus lábios e que é tão horrível na morte. Recolocamos a tampa no lugar e a parafusamos e, depois de fechar a porta de ferro, seguimos, com esforço, em direção aos quartos um pouco menos melancólicos da parte superior da casa.

Mas, depois de alguns dias de sofrimento, uma mudança perceptível surgiu nas características do distúrbio mental de meu amigo. Seus hábitos haviam desaparecido. Negligenciava ou se esquecia das coisas com as quais ele costumava se ocupar. Ele vagava, de aposento em aposento, com passos apressados, irregulares e sem objetivo. Seu semblante assumiu, se é que isso era possível, um matiz ainda mais pálido, e a luminosidade dos olhos

desapareceu por completo. O tom rouco que às vezes observava em sua voz não foi mais ouvido, e as falas eram trêmulas, como se ele estivesse extremamente horrorizado. Houve vezes em que achei que sua mente agitada e sem descanso estava lidando com algum segredo opressivo e que tinha dificuldade em conseguir a coragem necessária para divulgá-lo. Outras vezes, me via obrigado a reduzir tudo às meras e inexplicáveis divagações da loucura, pois via meu amigo contemplar o vazio por horas inteiras, com profundíssima atenção, como se ouvisse algum som imaginário. Não era de admirar que seu estado me aterrorizasse – e que terminasse por me contaminar. Sentia rastejar ao meu redor, a passos lentos e certos, as influências brutas de suas superstições fantásticas e impressionantes.

Foi, particularmente, ao me recolher ao leito, na sétima ou oitava noite após termos colocado o corpo de lady Madeline na masmorra, que senti o poder total daquelas sensações. O sono não se aproximava de minha cama, enquanto as horas passavam. Tentei ser racional com relação ao nervosismo que tomava conta de mim. Tentei acreditar que boa parte, senão tudo o que eu sentia, devia-se à influência da mobília mórbida do quarto – das tapeçarias escuras e esfarrapadas que, sacudidas por uma tempestade que se aproximava, dançavam de um lado para o outro sobre a parede e sussurravam desconfortavelmente sobre os adornos da cama. Mas meus esforços foram em vão. Um temor irreprimível foi, aos poucos, tomando conta de mim e, por fim, instalou-se sobre meu próprio coração um incubo, o peso de um alarme totalmente infundado. Tentei sacudi-lo, arfando com dificuldade, ergui a cabeça dos travesseiros e olhei determinado para dentro da escuridão do quarto; e então ouvi – não sei como, talvez uma força instintiva tenha me induzido a fazer aquilo – certos sons baixos e indefinidos que vinham em longos intervalos, através das pausas da tempestade, sem que eu soubesse de onde. Tomado por um intenso sentimento de horror, inexplicável, e, no entanto, insuportável, vesti-me rapidamente (porque senti que não conseguiria mais dormir aquela noite) e tentei sair da situação

lastimável em que me encontrava, andando de um lado para o outro do quarto.

Havia dado poucas voltas quando um passo ligeiro nas escadas atraiu minha atenção. Reconheci então o passo de Usher. Um instante depois, ele deu uma batida suave na porta e entrou com uma lamparina. Seu semblante tinha, como de costume, uma palidez cadavérica, mas, além disso, havia em seus olhos uma espécie louca de alegria, uma histeria evidente em todo o seu comportamento. Seu jeito me amedrontou, mas qualquer coisa era preferível à solidão que havia suportado por tanto tempo. Assim, recebi sua presença até mesmo com certo alívio.

— Você ainda não viu? — perguntou bruscamente, depois de olhar ao redor, em silêncio, por alguns momentos. — Não viu? Pois aguarde, que verá! — e dizendo isso, protegeu cuidadosamente a lâmpada, correu em direção a uma das janelas e a escancarou para a tempestade.

A fúria impetuosa da tempestade que invadiu o quarto quase nos ergueu do chão. Sem dúvida, era uma noite tempestuosa, mas terrivelmente bela, e estranhamente singular em sua mistura de terror e beleza. Um redemoinho havia, aparentemente, se formado em nossa vizinhança, porque o vento mudava de direção violentamente e a densidade extrema das nuvens (que estavam tão baixas que quase batiam nas torres da casa) não nos impediu de perceber a velocidade com que deslizavam, vindas de todos os pontos e misturando-se umas às outras, sem se afastarem. Digo que nem a densidade excessiva delas nos impediu de perceber isso. Entretanto, já não conseguindo avistar a lua e as estrelas, não se via nenhum clarão de relâmpago.

Mas as superfícies inferiores das grandes massas de vapor agitado, assim como todos os objetos terrestres que nos rodeavam, resplandeciam à luz sobrenatural de uma exalação gasosa, levemente luminosa e claramente visível que subia pela casa e a encobria como uma mortalha.

— Você não deve... você não pode olhar para isso! — eu disse, tremendo, para Usher, enquanto o conduzia, com gentileza, da janela à poltrona. — Essas aparições que o desorientam são meros fenômenos elétricos normais — ou talvez tenham sua origem horrenda no fétido miasma do lago. Fechemos essa janela — o ar está gelado e é perigoso para o seu estado. Aqui está um dos seus romances favoritos. Eu vou lê-lo e você deverá me ouvir — desse modo, sobreviveremos juntos a essa noite terrível.

O volume antigo que havia escolhido era *O Louco Triste*, de Sir Launcelot Canning; mas havia dito que era o favorito do Usher mais por um triste gracejo que por sinceridade, pois, na verdade, há poucas coisas em sua prolixidade sem refinamento e sem imaginação que pudessem interessar a imaginação elevada e espiritual de meu amigo. Contudo, era o único livro que tinha à mão, e eu tinha a vaga esperança de que a excitação que agitava agora o hipocondríaco pudesse encontrar alívio (já que a história dos distúrbios mentais é repleta de anomalias similares) mesmo com uma tolice tão extrema quanto a que lia. A julgar pelo ar cheio de vivacidade com que ele escutava — ou aparentemente escutava — a história, eu poderia me parabenizar pelo sucesso de meu plano.

Eu tinha chegado à parte conhecida da história onde Ethelred, o herói de *O Louco*, tendo tentado em vão se instalar pacificamente na casa do eremita, decide entrar à força. Aqui, as palavras da narrativa são estas:

“E Ethelred, que, por natureza, tinha um coração valente, e agora sentia-se fortalecido, graças ao poder do vinho que havia bebido, não esperou mais para argumentar com o eremita — o qual, na verdade, era de índole obstinada e maligna; mas, sentindo a chuva sobre seus ombros e temendo os sons da tempestade, levantou a clava e, com golpes, abriu rapidamente um caminho na madeira das portas para sua mão guarnecida de manopla; e, então, puxando-a com força, rachou-a, quebrou-a e destruiu-a de tal forma que o ruído da madeira seca e oca ressoou por todo o bosque”.

Ao fim desta frase sobressaltei-me e, por um momento, fiz uma pausa; porque a mim me pareceu (ainda que já houvesse concluído que meu imaginário agitado havia me enganado), a mim me pareceu que, de alguma parte remota da mansão, chegava indistintamente aos meus ouvidos o que poderia ter sido, por sua exata semelhança, o eco (mas, certamente, um eco abafado e baixo) do som de arrombamento e quebra que Sir Launcelot havia descrito com tanto detalhe. Foi, sem dúvida, somente a coincidência que atraiu a minha atenção, já que, em meio ao barulho das vidraças nos batentes, combinado com o barulho da tempestade que só aumentava, não havia nada que teria me interessado ou incomodado no som. Continuei a história:

“Mas o bom herói Ethelred, que agora já passava pela porta, ficou extremamente furioso e surpreso ao não encontrar nenhum sinal do malvado eremita e encontrar, no lugar dele, um dragão de aparência medonha, coberto de escamas e com língua de fogo, que permanecia de guarda diante de um palácio de ouro com piso de prata; e do muro, pendia um escudo de bronze reluzente com esta legenda:

Quem aqui entrar, conquistador será;

Quem matar o dragão, o escudo ganhará.

E Ethelred levantou sua clava e golpeou na cabeça o dragão, que caiu aos seus pés e lançou seu último grito com um rugido tão horrendo e áspero, e tão forte, que Ethelred tapou os ouvidos com as mãos para se proteger daquele som horrível – um ruído como nunca antes tinha ouvido.”

Aqui parei bruscamente mais uma vez, e agora, com um sentimento de violento assombro, porque não podia duvidar que, desta vez, tinha ouvido realmente (ainda que me parecesse impossível dizer de que direção vinha) um grito ou um rangido – um ruído insólito, sufocado e aparentemente distante, porém áspero e prolongado, a réplica perfeita do que minha imaginação havia produzido como o grito sobrenatural do dragão, tal como descrito pelo escritor.

Oprimido, como certamente me encontrava, pela ocorrência dessa segunda e mais extraordinária coincidência, e por mil sensações contraditórias, nas quais se destacavam a perplexidade e o terror ao extremo, guardei presença de espírito suficiente para não excitar, com nenhuma observação, a sensibilidade de meu amigo. Não tinha certeza de que ele havia percebido aqueles sons, ainda que, nos últimos minutos, demonstrasse uma evidente e estranha mudança de comportamento. Sentado à minha frente, ele havia girado gradualmente sua cadeira, de modo a contemplar a porta do quarto; e assim, eu só podia ver parte de suas feições, embora percebesse que seus lábios tremiam, como se estivessem murmurando algo inaudível. Sua cabeça estava caída sobre o peito, mas eu sabia que não estava dormindo, porque, olhando-o de perfil, percebi que seus olhos estavam arregalados e fixos. O movimento do corpo também contradizia essa ideia, pois se mexia de um lado para o outro com um balanço suave, porém constante e uniforme. Depois de perceber rapidamente tudo isso, continuei a narrativa de sir Launcelot, que prosseguia assim:

“E então o herói, depois de escapar da terrível fúria do dragão, lembrou-se do escudo de bronze e do encantamento quebrado, tirou o corpo do morto de seu caminho e avançou com valentia pelo pavimento de prata do castelo, até o muro onde ficava pendurado o escudo; este, na verdade, não esperou a aproximação de Ethelred e caiu a seus pés sobre o piso de prata, com um som estrondoso e retumbante.”

Essas palavras haviam acabado de sair de meus lábios quando – como se realmente um escudo de bronze tivesse, naquele momento, caído com todo seu peso sobre um pavimento de prata – percebi um eco claro, profundo, um som de metal ressonante, porém sufocado. Incapaz de conter minha agitação, pus-me de pé rapidamente, mas o movimento uniforme de Usher permaneceu inalterado. Fui até a cadeira onde estava sentado. Seus olhos estavam baixos e fixos no vazio, e o rosto parecia estar petrificado. Porém, quando coloquei minha mão sobre seu ombro, um forte arrepio estremeceu seu corpo; um sorriso insalubre estremeceu seus lábios e

percebi que falava em um murmúrio baixo, apressado e ininteligível, como se não percebesse minha presença. Inclinando-me sobre ele, bem perto, pude enfim captar o horrível significado de suas palavras.

— Não ouviu? Sim, eu ouço e tenho ouvido. Por muito... muito... muito tempo... por muitos minutos, muitas horas, muitos dias ouvi... mas não tive coragem.. Ai de mim, mísero e infeliz! Não tive coragem.. não tive coragem de falar! Nós a colocamos viva no túmulo! Não disse que meus sentidos eram aguçados? Agora eu digo a você que ouvi seus primeiros movimentos, débeis, ao fundo do ataúde. Escuto-os há muitos, muitos dias e não tive coragem. Não tive coragem de falar! E agora... esta noite... Ethelred... há! há! O arrombamento da porta do eremita, o grito de morte do dragão e o estrondo do escudo! Ou seja, o ruído do ataúde se quebrando, o ranger das dobradiças de ferro de sua prisão e seu caminhar pelas arcadas do calabouço, pelo corredor abobadado revestido de cobre! Oh, para onde devo fugir? Não estará aqui em breve? Não virá reprovar a minha pressa? Não são seus passos que ouço nas escadas? Não percebo a batida pesada e horrível de seu coração? INSENSATO!

E, nesse momento, pôs-se de pé num salto e gritou essas palavras, como se, nesse ato entregasse sua alma: — INSENSATO! ESTOU LHE DIZENDO QUE ELA AGORA ESTÁ DO OUTRO LADO DA PORTA!

Como se a energia sobre-humana de sua afirmação tivesse a força de um encantamento, a porta enorme e antiga para a qual Usher apontava abriu lentamente, naquele instante, suas garras pesadas e negras. Foi obra de uma rajada de vento – mas ali, do outro lado da porta, estava, de fato, a figura alta e amortalhada da lady Madeline Usher. Havia sangue em suas roupas brancas e evidências de uma luta amarga em cada parte de seu corpo esquelético. Por um momento, permaneceu trêmula e balançando sobre o limiar da porta. Então, com um lamento baixo, desabou pesadamente sobre o corpo do irmão e, em sua agonia final, arrastou-o para o chão, morto, vítima dos terrores que havia previsto.

Fugi horrorizado daquele quarto e daquela mansão. A tempestade ainda caía com toda sua fúria enquanto eu atravessava a estrada. De repente, uma luz forte surgiu no caminho e virei-me para ver de onde poderia estar vindo aquele brilho tão incomum, já que só havia a casa e suas sombras atrás de mim. A luz vinha da lua cheia, de um vermelho escarlate, que brilhava vividamente através daquela rachadura que mencionei, outrora dificilmente discernível, e que se estendia do telhado da casa, em ziguezague, até o chão. Enquanto observava, a rachadura aumentou rapidamente. Dali veio um sopro forte do redemoinho, e toda a esfera do satélite irrompeu de uma vez diante de minha vista. Fiquei horrorizado ao ver que as grandes paredes desabavam. Pude ouvir o som de uma demorada e tumultuada gritaria, como se fosse o ruído de mil aguaceiros – e o lago profundo e gélido aos meus pés se fechou, de forma sombria e silenciosa, sobre os destroços da “Casa de Usher”.

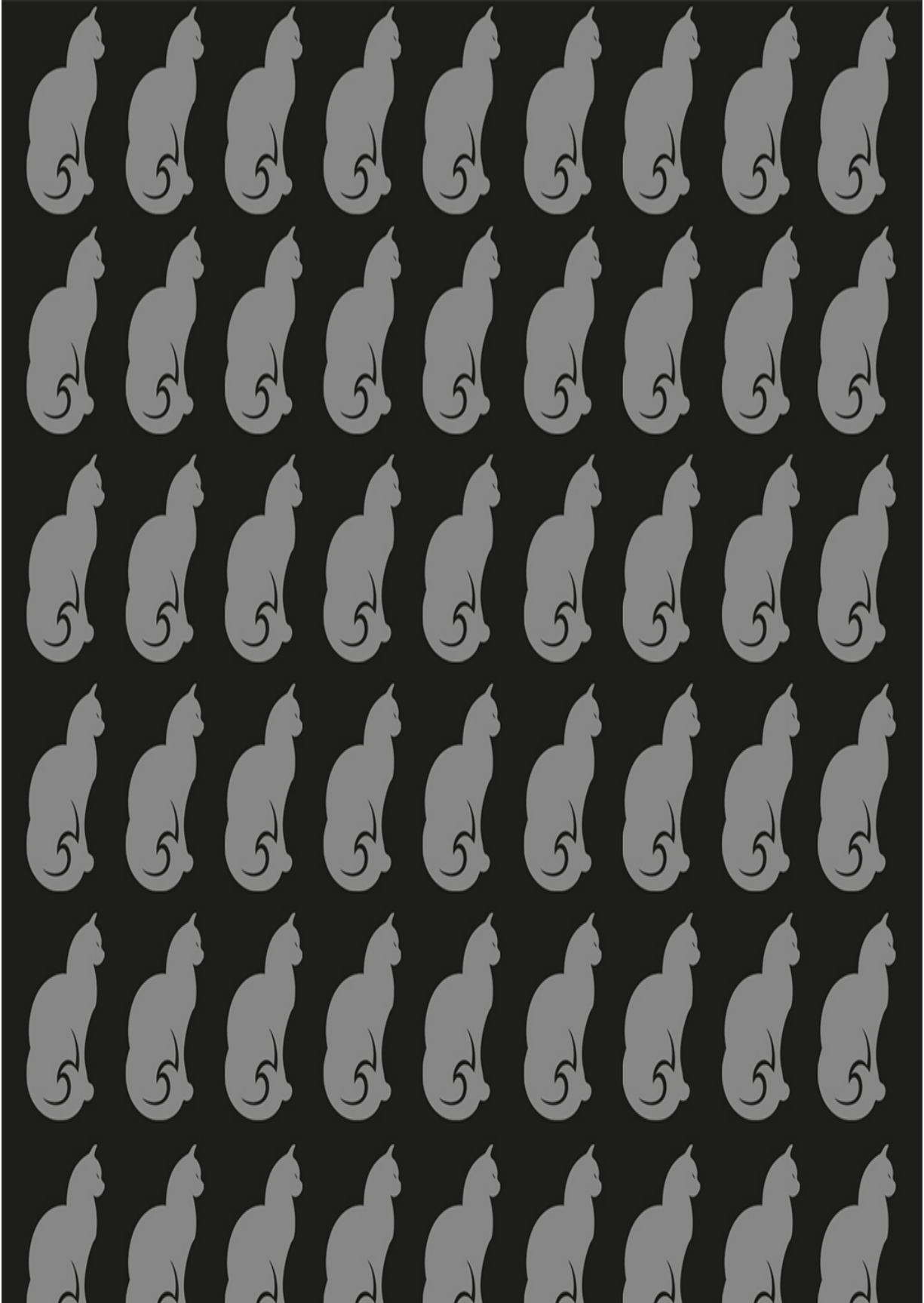
* Seu coração é um alaúde suspenso; tão logo tocado, ele ressoa. ←

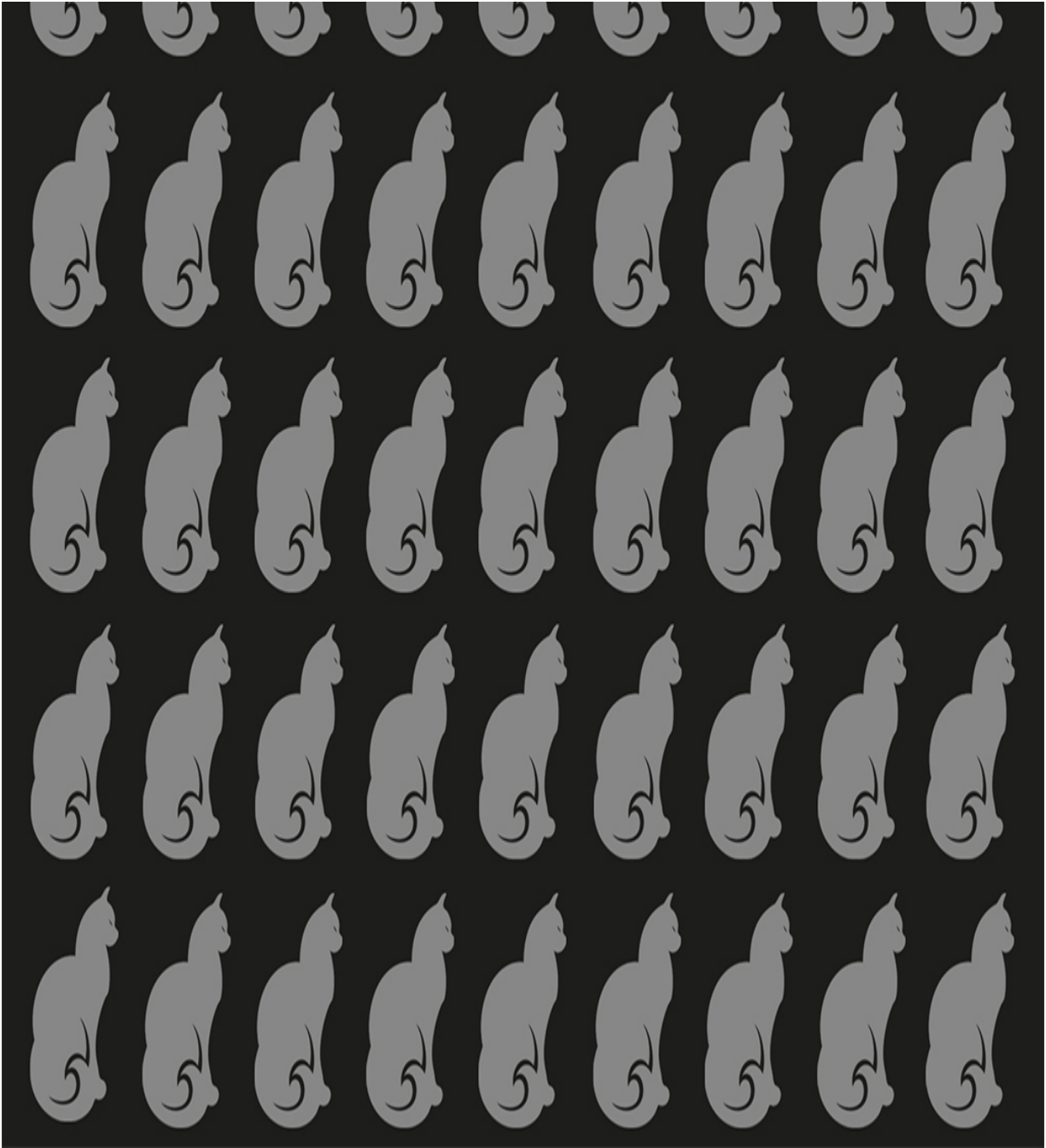
** Johann Heinrich Füssli, também conhecido como Henry Fuseli ou Fusely (1741 – 1825), foi um pintor suíço, representante do romantismo inglês. ←

*** Porfirogênito ou porfirogeneta: “nascido na pórpora” (ou na púrpura). A alcova de pórforo era um edifício reservado para o nascimento das crianças imperiais. Porfirogênito, então, era o título especial dado aos filhos e filhas do imperador bizantino, nascidos durante o reinado. ←

**** Personagens da mitologia grega com corpo peludo de homem, chifres e pés de cabra. ←

*pequena conversa
com a múmia
1839*





“Não há beleza rara sem algo de estranho nas proporções.”

EDGAR ALLAN POE

O SIMPÓSIO DA NOITE ANTERIOR tinha sido um pouco demais para os meus nervos. Eu tinha uma dor de cabeça miserável e estava caindo de sono. Por isso, em vez de passar a noite fora de casa, como havia me proposto, achei que a coisa mais sensata que poderia fazer era comer alguma coisa e depois enfiar-me na cama.

Uma ceia, leve, é claro. Gosto demais de *welsh rabbit*^{*****} com cerveja. Mais de uma libra de uma vez, porém, pode nem sempre ser aconselhável. Por outro lado, não pode haver objeção material a duas. E, realmente, entre duas e três, há apenas uma unidade de diferença. Arrisquei-me, talvez, a quatro. Minha mulher dirá que foram cinco; mas, claramente, ela confundiu duas coisas muito diferentes. O número abstrato, cinco, estou disposto a admitir; mas, no caso concreto, ele se refere a garrafas de cerveja preta, sem as quais, na forma de condimento, esse prato deve ser evitado.

Tendo assim concluído essa refeição frugal e vestido minha touca de dormir, com a serena esperança de desfrutá-la até o meio-dia seguinte, coloquei a cabeça no travesseiro e, graças a uma consciência tranquila, mergulhei sem demora em um sono profundo.

Mas quando foi que a humanidade teve suas esperanças realizadas? Não completara ainda meu terceiro ronco quando a campainha começou a tocar furiosamente. Depois vieram as pancadas impacientes na porta, que me despertaram no mesmo instante. Um minuto depois, enquanto eu ainda esfregava os olhos, minha mulher colocou diante do meu nariz um bilhete de meu velho amigo, o doutor Ponnonner. Dizia o seguinte:

Meu caro e bom amigo, largue tudo e venha ao meu encontro tão logo receba este bilhete. Venha comemorar conosco.

Finalmente, depois de longa e perseverante diplomacia, obtive o consentimento dos diretores do museu da cidade para examinar a Múmia – você sabe de qual estou falando. Tenho permissão de desenfaixá-la e abri-la, se desejar. Estarão presentes apenas alguns amigos - você é um deles, é claro. A Múmia está agora em minha casa e começaremos a desenrolá-la às onze horas da noite.

Sempre seu,

Ponnonner

Quando cheguei à assinatura, senti que já estava tão desperto quanto um homem precisa estar. Saltei da cama extasiado, derrubando tudo o que estava em meu caminho; vesti-me com uma rapidez espantosa, e saí, apressado, rumo à casa do doutor.

Ali encontrei reunido um grupo cheio de ansiedade. Aguardavam minha chegada com muita impaciência. A Múmia estava estendida sobre a mesa de jantar; e no instante em que entrei, o exame começou.

Era uma das duas múmias trazidas, há vários anos, pelo Capitão Arthur Sabretash, primo de Ponnonner, de uma tumba perto de Eleithias, nas montanhas da Líbia, que ficava a uma distância considerável de Tebas, às margens do Nilo. As tumbas nesse lugar, embora menos magníficas que os sepulcros de Tebas, despertam mais interesse, pelo fato de oferecerem maior número de ilustrações sobre a vida privada dos egípcios. A câmara de onde foi retirado o nosso exemplar era, dizia-se, muito rica em tais ilustrações; as paredes eram inteiramente cobertas de afrescos e baixos-relevos, enquanto que as estátuas, os vasos e os mosaicos de desenhos exuberantes indicavam a vasta riqueza do morto.

O tesouro tinha sido depositado no museu precisamente nas mesmas condições em que o Capitão Sabretash o tinha encontrado – ou seja, o caixão estava intacto. Por oito anos ele permaneceu intocado, exposto à curiosidade pública apenas externamente. E agora, pois, tínhamos a múmia inteiramente à nossa disposição; e para aqueles que sabem como é raro que antiguidades cheguem

intactas às nossas praias, ficará evidente, no mesmo momento, que tínhamos um grande motivo para nos felicitar por nossa boa sorte.

Aproximando-me da mesa, vi em cima dela uma grande caixa, ou estojo, de aproximadamente dois metros de comprimento e um de largura por uns oitenta centímetros de profundidade. A caixa era retangular – não no formato de esquite. Inicialmente, pensou-se que ela fosse feita de madeira de sicômoro (plátano), mas, após cortá-la, percebemos que era papelão, ou, melhor dizendo, *papier mâché*, feito de papiros. Ela era ricamente decorada com pinturas representando cenas de funerais e outros motivos pesados – entre eles, em todas as posições possíveis, havia algumas sequências de hieróglifos que representavam, sem dúvida, o nome do falecido. Por sorte, o senhor Gliddon encontrava-se no nosso grupo e não teve dificuldade em traduzir as letras, que eram simplesmente fonéticas e representavam a palavra Allamistakeo^{*****}.

Tivemos alguma dificuldade em conseguir abrir o estojo sem danificá-lo, mas, quando finalmente conseguimos completar a tarefa, chegamos a um segundo estojo, esse em formato de esquite e bem menor do que o externo, mas que se parecia com ele em todos os outros aspectos. O espaço entre os dois era preenchido com resina, o que havia, em algum grau, desbotado as cores da caixa interna.

Ao abirmos essa última (o que conseguimos fazer com facilidade), chegamos a uma terceira caixa, também no formato de esquite e não muito diferente da segunda nos detalhes, exceto pelo material; era feita de cedro e ainda exalava o odor bastante aromático e peculiar da madeira. Entre o segundo e o terceiro estojo não havia nenhum espaço – um se encaixava perfeitamente no outro.

Removendo a terceira caixa, finalmente avistamos e retiramos o corpo. Esperávamos encontrá-lo, como acontece normalmente, enrolado em faixas ou ataduras de linho; mas, no lugar dessas, encontramos um tipo de revestimento feito de papiro e recoberto com uma camada de gesso dourado e pintado. As pinturas representavam assuntos relacionados aos supostos deveres da alma e

sua apresentação a diferentes divindades, com numerosas figuras humanas idênticas, provavelmente com a intenção de representar a pessoa embalsamada. Estendendo-se da cabeça aos pés, havia uma inscrição colunar, ou perpendicular, em hieróglifos fonéticos, apontando novamente seu nome e seus títulos, assim como os nomes de seus parentes.

Ao redor do pescoço, havia um colar de contas de vidro cilíndricas de diversas cores, organizadas para formar a imagem de divindades, dos escaravelhos, etc., com o globo alado. Em volta de sua cintura, havia um colar ou um cinto parecido.

Ao retirar o papiro, encontramos o corpo em ótimo estado de preservação, sem nenhum odor perceptível. A cor era avermelhada. A pele estava íntegra, macia e brilhante. Os dentes e os cabelos estavam em boas condições. Os olhos (assim nos pareceu) foram removidos e substituídos por olhos de vidro, que eram muito bonitos e maravilhosamente reais, com a exceção de que o olhar era demasiadamente fixo. Os dedos e as unhas foram dourados e brilhavam.

O senhor Gliddon era da opinião, dada a vermelhidão da epiderme, de que o embalsamento tinha sido feito por meio de asfalto, mas, ao rasparmos a superfície com um instrumento de aço e jogarmos no fogo o pó obtido, o aroma de cânfora e de outras gomas aromáticas se tornaram perceptíveis.

Examinamos o cadáver com muito cuidado em busca das aberturas por onde as entranhas geralmente são retiradas, mas, para nossa surpresa, não encontramos nenhuma incisão. Naquela época, nenhum membro do grupo sabia que múmias inteiras ou que nunca tivessem sido abertas não eram raras. Era comum retirarem o cérebro pelo nariz e as vísceras por uma incisão lateral. O corpo era então depilado, lavado e salgado; depois era posto para descansar por várias semanas, quando a operação de embalsamento, de fato, teria início.

Como não encontramos nenhum indício de que o corpo tivesse sido aberto, o doutor Ponnonner já estava preparando os

instrumentos para a dissecação quando observei que já passava das duas horas da manhã. Diante disso, concordamos em adiar o exame interno até a noite seguinte; e, quando já estávamos quase nos despedindo, alguém surgiu com a ideia de um experimento ou dois com a pilha de Volta.

Aplicar eletricidade em uma múmia de três ou quatro mil anos, pelo menos, era uma ideia, se não muito sagaz, ainda assim suficientemente original, e todos aceitamos sem pestanejar. Com um décimo de seriedade e nove décimos de zombaria, preparamos uma bateria no gabinete do doutor e para lá levamos o egípcio.

Só depois de muito trabalho foi que conseguimos pôr a nu algumas partes do músculo temporal, que não se demonstrou tão rígido quanto outras partes do corpo, mas que, como havíamos previsto, é claro, não dava indícios de suscetibilidade galvânica quando colocado em contato com o fio. Essa nossa primeira tentativa, na verdade, parecia ter sido decisiva, e gargalhando de nossa insensatez, já estávamos nos desejando uma boa noite quando meus olhos, pousando por acaso sobre os da múmia, arregalaram-se de incredulidade. Meu breve olhar, na verdade, foi suficiente para ter certeza de que as órbitas, que tínhamos suposto serem de vidro, e que atraíram nossa atenção inicialmente pelo olhar fixo, estavam agora cobertas pelas pálpebras, de modo que apenas uma parte da Túnica Albugínea permanecia visível.

Com um grito de espanto, chamei a atenção de todos para o fato, e ele se tornou evidente para todos.

Não posso dizer que fiquei assustado com o que havia acontecido, porque, no meu caso, “assustado” não é exatamente a palavra. Contudo, é possível, não fosse pelas cervejas pretas, que eu tivesse ficado um pouco nervoso. Quanto ao resto do grupo, eles sequer tentaram esconder o terror alarmante que deles tomou conta. O doutor Ponnonner chegava a causar dó. O senhor Gliddon, por algum processo especial, tornara-se invisível. O senhor Silk Buckingham, imagino, dificilmente terá coragem de negar que tenha se arrastado, de quatro, para debaixo da mesa.

Depois do choque inicial de espanto, contudo, decidimos, como era natural, prosseguir imediatamente com um novo experimento. Nossos procedimentos foram então direcionados contra o dedão do pé direito. Fizemos uma incisão sobre o exterior do osso *sesamoideum pollicis pedis* e chegamos, assim, à raiz do músculo abductor. Reajustamos a bateria, e então aplicamos o fluido nos nervos dissecados. Foi quando, com um movimento extremamente realístico, a múmia, primeiro, levantou o joelho direito, trazendo-o para perto do abdome e, depois, esticando o membro com uma força inconcebível, desferiu um pontapé no doutor Ponnonner, que teve por efeito lançar pela janela e rua abaixo aquele cavalheiro, como fosse um dardo de catapulta.

Disparamos *en masse* para a rua, a fim de recolher os restos mutilados da pobre vítima, mas tivemos a felicidade de encontrá-lo já nas escadas, voltando com uma pressa indescritível, transbordando da mais ardente filosofia e, mais do que nunca, convicto da necessidade de dar continuidade ao nosso experimento com energia e empenho.

Foi por conselho dele, portanto, que fizemos, no mesmo instante, uma profunda incisão na ponta do nariz do sujeito, enquanto o doutor, deitando-lhe as mãos com violência, puxou-o com força na direção do fio.

Moral e fisicamente – figurativa e literalmente – o efeito foi elétrico. Primeiro, o cadáver abriu os olhos e começou a piscar rapidamente por vários minutos, assim como o senhor Barnes na pantomima. Depois, espirrou. Em seguida, sentou-se. Então, chacoalhou os punhos diante o rosto do doutor Ponnonner. E por fim, voltando-se para os senhores Gliddon e Buckingham, dirigiu-lhes, no mais perfeito egípcio, o seguinte discurso:

— Devo dizer, cavalheiros, que estou tão surpreso quanto mortificado com seu comportamento. Da parte do doutor Ponnonner, nada melhor era de se esperar. É um pobre tolo que não sabe nada de nada. Tenho dó dele e o perdoo. Mas você, senhor Gliddon – e você, Silk, que já viajaram e moraram no Egito, a ponto de ser possível acreditar que tivessem nascido lá – vocês, que já

estiveram tanto entre nós, e que falam egípcio com a mesma fluência, acredito, com que escrevem em sua língua materna – vocês, que sempre considerei grandes amigos das múmias – ah! eu *realmente* esperava um comportamento mais cordial da parte de vocês. Que devo pensar de sua atitude passiva, parados aí calmamente, vendo-me ser abusado? Que devo supor de vocês, consentindo que dois ou três Fulanos me arranquem de meus esquifes e me tirem as roupas, nesse maldito clima frio? Sob que aspecto (para acabar logo com isto), devo considerar o fato de vocês terem incitado e ajudado esse velhaco miserável do doutor Ponnonner a puxar-me pelo nariz?

Há de se presumir, não duvido, que, ao ouvirmos esse discurso, dadas as circunstâncias, todos nós corremos para a porta, ou ficamos histéricos ou caímos todos desmaiados. Era de se esperar uma dessas três coisas. Sem dúvida, cada uma e todas essas linhas de conduta poderiam ter sido plausíveis. E, palavra de honra, não sei explicar como ou por que foi que não seguimos nem uma nem a outra. Mas, talvez, a verdadeira razão deva ser buscada no espírito de nosso tempo, que funciona pela regra dos contrários, e é agora aceita como solução de todos os paradoxos e impossibilidades. Ou, talvez, no final das contas, tenha sido a maneira natural e espontânea da múmia o que tirou de suas palavras todo o aspecto aterrador. Seja como for, fato é que nenhum dos membros de nosso grupo demonstrou qualquer medo nem pareceu considerar que estivesse acontecendo ali qualquer coisa anormal.

De minha parte, estava convencido de que tudo aquilo era muito natural, e não fiz mais do que dar um passo para o lado e me colocar fora do alcance da mão do egípcio. O doutor Ponnonner meteu as mãos nos bolsos das calças, olhou feio para a múmia e ficou vermelho como um pimentão. O senhor Gliddon passou a mão nos bigodes e ajustou o colarinho. O senhor Buckingham baixou a cabeça e colocou o polegar direito no canto esquerdo da boca.

O egípcio o encarou com um semblante severo por alguns minutos e, por fim, disse em tom de zombaria:

— Você não vai dizer nada, senhor Buckingham? Você ouviu o que lhe perguntei, ou não? Tire esse dedão de dentro da boca!

Diante dessas palavras, o senhor Buckingham estremeceu, tirou o dedão direito do canto esquerdo da boca e, a título de compensação, colocou o dedão esquerdo no canto direito da abertura já mencionada.

Incapaz de obter uma resposta do senhor B., a figura voltou-se mal-humorada para o senhor Gliddon e, em tom peremptório, perguntou, em termos gerais, o que queríamos dela.

O senhor Gliddon, depois de um bom tempo, respondeu foneticamente; e, não fosse pela deficiência de caracteres hieroglíficos das tipografias americanas, eu teria um imenso prazer em registrar aqui, no original e na íntegra, aquele discurso espetacular.

Aproveito a ocasião para destacar que toda a conversa subsequente, da qual a múmia tomou parte, foi travada em egípcio primitivo, por intermédio (já que lá estávamos eu e outros membros não muito viajados do grupo) – por intermédio, eu dizia, dos senhores Gliddon e Buckingham. Esses cavalheiros falavam a língua materna da múmia com uma fluência e uma graça inigualáveis; mas eu não poderia deixar de observar que (sem dúvida, devido à introdução de imagens totalmente modernas e, claro, inteiramente novas para o estrangeiro), os dois viajantes viam-se, às vezes, obrigados a recorrer aos sentidos para o propósito de fazer com que a múmia compreendesse algum significado especial. O senhor Gliddon, uma vez, por exemplo, não conseguiu fazer o egípcio entender o termo “política” até rabiscar na parede, com um pedaço de carvão, um homenzinho com o nariz cheio de verrugas, cotovelos de fora, em cima de um pedestal, com a perna esquerda esticada para trás, o braço direito atirado para frente com o punho fechado, os olhos arregalados para o céu e a boca escancarada em um ângulo de noventa graus. Da mesma forma, o senhor Buckingham teria fracassado em transmitir a ideia absolutamente moderna de “peruca”, não fosse pela sugestão do doutor Ponnonner. O senhor Buckingham empalideceu, mas por fim consentiu em tirar a sua.

Vocês compreenderão rapidamente que o discurso do senhor Gliddon versou principalmente sobre os enormes benefícios que a

ciência pode obter com o desenrolamento e a evisceração das múmias. Ele também aproveitou o momento para desculpar-se por qualquer incômodo que pudéssemos ter causado a ela em especial, à múmia Allamistakeo; e concluiu com a simples insinuação (porque não poderia ser considerada mais do que isso) de que, visto que esses pequenos detalhes estavam agora esclarecidos, podíamos muito bem dar continuidade à investigação pretendida. Neste ponto, o doutor Ponnonner preparou os instrumentos.

Mas sobre esta última sugestão do orador, parece que Allamistakeo tinha os seus escrúpulos de consciência, cuja natureza não entendi muito bem. Quanto ao resto, mostrou-se muito satisfeito com as nossas desculpas, e, descendo da mesa, veio dar um aperto de mão a cada um.

Ao fim dessa cerimônia, tratamos imediatamente de reparar os danos produzidos pelo bisturi na pele de Allamistakeo. Suturamos a ferida das têmporas, enfaixamos o pé e aplicamos um quadradinho de emplastro na ponta do nariz.

Observamos que o conde (esse era o título, ao que parecia, de Allamistakeo) tremia um pouco, sem dúvida de frio, o doutor correu até o seu guarda-roupa e logo voltou com uma casaca preta, no melhor figurino de Jennings, um par de calças xadrez azul-celeste, uma camisa xadrezinha cor de rosa, um colete de brocado com abas, um sobretudo branco, uma bengala de passeio, um chapéu sem aba, um par de botas de verniz, um par de luvas de pelica cor de palha, um monóculo, um par de suíças e uma gravata cascata. Devido à disparidade de tamanho entre o conde e o doutor (na proporção de dois para um), houve alguma dificuldade em ajustar os trajes à pessoa do egípcio; mas por fim, quando terminamos de arrumá-lo, pode-se dizer que estava bem vestido. O senhor Gliddon, então, deu a ele o braço e o conduziu a uma poltrona confortável junto à lareira, enquanto o doutor tocava a campainha e mandava vir um suprimento de charutos e de vinho.

A conversa logo ficou animada. Primeiro houve uma grande curiosidade com relação ao fato notável de Allamistakeo estar vivo.

— Pensei — observou o senhor Buckingham — que o senhor tinha morrido há muito tempo.

— Como assim? — replicou o conde, muito admirado. — Tenho pouco mais de setecentos anos! Meu pai viveu mil e não estava senil, de modo algum.

Seguiu-se uma série de perguntas e de cálculos pelos quais se tornou evidente que a antiguidade da múmia tinha sido muito mal avaliada. Haviam passado cinco mil e cinquenta anos e alguns meses desde que ela tinha sido despachada para as catacumbas de Eleithias.

— Mas meu comentário — continuou o senhor Buckingham — não se referia à sua idade na época do enterro (quero admitir, de fato, que você é ainda um rapaz); eu me referia à imensidade do tempo durante o qual, segundo o seu próprio testemunho, você deve ter ficado conservado em asfalto.

— Em quê? — diz o conde.

— Em asfalto — insistiu o senhor B.

— Ah! sim, tenho uma leve noção do que você quer dizer; sem dúvida, isso poderia talvez dar resultado, mas no meu tempo não se empregava outra coisa a não ser o bicloreto de mercúrio.

— O que nos custa a acreditar — disse o doutor Ponnonner —, é como é possível que, tendo morrido e sido enterrado há cinco mil anos, no Egito, esteja aqui, hoje, perfeitamente vivo e com um ar extremamente saudável.

— Se tivesse morrido nessa época, como você diz — respondeu o conde —, é mais do que provável que morto ainda estivesse; pois vejo que você está ainda na infância do galvanismo, e não pode realizar com ele uma coisa que nos tempos antigos era absolutamente vulgar. Mas o fato é que eu entrei em catalepsia e que os meus amigos, julgando que eu estava morto, ou que devia estar, mandaram-me embalsamar imediatamente. Suponho que conheçam o princípio fundamental do processo de embalsamamento...?

— Bem, não totalmente.

— Ah! Entendo... uma deplorável condição a da ignorância! Bem, não posso agora entrar em detalhes: mas é indispensável explicar que *embalsamar* (falando com propriedade), no Egito, era suspender indefinidamente todas as funções animais sujeitas a esse processo. Utilizo o termo “animal” em seu sentido mais amplo, compreendendo não só o ser físico como também o moral e o vital. Repito que o princípio fundamental do embalsamamento consistia, entre nós, na paralisação imediata e na suspensão perpétua de todas as funções animais sujeitas ao processo. Em resumo, qualquer que fosse o estado em que o indivíduo se encontrasse na ocasião do embalsamamento, este seria o estado em que permaneceria para sempre. Agora, como gozo do privilégio de ter nas veias sangue do Escaravelho, fui embalsamado vivo, tal como me veem nesse momento.

— Sangue do Escaravelho! — exclamou o doutor Ponnonner.

— Sim. O Escaravelho era o brasão, as “armas” de uma família muito nobre e muito distinta. Ter nas veias “sangue de Escaravelho” é simplesmente pertencer à família que tem por emblema o Escaravelho. Falo de modo figurado.

— Mas que relação tem isso com o fato de estar vivo?

— Ora. É costume geral, no Egito, retirar o cérebro e as vísceras do cadáver antes de embalsamá-lo; só o clã dos Escaravelhos não seguia essa regra. Por conseguinte, se eu não fosse um Escaravelho, estaria sem cérebro e sem as vísceras; e sem estas duas não é conveniente viver.

— Compreendo — disse o senhor Buckingham. — E presumo que todas as múmias que chegam inteiras às nossas mãos são, provavelmente, da raça dos Escaravelhos?

— Sem dúvida nenhuma.

— Eu achava — disse o senhor Gliddon, meio tímido — que o Escaravelho fosse um dos deuses egípcios.

— Um dos *o quê?* — exclamou a múmia, levantando-se de um pulo.

— Um dos deuses — repetiu o viajante.

— Senhor Gliddon, estou realmente atônito por ouvi-lo falar assim — disse o conde, voltando a sentar-se. — Nunca nenhuma nação do mundo reconheceu mais de um deus. O Escaravelho, a Íbis, etc., eram para nós — assim como outras criaturas foram para outras nações — símbolos, isto é, intermediários, através dos quais adorávamos a um Criador, demasiado augusto para que nos comunicássemos diretamente com ele.

Aqui houve uma pausa. Por fim, o senhor Ponnonner retomou a conversação.

— Não é, então, improvável, segundo suas explicações — disse ele —, que entre as catacumbas próximas ao Nilo possam existir outras múmias do clã do Escaravelho, nas mesmas condições de vitalidade?

— Sem a menor sombra de dúvida — respondeu o conde. — Todos os Escaravelhos que foram embalsamados por acidente enquanto ainda viviam, estão vivos ainda. Até mesmo alguns dos que foram embalsamados de propósito podem ter sido esquecidos pelos seus executores e ainda continuar encerrados em suas tumbas.

— Você teria a bondade de nos explicar — disse-lhe eu —, o que quer dizer com “embalsamados de propósito”?

— Com o maior prazer — respondeu a múmia, depois de ter olhado para mim atentamente, através do monóculo, porque era a primeira vez que me atrevia a dirigir-lhe a palavra —, com o maior prazer. A duração normal da vida humana, no meu tempo, era de cerca de oitocentos anos. A não ser por algum acidente extraordinário, poucos homens morriam antes dos seiscentos anos, e muito poucos viviam mais de dez séculos; mas oito séculos era considerado um período normal. Depois da descoberta do princípio do embalsamamento, tal como o descrevi a vocês, ocorreu aos nossos filósofos que se poderia satisfazer uma curiosidade louvável e, ao mesmo tempo, fazer avançar consideravelmente os interesses da ciência, se a duração da vida natural pudesse ser dividida e vivida em parcelas. No caso da História, de fato, a experiência demonstrou que

algo dessa natureza era indispensável. Um historiador, por exemplo, tendo alcançado a idade de quinhentos anos, escrevia um livro com muito zelo e depois embalsamava-se cuidadosamente, deixando instruções aos seus executores *pro tempore* para que o devolvessem à vida depois de decorrido um certo período – digamos, quinhentos ou seiscentos anos. Quando retomava a vida, depois de decorrido aquele prazo, encontraria, invariavelmente, sua grande obra convertida em uma espécie de caderno de notas reunidas ao acaso – quer dizer, numa espécie de arena literária de todas as conjecturas antagônicas, enigmas e disputas pessoais de rebanhos inteiros de analistas exacerbados. Essas conjecturas, etc., que recebiam o nome de anotações ou correções, embrulhavam, distorciam e esmagavam o texto tão completamente, que o autor precisava fazer uso de uma lanterna para descobrir o seu próprio livro no meio de toda aquela confusão. E quando o descobria, o pobre livro nunca valia o trabalho que o autor tivera para encontrá-lo. Depois de reescrevê-lo do princípio ao fim, o historiador considerava seu o dever de corrigir, imediatamente, segundo seu conhecimento e experiência pessoais, as tradições do dia com respeito à época em que tinha vivido originalmente. Ora, este processo continuado de reescrever e de retificar, perseguido por vários sábios de tempos a tempos tinha como resultado impedir que nossa história se degenerasse em pura fábula.

— Perdão — disse o doutor Ponnonner nesse momento, pousando ligeiramente a mão no braço do Egípcio —, perdão, meu senhor, mas permite que o interrompa por um momento?

— Certamente, senhor — respondeu o conde, afastando-se um pouco.

— Só queria lhe fazer uma pergunta — disse o doutor. — Você mencionou a correção pessoal do historiador sobre tradições relativas à sua própria época. Diga-me, senhor, em média, qual a proporção de verdade misturada a essa Cabala?

— A Cabala, como você muito bem definiu, senhor, tinha a fama de estar precisamente a par dos fatos relatados nas próprias histórias não reescritas, ou seja, jamais se viu, em circunstância

alguma, um simples iota em qualquer um deles, que não estivesse total e radicalmente errado.

— Mas já que está bem claro — continuou o doutor — que pelo menos cinco mil anos se passaram desde seu sepultamento, presumo que suas histórias naquele período, se é que não também as tradições, deviam ser suficientemente explícitas acerca de um assunto de interesse universal, a Criação, que teve lugar, como presumo que tenha conhecimento, só dez séculos antes.

— Desculpe? — perguntou Allamistakeo.

O doutor repetiu sua observação, mas só depois de muitas explicações adicionais é que o estrangeiro conseguiu compreendê-las. Por fim, o conde, hesitando, disse:

— Confesso que as ideias que sugeriu são totalmente novas para mim. No meu tempo, nunca conheci ninguém que considerasse tão singular fantasia como a de que o universo (ou esse mundo, como quiser) pudesse ter tido um começo. Lembro-me de uma vez, e apenas uma vez, escutar algo vagamente relacionado, por um homem de muito saber, acerca da origem da espécie humana; e esse homem empregava também essa mesma palavra, Adão (ou Terra Vermelha), da qual o senhor fez uso. Mas ele a usava em um sentido genérico, referindo-se à germinação espontânea do lodo — da mesma maneira como são geradas milhares de criaturas dos gêneros inferiores — quero dizer, a geração espontânea de cinco vastas hordas de homens, brotando simultaneamente nas cinco partes distintas do globo.

Nesse momento, em geral, o grupo encolheu os ombros e um ou dois de nós tocaram suas testas com um ar muito significativo. O senhor Silk Buckingham, olhando ligeiramente para o occipício e depois para o sincipício de Allamistakeo, disse:

— A longa duração da vida humana na sua época, juntamente com esse sistema de vivê-la, como nos explicou, em parcelas, deve ter tido, de fato, uma forte influência no desenvolvimento geral e na acumulação dos conhecimentos. Dessa forma, presumo que podemos atribuir a notável inferioridade dos velhos egípcios em todos os

aspectos da ciência, quando os comparamos com os egípcios mais modernos, e mais especificamente com os ianques, à espessura mais considerável dos seus crânios.

— Confesso outra vez — respondeu o conde, com uma perfeita urbanidade — que não estou entendendo bem. Poderia me dizer a que aspectos da ciência vocês se referem?

E então, todos nós, unindo nossas vozes, detalhamos as hipóteses da frenologia e as maravilhas do magnetismo animal.

Tendo-nos ouvido até ao fim, o conde começou a contar algumas anedotas, que tornaram evidente que os protótipos de Gall e de Spurzheim tinham florescido e desaparecido no Egito há tanto tempo que já tinham sido quase esquecido, e que as manobras de Nesmer, na verdade, eram truques desprezíveis quando comparadas aos milagres operados pelos sábios de Tebas, os quais chegavam a criar piolhos e tantas outras coisas maravilhosas.

Então perguntei ao conde se os seus compatriotas sabiam calcular os eclipses. O conde sorriu com ar de desdém e respondeu-me que sim.

Fiquei um pouco atrapalhado, mas comecei a fazer outras perguntas acerca de seus conhecimentos astronômicos, quando um de nossos colegas, que não tinha aberto a boca até então, sussurrou em meu ouvido que a respeito desse assunto, seria melhor se eu consultasse Ptolomeu (seja lá quem for Ptolomeu), ou um tal Plutarco *de facie lunae*.

Perguntei depois à múmia sobre lentes convexas e de outras espécies, e, em geral, sobre a fabricação de vidro; mas não havia nem terminado minhas perguntas quando o membro silencioso do grupo me acotovelou de leve e implorou-me, pelo amor de Deus, que eu desse uma olhada em Diodoro Sículo. Quanto ao conde, em vez de responder, simplesmente me perguntou se nós, pessoas modernas, possuíamos algum tipo de microscópio que nos permitisse cortar ônix com a perfeição dos Egípcios.

Enquanto eu procurava uma resposta para essa pergunta, o doutor Ponnonner embrenhou-se em um caminho verdadeiramente

extraordinário:

— Veja nossa arquitetura! — exclamou, para grande indignação dos dois viajantes, que o beliscavam com força, sem conseguir que ele se calasse.

— Olhe — gritava ele, no auge do entusiasmo — para a Fonte Bowling-Green, de Nova York! Ou, se esse espetáculo é imponente demais, contemple por um instante o Capitólio, em Washington, D. C.! — E o bom doutorzinho chegou até a detalhar minuciosamente as proporções do edifício a que se referia. Explicou que o pórtico, em si, era adornado com não menos que vinte e quatro colunas, cada uma com um metro e meio de diâmetro e colocadas a três metros de distância umas das outras.

O conde respondeu que lamentava não se lembrar, naquele momento, das dimensões precisas de nenhum dos edifícios principais da cidade de Aznac, cuja fundação se perdia na noite dos séculos, mas cujas ruínas permaneciam ainda de pé, na época do seu enterro, numa vasta planície de areia a oeste de Tebas. Ele se lembrava, contudo (a propósito dos pórticos), de ter visto um palácio secundário em um tipo de subúrbio chamado Carnac, que tinha cento e quarenta e quatro colunas, com onze metros de circunferência e sete metros de distância entre cada uma delas. O acesso a esse pórtico, vindo do Nilo, era feito através de uma avenida de três quilômetros, composta por esfinges, estátuas e obeliscos de seis, dezoito e trinta metros de altura. O palácio em si (até onde ele se lembrava) tinha, só em uma das direções, três quilômetros de comprimento e deveria ter, ao todo, uns onze de circuito. As paredes eram ricamente decoradas, por dentro e por fora, com pinturas hieroglíficas. Ele não pretendia afirmar que até cinquenta ou sessenta dos Capitólios do doutor poderiam ter sido construídos dentro dessas paredes, mas que tinha absoluta certeza de que duas ou três centenas deles se espremeriam ali com alguma dificuldade.

Aquele palácio em Carnac era só uma construçãozinha insignificante, enfim. O conde, entretanto, não poderia, em sua consciência, se negar a admitir a engenhosidade, a magnificência e a superioridade da Fonte no Bowling-Green, tal como descrita pelo

doutor. Ele era obrigado a confessar que nunca tinha visto nada como aquilo no Egito ou em qualquer outro lugar.

Perguntei então ao conde o que ele achava de nossas ferrovias.

— Nada de especial — respondeu. Elas eram muito finas, muito mal planejadas e montadas de uma forma desajeitada. Não podiam ser comparadas, de forma alguma, com as estradas amplas, planas e retas e sulcadas com ferro, sobre as quais os egípcios transportavam templos inteiros e obeliscos maciços de quinze metros de altura.

Mencionei nossas gigantescas forças mecânicas. Ele concordou que não éramos de todo leigos no assunto, mas perguntou-me como nos teríamos arranjado para colocar as cornijas sobre os dintéis, como no pequeno palácio de Carnac.

Resolvi não dar ouvidos a essa pergunta e perguntei se ele fazia ideia do que eram poços artesianos, mas ele simplesmente levantou as sobrancelhas enquanto o senhor Gliddon piscava para mim claramente e dizia em voz baixa que os engenheiros contratados para levar água ao Grande Oásis tinham descoberto um recentemente.

Mencionei nosso aço; mas o estrangeiro empertigou o nariz e perguntou-me se com o nosso aço poderíamos ter executado os trabalhos sofisticados de entalhe vistos nos obeliscos, os quais tinham sido totalmente realizados com instrumentos cortantes de cobre.

A pergunta nos embaraçou de uma tal forma, que achamos melhor mudar o tema para os estudos da metafísica. Mandamos buscar um exemplar da revista *Dial*^{*****} e lemos um capítulo ou dois, a respeito de um assunto bastante obscuro, mas que o povo de Boston chama de *O Grande Movimento do Progresso*.

O conde se limitou a dizer que os grandes movimentos eram acidentes totalmente comuns em sua época, e quanto ao progresso, este havia sido uma vez um transtorno, mas que, felizmente, nunca chegara a progredir.

Falamos então da grande beleza e da importância da Democracia, mas tivemos grande dificuldade em impressionar o conde com as vantagens que tínhamos por viver em um país onde havia sufrágio *ad libitum****** e não havia rei.

Ele nos ouviu com nítido interesse e, na verdade, pareceu um pouco impressionado. Quando terminamos, ele disse que, há muito tempo, havia ocorrido algo de natureza muito semelhante. Treze províncias egípcias resolveram, de repente, que seriam livres e que seriam um grande exemplo, um exemplo magnífico, para o resto da humanidade. Reuniram seus sábios e prepararam a mais engenhosa constituição que se pode imaginar. Por algum tempo, as coisas correram muito bem; só que seu costume de ufanar-se era prodigioso. A coisa terminou, por fim, na consolidação dos treze Estados, com uns quinze ou vinte outros, no mais odioso e insuportável despotismo de que já se ouvira falar na face da Terra. Perguntei qual era o nome do tirano usurpador. Respondeu-me o egípcio que, se não lhe falhava a memória, era Plebe.

Sem saber o que dizer depois disso, levantei a voz e deplorei a ignorância dos egípcios com relação ao vapor. O conde me encarou com muita surpresa, mas não disse palavra. O cavalheiro silencioso, entretanto, me deu uma cotovelada violenta nas costelas – disse-me que eu já havia me exposto o suficiente e perguntou se eu era realmente tão tolo a ponto de não saber que a máquina de vapor moderna descendia da invenção de Hero, sem falar de Salomão de Caus.

Estávamos agora em iminente perigo de sermos derrotados, mas, por sorte, o doutor Ponnonner, tendo recobrado as forças, retornou em nosso socorro e perguntou se as pessoas no Egito realmente pretendiam rivalizar com as pessoas modernas, na importantíssima questão do vestuário.

O conde então olhou para os suspensórios de suas calças e, segurando a ponta de seu fraque, segurou-os perto dos olhos por alguns minutos. Deixando-os cair finalmente, sua boca escancarou-

se gradualmente de uma orelha à outra, mas não me lembro se respondeu alguma coisa.

Nesse momento, recuperamos nossos espíritos, e o doutor, aproximando-se da múmia com grande dignidade, pediu que ela dissesse com sinceridade, em nome de sua honra de cavalheiro, se os egípcios haviam compreendido, em algum momento, a fabricação, quer das pastilhas de Ponnonner, quer das pílulas de Bandreth.

Esperamos, com muita ansiedade, por uma resposta – mas a espera foi em vão. A resposta não veio! O egípcio corou e baixou a cabeça. Nunca houve um triunfo tão completo; nunca a derrota foi assumida com tanto despeito. De fato, não consegui suportar o espetáculo da mortificação da múmia. Peguei meu chapéu, fiz um cumprimento a ele e parti.

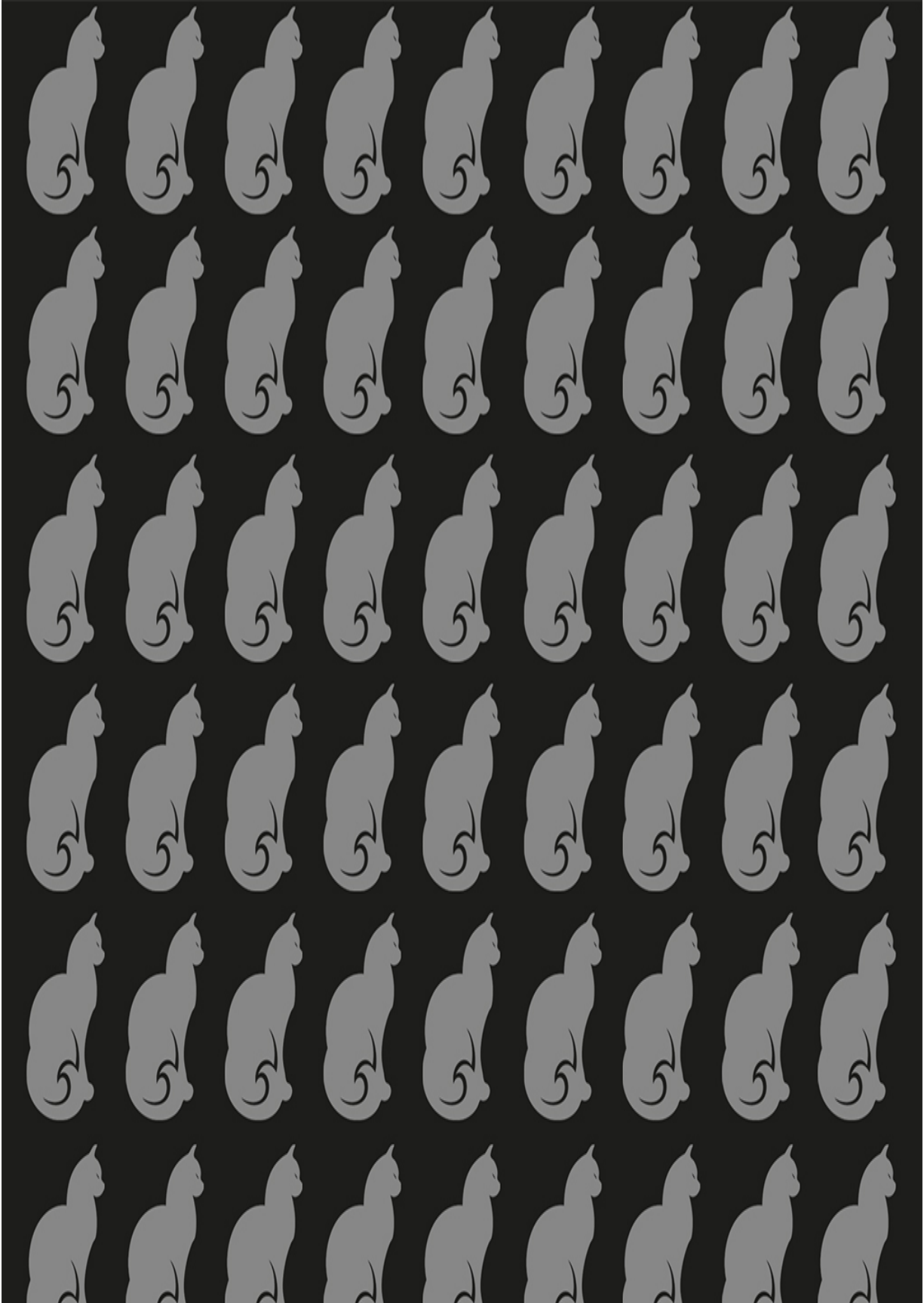
Ao chegar em casa, notei que já passava das quatro da manhã e fui me deitar imediatamente. Agora são dez da manhã. Estou acordado desde as sete escrevendo essas lembranças para o benefício da minha família e da humanidade. Quanto à primeira, não mais a verei. Minha mulher é uma bruxa. A verdade é que tenho nojo desta vida e do século dezenove em geral. Estou convencido de que tudo está indo para o lado errado. Além disso, estou ansioso para saber quem será o Presidente em 2045. Por isso, assim que me barbear e engolir uma xícara de café, vou procurar o Ponnonner e pedir para ser embalsamado por alguns séculos.

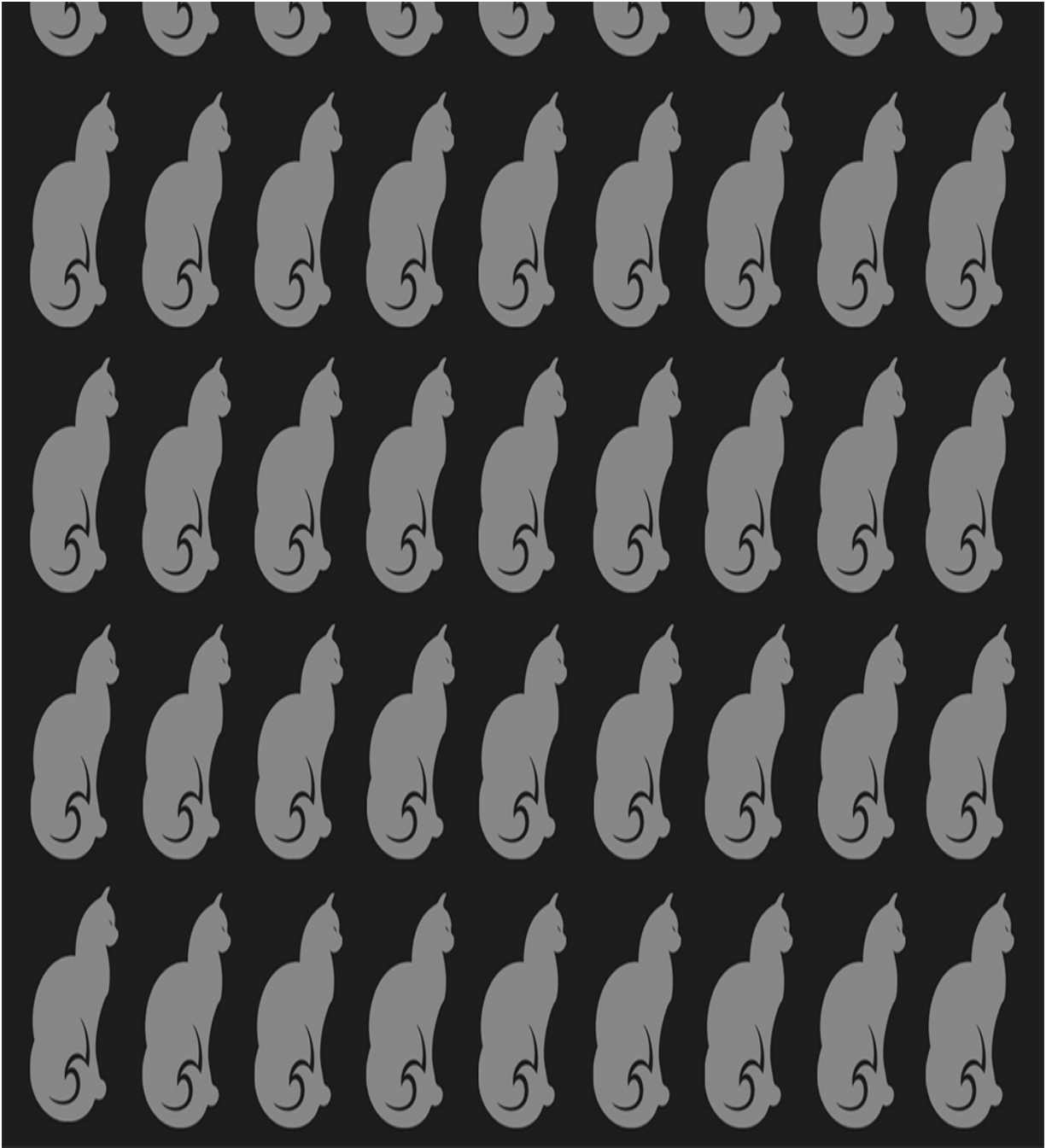
***** Welsh rarebit, rarebit ou welsh rabbit: prato tradicional do País de Gales. Consiste em um molho feito de uma mistura de queijo e manteiga, acompanhado de pão torrado, que é servido como entrada quente. ←

***** Allamistakeo – do inglês “All a mistake”: um ledo engano. ←

***** Revista americana publicada entre 1840 e 1929. Entre 1840 e 1844, serviu como publicação principal do Transcendentalismo. ←

***** Expressão latina que significa “à vontade”. ←







INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS



facebook.com/editorapandorga



twitter.com/editorapandorga



instagram.com/pandorgaeditora

editorapandorga.com.br



CHRONOS